

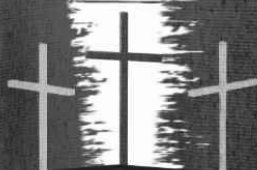
INTI MI DA DE

com Deus



PR. JUCIMAR RAMOS

INTI MI DA DE



Copyright © 2021 by Jucimar Ramos
Todos os direitos reservados. A reprodução de qualquer parte desta obra, por qualquer modo, sem
autorização expressa do autor, constitui violação da LEI 9.610/98.

Alguns textos bíblicos foram parafraseados pelo autor, salvo indicação específica.

Coordenação e Revisão:
Editora Bálsamo de Gileade

Impressão e Acabamento
Sodré Gráfica e Encadernadora Ltda.

R175v	Ramos, Jucimar. Intimidade com Deus / Jucimar Ramos. - Vitória : Sodré Gráfica e Encadernadora, 2021. 1. ed. 234p; 14,5x21cm. ISBN 978-65-86496-14-7 Conteúdo: 1. Igreja. 2. Vida Cristã - Crescimento Espiritual. 3. Teologia. 1. Título. CDD: 240
-------	--

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados:
JUCIMAR RAMOS LOPES

Índice

[Introdução](#)

[Definindo Intimidade](#)

[Origem e Propósito da Intimidade](#)

[Uma Escolha a Fazer](#)

[Impactos da Intimidade nos Relacionamentos](#)

[A Intimidade Rompida no Éden](#)

[Um Novo Convite à Intimidade](#)

[A Intimidade Rompida X A Intimidade Preservada](#)

[Uma Palavra sobre a Malícia](#)

[Resultados da Intimidade ou da Falta Dela](#)

[Escândalos: Uma Visão Bíblica](#)

[A Rocha de Escândalo](#)

[Ferramentas que Constroem a Intimidade](#)

[Posturas Práticas para a Construção da Intimidade](#)

[O Exemplo de Enoque](#)

[O Exemplo de Gômer](#)

[Bebendo da Fidelidade de Deus](#)

[Conclusão](#)

[Posturas Práticas, Na Busca Pela Intimidade Com Deus](#)

[Intimidade](#)

[Sobre o autor](#)

Introdução

Considerando que Deus é um ser espiritual, invisível e que, portanto, se manifesta de forma totalmente fora do alcance de nossos sentidos físicos e psicológicos, a intimidade com Deus é, desde sempre, um assunto extremamente complexo para os cristãos. Na tentativa de entender esse conceito, em se tratando das comunidades cristãs de todos os tempos, quando pensamos em intimidade com Deus, podemos inserir quase qualquer tema ou filosofia dentro de sua definição.

Por exemplo, podemos chamar muitas práticas diferentes de *intimidade com Deus*, desde uma oração, que seja secreta, porque ninguém consegue ouvir, até o choro emocionado de um momento de devoção, onde o devoto põe sua emoção na conta de uma profunda intimidade. Mas, a verdade é que não temos pensado em intimidade com sobriedade suficiente para entendê-la, de fato, especialmente quando aplicada a um relacionamento tão complexo como o relacionamento com uma divindade, como o Deus de Abraão, a quem servimos. Digo isso porque esse tema é muito subjetivo e profundo ao mesmo tempo.

Neste livro, *Intimidade com Deus*, quero caminhar através desse tema com você, montando um quebra-cabeças que busca agregar, numa mesma perspectiva, a revelação bíblica, o conhecimento da natureza humana (que carece de intimidade) e, finalmente, a definição literal e filosófica da própria palavra *intimidade*, para termos uma visão clara, bíblica, emocional e, principalmente, pragmática, da ideia de intimidade.

Em nome de Jesus, eu desafio você a vir comigo nessa aventura, de aprender a viver a intimidade com Deus, de forma efetiva e profunda.

Capítulo 1

Definindo Intimidade

“E Jesus, dando um grande brado, expirou. E o véu do templo se rasgou em dois de alto a baixo.” Marcos 15. 37, 38 – ACF

Dar um grande brado e finalmente morrer significa que ele morreu sem ser discreto – sua dor e agonia foram um escândalo bem visível para quem quisesse ver.

Mateus registra a mesma cena:

“E Jesus, clamando outra vez com grande voz, rendeu o espírito. E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras.” Mateus 27. 50, 5 – ACF

*A carne rasgada na cruz...
O véu rasgado no templo...
Deus morreu na vergonha...
Deus morreu de vergonha...
Ele abriu as suas portas e se deixou ver...
E sua intimidade tinha tudo a ver com isso...*

Mateus e Marcos, ambos colocam Jesus nesta cena de total vergonha. E essa, definitivamente, é uma daquelas cenas que precisamos avisar aos desavisados: não é algo bonito de ser ver.

Outro dia, durante o almoço, estávamos à mesa, eu e minha família, porém, antes de eu me sentar à mesa, eles estavam me esperando, enquanto viam um dos programas favoritos da minha esposa. Mas, o programa não combinava muito com o almoço, porque mostrava algumas cenas muito fortes, passadas em um pronto socorro.

De fato, existem cenas muito desconfortáveis e a imagem de Jesus na cruz, exposto, é uma delas. Os artistas foram discretos em pintar aquele pano sobre o corpo de Jesus, mas, a verdade é que ele estava nu –

vergonhosamente exposto, sendo rasgado no calvário.

Ao mesmo tempo, acontecia algo parecido no templo. Ao longo de mais de um milênio de história, aquele lugar foi o oculto de Deus. Mateus e Marcos usam uma palavra cujo sentido, no português, não conseguimos discernir bem o sentido. E eu escolhi a versão Almeida Corrigida Fiel, tanto para Marcos 15.37, 38, quanto para Mateus 27.50, 51, somente por causa da poesia do texto, porém, essa não é a melhor versão para expressar a ideia daquela cena. Marcos e Mateus usam a palavra “templo”, nessa versão, contudo, a melhor palavra seria “santuário” ou “lugar santíssimo”.

Quando você imagina que o véu do templo se rasgou, pensa num templo e num véu, à vista de todos. Você pensa nesse lugar e nesse véu rasgado, dessa forma, porque, no ocidente, o véu é usado atrás da nossa cabeça, descendo pelas costas, mas, aquele véu e aquele lugar santíssimo – ou o santuário – para a cultura dos judeus, era o lugar mais escondido, mais sagrado, protegido e velado – ninguém entrava lá. Era guardado ao extremo e nem o sacerdote podia entrar lá, na hora e do jeito que quisesse. Caso ele precisasse, poderia até entrar, mas, oficialmente, ele só poderia entrar lá uma vez ao ano, levando sangue sagrado sobre ele e na mão, em oferta pelo povo.

O santuário era um lugar especial e, de repente, um terremoto balança a cortina grossa e protetora, que guardava da vista algo que não deveria ser mostrado – somente uma força superior poderia ter rasgado aquele véu, porque ele era feito de um material bastante resistente. Era uma cortina grossa, forte e firme, que foi rasgada com força e creio que apenas o próprio Deus poderia ter feito algo do tipo. O terremoto não daria conta de rasgar aquela cortina tão espessa, mas, Deus a rasgou de alto a baixo. E aí, a vergonha foi revelada. A impressão que se tinha é que aquilo que estava guardado a sete chaves foi mostrado, para qualquer um que quisesse ver.

Marcos, bem como Mateus, associa as duas coisas, fazendo uma conexão entre Jesus morrendo na cruz e o véu se rasgando no templo, ao mesmo tempo. A nudez de Jesus sendo revelada; Deus assumindo uma fraqueza para mostrar ao mundo, no mesmo instante, na cruz e no templo; a vergonha sendo liberada. E, talvez, você se pergunte qual a ligação entre vergonha e intimidade. Pois, eu te digo que uma coisa tem tudo a ver com a outra. Porque vergonha é quando a sua intimidade é mostrada para quem você não

gostaria que a visse, ou seja, é mostrada para o abusador. Para entender melhor isso, vejamos o que é intimidade.

Definindo intimidade

A palavra ‘intimidade’ vem do latim *intimus* e significa *aquilo que é mais interior, que é lá de dentro*. Em algumas culturas, se diz que *intimus* é o nome dado a esse lugar, no centro do peito – o lugar mais fundo da gente. Quando alguém vem até você, o lugar mais fundo em você que ele consegue alcançar é o *intimus*. A ideia por trás da palavra *intimus* é o lugar mais longe, mais profundo em você que alguém possa chegar, porque é o lugar que está mais escondido e protegido dentro de você. Intimidade é aquilo que você guarda só pra si mesmo, que esconde na sua recâmara, no seu quarto secreto – a ideia é o “só eu”.

A definição de intimidade é complexa, porque, quando pensamos em intimidade entre duas pessoas, falamos de coisas distintas, conforme a mudança das fases, dentro do relacionamento. No começo do casamento, por exemplo, intimidade significa uma coisa e, dez anos depois, significa outra – e, ao avaliar o mesmo relacionamento vinte anos depois, percebe-se que intimidade já significa outra coisa, totalmente diferente do que significava lá atrás. Porque intimidade é o quanto você deixa seu cônjuge entrar nos seus segredos, nas suas vergonhas, naquilo que é só seu – intimidade tem a ver com o quanto você revela da sua nudez para o outro.

Estou me lembrando de um seminário que ministrei sobre a importância da intimidade no casamento e quando abri para depoimentos, após falar sobre a necessidade de não invadir a intimidade na busca de intimidade, foi preciso reinterpretar com muito cuidado certos depoimentos que estávamos ouvindo, porque houve marido reclamando de sua esposa que, se pudesse, colocaria dois vasos sanitários no banheiro, um ao lado do outro. Mas aqueles maridos definitivamente não queriam isso! Eles desejavam poder trancar a porta naquele momento e não ter mais ninguém por perto naquele lugar. Porém, com tal revelação aquelas esposas tinham a percepção de que, elas não queriam ter intimidade com elas. E foi bem complicado ajudar aquelas mulheres a entenderem que a intimidade invadida não é intimidade, mas

abuso.

Toda vez que a intimidade acontece contra a minha vontade, o nome disso não é intimidade, é abuso. E de fato algumas vezes é muito complicado ajudar certas pessoas a entenderem que, para que você tenha intimidade comigo, eu preciso querer essa intimidade. Aqueles maridos não queriam tal nível de intimidade e as esposas precisavam respeitar isso, pois respeitando tinham muito mais intimidade com eles do que abusando.

Intimidade está ligada à minha permissão para que você entre no meu mundo, nos meus segredos e no meu universo – aquilo que só diz respeito a mim. Por isso, você precisa da minha permissão. Então, quando falamos em intimidade, pensamos em intimidade física, emocional, intelectual e espiritual - e, em todas essas áreas, todos nós temos um canto que é só nosso, de modo que, quando permitimos que alguém partilhe do nosso canto, esse alguém está tendo intimidade conosco.

E saiba que, em todas essas áreas (física, emocional, intelectual e espiritual), a intimidade tem níveis. Porque eu posso te chamar de “meu íntimo”, mas, te deixar entrar só na sala – porque você é meu íntimo apenas na sala. Tem gente que não entra nem na minha casa, quanto mais na minha sala. E, se você entrou na minha sala, no meu lugar secreto, um lugar que é importante para mim, você é meu íntimo, naquele ambiente específico. No entanto, tem gente com quem tenho um pouco mais de intimidade e que permito que use o meu banheiro, que deite na minha cama e, até mesmo, que me veja nu. Porque a intimidade não é um estado absoluto, existem diferentes níveis de intimidade.

E você pode se perguntar o que essa definição de intimidade tem a ver com a cruz e eu te digo que a cruz foi o lugar onde Deus se rasgou e mostrou a sua intimidade para nós. No entanto, isso ainda não te torna íntimo de Deus, porque, a intimidade só existe se for algo recíproco, conforme veremos mais adiante. Por ora, perceba que ele se rasgou no templo, na carne e mostrou sua nudez. A revelação pública de Deus e a revelação pessoal dele estavam rasgadas, mostradas, claramente, para quem quisesse ver e, nesse ponto, eu gostaria de te mostrar uma cena, mas, por favor, seja compreensivo comigo, pois, não dá para falar de intimidade sem usar figuras de linguagem.

A cena que eu quero que você visualize foi pintada ao longo das Escrituras usando o relacionamento entre um homem e uma mulher como figura para a intimidade – e eu tenho que te explicar isso porque, do contrário, você pode não entender o meu raciocínio. Desde Gênesis até Apocalipse, a imagem da

relação íntima entre um homem e uma mulher sempre foi usada como figura para falar da intimidade que Deus busca vivenciar com o ser humano. Então, visualize essa cena comigo.

Imagine que uma mulher está em seu quarto – vestida, quieta e sozinha. Não há mais ninguém lá. Então, um homem entra naquele quarto – e ele é forte, vigoroso e capaz – se aproxima dela e, lentamente, começa a desabotoar as suas roupas. Ela sabe que não pode resistir a isso, porque não tem força física para impedi-lo. Então, esse homem a despe completamente. Como essa mulher se sente?

A resposta a essa pergunta depende de quem é esse homem. Se esse homem é alguém com quem essa mulher tem uma aliança, alguém que ela sabe que ama, que faria qualquer coisa para protegê-la, alguém que ela convidou para os seus segredos, que ela quer que esteja ali e que olha para aquilo que a envergonha com orgulho, amor, carinho e afeto – então, para esse homem, ela tem prazer em se deixar ver. Para esse homem, cada botão aberto é uma alegria, um contentamento.

Mas, e se esse homem for outra pessoa? E se ele for um abusador, um inimigo, um tendencioso a envergonhar a nudez dela? Mesma situação, mas, cada botão aberto é uma dor mais profunda, porque intimidade implica em eu querer mostrar a minha nudez. Qualquer coisa diferente disso é abuso, pois, não existe intimidade de verdade se eu não quero mostrar. Contudo, quando eu quero mostrar, então, a intimidade acontece, de verdade e naturalmente.

O que não é intimidade

A expressão máxima de intimidade, pronunciada por uma mulher para um homem, é: eu sou sua, eu te pertencço. Significa que não tem nada em mim que eu vá esconder de você. Deus fez isso, rasgando sua carne na cruz e o véu no santuário. Deus estava dizendo: “estou exposto – vai ter intimidade comigo ou vai me desprezar? Vai se escandalizar com a minha nudez? Vai fazer parte da minha vida ou vai se unir àqueles que me desprezam?”.

Eu não deveria, mas, vou te dizer que a vergonha mostrada na cruz e a cortina rasgada no templo estão com os dias contados. Logo, logo, o Cordeiro se manifestará como Leão e toda vergonha exposta, mostrada e expressa será

coberta com glória. Pedro estava falando disso quando disse: *“Contudo, alegrai-vos por serdes participantes dos sofrimentos de Cristo, para que também vos alegreis e exulteis na revelação da sua glória.”* (1 Pedro 4.13).

Quero te contar que, aqueles que abraçam os pés ensanguentados dele, que escolhem ter intimidade com ele, quando a sua vergonha está sendo exposta, vão reinar com ele quando sua glória for mostrada ao mundo. Quando, finalmente, chegar a hora em que o corpo nu – exposto, machucado e ferido – for vestido com o manto de divindade, de realeza, com uma coroa de glória, um brilho no rosto e um cetro na mão, ou seja, quando a grandeza assumir o lugar da vergonha, quem estava com ele nessa vergonha, estará com ele na glória.

Mas, por que eu não deveria ter te contado isso? Porque, se você o escolher com interesse na glória que virá, então, você não o escolheu realmente, não foi uma escolha de verdade. Intimidade não tem a ver com jogo de interesses, não tem a ver com “eu te escolhi porque você é rico” ou “estou me envolvendo intimamente contigo porque eu quero o que você tem a oferecer” – isso não é intimidade. Na verdade, isso é tão abusivo quanto qualquer outro tipo de abuso existente, porque é apenas o jogo sendo jogado.

Ele espera mais de você, espera que você o aceite, mesmo que ele esteja escandalizado; que você o aceite, mesmo que ele esteja sem defesa; que o aceite quando ele estiver exposto e que seja envergonhado junto com ele. Ele espera que, quando ele for exposto, lá na rua, diante de todos, e não tiver ninguém para representá-lo ou sair em sua defesa, você diga: “eu estou com ele; eu estou com ele para morrer e para viver; para me envergonhar e para sofrer junto, porque eu tenho uma aliança com ele”.

E o que ele vai te dar em troca? Nada – “eu não estou com ele porque quero alguma coisa; eu só tenho uma aliança com ele”. A glória virá, mas, a intimidade é não pensar na glória. Intimidade é “eu estou com ele por causa dele”, independente do que eu vou ganhar com isso. Eu quero ele por causa dele e a vergonha dele é minha, porque nós temos uma aliança.

Nessa hora, eu te convido a entrar diante dele e manifestar a sua escolha. A carne está rasgada, o véu está rasgado e a nudez está exposta. É entre você e ele. Ele não vai forçar a intimidade porque intimidade forçada é abuso. Ele

não vai invadir porque, se invadir, não será intimidade. Ele só vai dar o primeiro passo – ele rasgou a roupa primeiro, ele se expôs primeiro. Ele rasgou o véu e ficou nu primeiro e espera saber qual é a sua escolha. Você vai ficar esperando que ele tenha glória ou riquezas para te comprar? Ou vai assumir a vergonha e a pobreza junto com ele?

O Deus Todo-Poderoso se mostrou fraco, frágil, indefeso e, agora, o que você vai fazer com isso? Vai se envergonhar ou se comprometer? Vai fugir ou vai se apresentar? Ele está te negando todos os seus interesses e te perguntando: “você ainda me quer?”. Ele está tirando da mesa todas as promessas e te perguntando: “você ainda me quer?”. Pelos interesses, muitos querem, mas, ele tirou da mesa essas vantagens e pede uma resposta: “você ainda me quer?”. E, se sua resposta for ‘sim’, você entendeu o que é intimidade.

Capítulo 2

Origem e Propósito da Intimidade

“Regozijemo-nos! Vamos alegrar-nos e dar-lhe glória! Pois chegou a hora do casamento do Cordeiro, e a sua noiva já se aprontou.” Apocalipse 19. 7
NVI

“E ouvi uma forte voz que procedia do trono e declarava: “Eis que o Tabernáculo de Deus agora está entre os homens, com os quais Ele habitará. Eles serão o seu povo e o próprio Deus viverá com eles, e será o seu Deus.” Apocalipse 21. 3 KJA

Imagine que pudéssemos voltar ao passado, para um momento onde não houvesse a noção de tempo, onde a terra ainda não tivesse sido criada e todos os planetas, mundos e corpos celestes, incluindo o sol, ainda não existissem – um momento em que a criação ainda fosse apenas um plano no coração de Deus. Bem, já existem teorias defendendo que não existe apenas um universo é, sim, vários universos, o que tem sido chamado de “multiverso”. Para falar francamente, eu penso que isso é muito mais fruto de uma fantasia do que ciência, propriamente dita, mas, ainda que haja um multiverso, imagine que nada disso havia sido criado, até então.

Os anjos, querubins, serafins, seres celestiais – também nenhum deles havia sido criado. Imagine que fosse possível voltar a esse tempo, antes de tudo ser criado, há bilhões e bilhões de anos atrás, como os evolucionistas gostam de pensar. Então, não havia nada, mas, havia uma família – o Pai, o Filho e o Espírito Santo, vivendo em intimidade eterna.

Convidei você a pensar nisso comigo porque é preciso entender que intimidade já existia antes que houvesse qualquer outra coisa. Relacionamento com profundidade já existia antes que tudo o mais tivesse sido criado. Aquela família estava lá, vivendo intimamente, numa relação profunda, sem nenhum problema, sem nenhuma dificuldade.

E, então, eu fico imaginando como seria o momento do jantar, enquanto eles se alegravam na presença um do outro, dividindo a intimidade de estar junto

e vivendo o respeito de quem entende que o outro é diferente. Porque, eu não sei se você já notou, mas, as Escrituras fazem questão de deixar claro que o Pai, o Filho e o Espírito Santo estão encaixados na categoria “Deus”, porém, são pessoas diferentes – há limites para um que o outro não tem. Aliás, falando de relacionamentos humanos, não há intimidade quando não se pode respeitar a diferença e o limite do outro. Mas, vamos voltar aos tempos antigos...

Antes que houvesse mundo, lá estavam os três, vivendo intimamente e, no meio de um jantar – de uma ceia de comunhão, de um relacionamento, em intimidade – eles decidem, juntos, que querem trazer mais gente para essa mesa. E eu sei que, nessa hora, mentes racionais perguntam algo do tipo: “nós viemos de Deus, mas, e Deus, veio de onde?”.

Preciso te contar que ele não veio de lugar nenhum. Eu sei que isso dá um nó na nossa cabeça. E porque dá um nó, esse *bug* na nossa cabeça? Porque a nossa mente, criada, não consegue imaginar nada que não tenha sido criado também. Por termos sido criados, nossa percepção da vida, em geral, não consegue alcançar a ideia de algo que não começou, mas, que, simplesmente, é.

Lembro-me que, na minha adolescência, eu amava evangelizar, mas, infelizmente, não tinha a unção evangelística (para meu desespero, porque eu desejava muito isso). Eu evangelizava continuamente, mas, as pessoas não se convertiam. E, quando eu digo que não tenho unção evangelística, estou falando de um dom – pessoas que tem unção evangelística levam outros a Cristo com poucos minutos de conversa. Nesses poucos minutos, o outro já está chorando, de mão levantada e se convertendo. Mas, comigo, nunca foi assim: eu explicava a bíblia, de Gênesis a Apocalipse, e a pessoa ficava sábia, pegava o diploma da faculdade de teologia, mas, a conversão não acontecia. E isso acabava comigo, me deixava mal – o fato é que não era o meu dom.

Mesmo assim, aquelas experiências geraram boas histórias e uma dessas histórias foi de uma senhora, que me recebeu muito bem em sua casa, por sinal. Eu fui evangelizá-la e bati palmas diante do seu portão. Ela me deixou entrar, me tratou bem, gostou de mim, me escutou e até me serviu café com bolo, enquanto conversávamos. Contudo, num dado momento, ela se cansou de me ouvir e disse: “menino, eu gostei de você, mas, vou te falar a verdade:

eu não gosto de crentes; e eu não gosto de crentes porque eles são doidos. Eles falam que Maria não é a mãe de Deus. Meu filho, tudo nessa vida tem mãe! Como é que Deus não tem mãe?”. E eu fiquei pensando: “como é que eu vou explicar para uma pessoa, com essa mentalidade, que Deus sempre existiu?”.

Aliás, para Deus, a palavra ‘sempre’ é ínfima, pequena demais e, portanto, não significa nada. ‘Sempre’ impressiona a mim e a você, mas, não impressiona a Deus, porque ele é muito além do ‘sempre’. Muito, muito, muito além do que ‘sempre’ significa. Na verdade, imagine que toda a criação e tudo o que existe estejam dentro de uma bola – Deus está fora dessa bola. Quando ele chamou a criação à existência, ele não fazia parte dessa mesma criação. O ‘sempre’ e o ‘nunca’ estão dentro da bola, mas, Deus está fora dela. E, mais uma vez, eu sei que isso dá um nó na sua cabeça, mas, fique tranquilo, você não está sozinho – porque dá um nó na minha também.

Deus é muito além de tudo isso, muuuuuuito além. Ficamos tão impressionados com toda a maravilha de tudo o que Deus criou que chegamos a escolher coisas para serem nossas divindades, de tão maravilhosas que são. Mas, eu quero te contar que, antes que houvesse tudo isso, que tanto nos impressiona, Deus já era Deus. Os seres e coisas que ele criou, tão fantásticos e poderosos, como, por exemplo, os tronos, os serafins, aqueles seres deslumbrantes – nós, facilmente, poderíamos olhar para eles e chamá-los de divindades (e muitos, realmente, fazem isso). Mas, esses grandes e poderosos seres são apenas criaturas desse Deus, que nossa mente não é capaz de decifrar e discernir.

Na verdade, estou te falando desse Deus, inalcançável para a mente humana, só para te contar uma coisa: esse Deus – que eternamente existe, que se relaciona entre si, em três pessoas – já tinha intimidade antes mesmo que houvesse mundo. E, quando, ele decidiu trazer alguém mais para esse relacionamento – e quero te dizer que esse alguém é você – sabe o que ele queria dar a esse alguém? Intimidade. Deus só nos criou para que um dia pudesse ter intimidade conosco. A intimidade, portanto, é a razão da existência de tudo o que ele criou. Mas, a nossa mente pensa assim: “não, se Deus já existia, então, ter intimidade conosco não é a razão de tudo o que existe”. A questão é que Deus está muito além da existência.

Platão^[1] já trabalhava com essa ideia e é daí que vem o termo ‘platônico’. ‘Platônico’ fala de coisas intangíveis, que estão fora do âmbito palpável e concreto, que o homem não pode tocar – Platão já trabalhava com esse conceito, segundo o qual há um Deus que não existe, pois, simplesmente, é. Porque, quando eu falo de existir, falo de tudo o que está dentro daquela bola que ele criou e Ele está além disso tudo, ele é mais do que isso tudo. Ele está fora e acima da criação. Tudo o que está na criação, existe, mas, ele está além – ele é.

Intimidade como propósito divino

Quando Deus resolveu trazer uma criação à existência, o que ele queria mesmo era ter intimidade com você. Ele queria trazer mais alguém para a família, para que pudesse fazer parte dela. E eu desconfio que todas as camadas da criação, que Deus estabeleceu no decorrer do tempo (como os seres poderosos de que falamos e os mundos, um depois do outro), tem sido só um pretexto para nos alcançar. E, claro, eu posso estar exagerando – embora não creia, realmente, que esteja. Porque eu não vejo – e me desculpe se estou indo além da sua teologia – mas, eu não vejo nenhum anjo sendo chamado de “esposa do Cordeiro”. Também não vejo nenhum querubim ou serafim sendo chamado de “noiva do Cordeiro”. E não vejo Deus fazendo promessas a ninguém mais, do tipo “você vai morar comigo na minha casa”. Não o vejo falar nada desse tipo para nenhum anjo, nenhum outro ser, de qualquer hierarquia que seja: “na casa do meu pai tem muitas moradas”. E eu posso imaginar ele dizendo isso, dando uma piscadela com o olho direito: “na casa do meu pai tem muitas moradas, vem morar comigo”. Eu sei que a nossa cultura não alcança isso, mas, para expressar a sua intenção, Jesus está usando uma linguagem comum, própria daquela cultura e daquele tempo.

Naquele momento histórico, dentro daquela cultura, era isso o que um noivo dizia para sua noiva, ao lhe propor casamento: “na casa do meu pai tem lugar, a fazenda é grande e eu vou construir uma casa para nós; vou preparar uma plantação, ajeitar tudo para vivermos lá e, quando tudo estiver pronto, eu venho te buscar, para você morar comigo; e, aí, você vai sair do *status* de noiva e vai passar a ser minha esposa – e vamos morar juntos para sempre”.

Eu não vejo Deus fazendo esse tipo de promessa para os anjos e, sim, eu posso estar enganado, mas, eu consigo provar nas Escrituras que Deus só prometeu isso para nós, os seres humanos. E, tudo bem, isso não significa nada, porque estamos falando de coisas que transcendem, então, eu posso estar muito errado mesmo, na minha interpretação das Escrituras, contudo, insisto em que essa promessa foi feita somente para nós, os humanos.

E eu gosto de pensar que Deus criou grandes seres poderosos, os serafins, os querubins, os tronos, os arcanjos, os anjos e que foi criando camada após camada, na história da criação. Então, ele finalmente nos inseriu nessa história, como uma dessas camadas. E, quando ele começa a lidar conosco, fica claro que tudo o que ele queria era chegar até nós – ele queria alguém para morar com ele, com quem pudesse ter intimidade.

Na cultura judaica, quando a noiva se casa, ela herda o nome da família de seu marido e passa ser considerada como parente consanguíneo de toda a família do noivo. O ritual da refeição da aliança, que era um ritual praticado nos casamentos judaicos, significava exatamente isso; que a partir do ponto em que o noivo e a noiva selassem o casamento com a intimidade sexual, o sangue dela passaria a ser do mesmo tipo que o dele. O nível de aliança que ela passaria a ter com ele, a partir daquele momento – com ele e com seus pais, irmãos, tios ou seja, com toda a sua família – incluía que se necessário morreriam pelo outro. Aquela aliança familiar seria estendida para aquela moça, que não tinha nenhuma ligação com aquela família antes daquele momento e que, talvez, tenha vindo de outra raça, outro sistema e cultura; no entanto, a partir do momento em que se casa, ela passa a fazer parte da família e, portanto, a aliança é válida para ela também.

Deus faz essa comparação para nos ensinar que a Igreja é a noiva do Cordeiro e que o casamento está marcado. E, depois do casamento – que acontecerá nas bodas do Cordeiro – a noiva deixará de ser noiva para se tornar esposa. E, é claro que isso é linguagem figurada e o sentido por trás dessa metáfora é que a nossa natureza vai mudar. Ou seja, depois do arrebatamento da Igreja – por meio de um evento que vai acontecer no céu e que o livro de Apocalipse chama de *Bodas do Cordeiro* – a nossa natureza vai ser transformada em algo totalmente novo, que nos tornará capaz de assentar à mesa da Trindade e ter intimidade com Deus.

Mas, tudo isso fica ainda mais maravilhoso ao lermos, em Apocalipse 22, que Deus vai morar conosco. Nesse texto, você percebe que o tom é de algo como “era isso o que eu estava querendo há muito tempo, desde que comecei toda a história da criação”. Então, o que parece ser o final da história, na verdade, era o propósito de Deus desde o início: ter intimidade com cada um de nós. Toda essa história nos conduz a uma aliança com Deus e a aliança é uma parte essencial da intimidade, porque intimidade sem aliança é promiscuidade. Intimidade sem compromisso, que não tem selo e que não tem comprometimento, é promiscuidade – e Deus não pode ter intimidade com quem não quer aliança, não quer compromisso.

Por isso, Deus coloca Adão e Eva no jardim e diz: “eu vou te dar escolha porque, se você não tiver escolha, não terá me escolhido, realmente; então, eu vou facilitar para você – vou te dar uma super, ultra, mega, *power*, *plus* árvore da vida e vou colocá-la no centro do jardim (linda e posicionada para que todos possam ver). Ela será maravilhosa e perfeita, mas, eu vou te dar mais um monte de árvores – muitas árvores frutíferas, igualmente lindas, para você usufruir. E vou colocar uma árvore diferente naquele jardim, a árvore da ciência do bem e do mal. Para facilitar ainda mais as coisas para você, vou colocá-la escondida, longe do seu campo de visão, e vou te dizer: “não chegue perto dela” - porque você precisa me escolher, se quiser ter intimidade comigo. Então, você terá duas opções e vai ter que escolher – somente, então, a sua vontade será validada diante de mim”.

Adão e Eva escolheram não ter intimidade. E, quando a intimidade foi rompida, a criação foi corrompida. Para que a intimidade acontecesse, uma escolha precisava ser feita e Adão fez a escolha errada – lembre-se: para que a intimidade aconteça, o outro também tem que querer. Isso implica no fato de que intimidade, quando é forçada e invadida, não é, realmente, intimidade. Para ser uma intimidade real, tem que haver limites e esses limites precisam ser liberados espontaneamente.

Você se lembra do homem desabotoando a roupa daquela mulher? Pois é, se a mulher quer, isso é intimidade, mas, se ela se sente invadida, então, é abuso. Perceba que é o mesmo ato, com significados diferentes – Deus não poderia invadir porque, se invadissem, já não seria intimidade. Então, quando Adão faz a escolha errada, ele quebra a intimidade e, quando quebra a

intimidade, ele anda na contramão de quem ele é – porque ele foi criado, especialmente, para a intimidade. Quando Adão deixa de ter intimidade com o divino, ele começa a afundar, enquanto ser humano, e a perder sua essência espiritual.

Notamos isso, muito claramente, na fala de Deus sobre Adão, quando ele o vê se relacionando com os animais. Sua forma de se relacionar com eles evidenciava uma profunda sede de relacionamento – aquela sede que Deus leu em Adão era sede de intimidade. Adão tinha sido criado para isso e queria isso, mas, ele ainda não estava pronto para ter aquele nível de intimidade com Deus. E, percebendo isso, ao olhar para Adão, Deus diz: *“não é bom que o homem esteja só”* (Gênesis 2.18).

No hebraico, acontece um jogo de palavras, no mínimo, interessante, em relação a esse versículo. No hebraico, esse versículo combina dois termos: a palavra ‘não’ e a palavra ‘bom’. Na nossa tradução, está escrito assim: “não é bom que o homem esteja só”, mas, no hebraico, é *lo tov* e a ideia por trás de *lo tov* contraria a ideia de ‘bom’. Na linguagem moderna, Deus estaria dizendo algo do tipo “nesse contexto, surge o mal”. ‘Não bom’ é o jeito de Deus dizer que, quando o homem não vive em intimidade com ele, é aqui que o mal nasce – está dizendo que a falta de intimidade com ele é a origem do mal.

Conheço uma história que ajuda a ilustrar isso. Eu digo que é uma lenda, porque tentei comprová-la e não achei sua origem. Mas, uma boa história é sempre uma boa história, então, decidi compartilhá-la com você, mesmo sem conhecer a sua fonte. Essa história teria se passado com Einstein, quando ele ainda era um menino, que frequentava a escola. Ele estava na sala de aula e o professor tentava convencer os alunos de que Deus não existe – ou, melhor dizendo, ele tentava fazer uma lavagem cerebral para convencê-los de sua teoria infeliz. O raciocínio dele era: “se Deus existe, então ele é mau, porque tem muita coisa ruim no mundo; e, se Deus for bom, então, ele não existe porque, como um Deus bom permite tanto mal no mundo?”.

Os alunos, acuados num canto e sentindo-se intimidados pela eloquência e firmeza do professor, não ousavam respondê-lo – até que o menino Einstein ficou de pé e falou: “professor, o frio existe?”. E o professor disse: “claro que o frio existe; o frio é uma sensação ruim. Todo mundo sente frio”. Ao

que o menino redarguiu: “não, professor, a verdade é que o frio não existe, o que existe é calor; o que chamamos de ‘frio’ é só o nome dado à ausência de calor. O calor pode ser estudado, medido em graus, mas, não existe medição para o frio – o que chamamos de ‘frio’ é só a diminuição do calor, de modo que ‘frio’ é o nome que damos para o momento em que nos distanciamos de uma fonte de calor”.

Então, o menino avança em seu raciocínio: “professor, a escuridão existe?”. E o professor responde: “claro que existe, você já viu a escuridão”. E o garoto responde: “não, professor, o que existe é luz. Escuridão é só o nome que damos à ausência ou afastamento da luz. Quanto mais longe da luz, mais perto da escuridão. Mas, a escuridão não é real, ela não existe, de fato, pois, não pode ser medida. A luz pode ser medida, estudada, refratada, dividida, mas, não, a escuridão. Não dá para fazer nada com ela, porque ela não existe, ela é apenas um nome dado para um fato e o fato é a ausência da luz. Então, dizemos que você está na escuridão”. Assim, o menino Einstein desenvolveu sua linha de pensamento até o ponto onde queria chegar, desde o início, fazendo uma última pergunta: “professor, o mal existe?”. E o professor, compreendendo onde ele pretendia chegar, respondeu: “claro que o mal existe; vemos tanta maldade no mundo; inclusive, o mal só existe porque Deus permite, se é que ele existe”.

E o menino encerrou o assunto com a seguinte declaração: “professor, a verdade é que o mal não existe; o mal é como o frio e a escuridão”. O mal é somente um nome inventado para definir o distanciamento daquilo que é bom. Quanto mais longe do que é bom, mais o mal toma conta dos espaços que o bom deveria estar ocupando e mais vemos reações de maldade, porque o sistema criado piora, quanto mais longe estiver do Criador.

Essa ilustração nos ajuda a entender o significado de *lo tov* – *lo tov* é a expressão hebraica que significa ‘não bom’. Deus está dizendo que ‘não bom’ não é, exatamente, algo mau, mas, algo que tende a ser mau, que tende a piorar, que caminha na direção do mau; uma expressão que se aplica quando você se afasta da fonte do que é bom e, portanto, fica ‘não bom’, tendencioso a ficar pior do que está, porque não tem o bem operando em você. Resumindo: ‘não bom’ é o homem afastado de Deus, cujo estado de deterioração avança com regularidade e constância.

E você sabe quando Deus cunhou essa expressão, *lo tov*? Foi enquanto olhava para Adão, sozinho e sem intimidade. Portanto, Deus estava dizendo que a falta de intimidade leva o homem para um estado de *lo tov*, onde ele ficará numa situação cada vez pior – porque o ser humano tem uma sede de intimidade que, quando não resolvida, faz com que ele se torne uma versão muito pior de si mesmo, progressivamente.

Meus avós costumavam dizer, segundo um dito popular, que “mente vazia é oficina de satanás”. Mas, eu, pessoalmente, creio que é gente sozinha que é oficina de satanás. Gente sem ninguém, sem relacionamentos, sem aliança, que não tem ninguém na vida – gente que não se sente pertencendo a ninguém, que está solta no mundo. Esse tipo de gente vai se tornando, cada vez mais, uma versão pior de si mesma – passando a ser a própria definição de *lo tov*.

Esse ‘não bom’, que é sinônimo de ‘o bem está ficando mais longe’, fica mais fácil de entender quando consideramos que somos criaturas feitas para a intimidade. A falta de intimidade nos faz muito mal, pois, fomos criados para viver em intimidade. Então, quando eu digo que solidão é *lo tov* é porque intimidade é a razão da nossa existência e, no contexto das relações humanas (entre um ser humano e outro), isso quer dizer que gente sozinha sofre muito e acaba se tornando uma versão piorada de si mesma. E isso só é verdade porque, antes que o mundo existisse, Deus já planejava que tivéssemos intimidade com ele.

Capítulo 3

Uma Escolha a Fazer

“Assim, Jesus também sofreu fora das portas da cidade, para santificar o povo por meio do seu próprio sangue. Portanto, saiamos até ele, fora do acampamento, suportando a desonra que ele suportou.” Hebreus 13. 12, 13
- NVI

Deus mostrou sua nudez naquela cruz para deixar que eu e você decidíssemos qual desses dois personagens queremos ser: o que tem aliança, relacionamento, carinho e afeto; aquele que olha com o coração, para a nudez mostrada na cruz? Ou quero ser o que olha para a nudez revelada na cruz com escândalo? A nudez é a mesma, a cena é a mesma e Deus é o mesmo, contudo, eu decido qual será a minha atitude, ao olhar para aquela nudez.

Algumas pessoas vão olhar a nudez da cruz e se escandalizar; vão olhar para o templo rasgado, aberto, livre, para quem quiser entrar, e verão isso como desrespeito, vergonha, algo feio e estranho: “onde está o poderoso Deus, que coloca as barreiras mais poderosas, no intuito de impedir que qualquer um entre na sua presença? Onde ele está?”. Porque a porta dele está aberta, rasgada, liberada e alguém pode parar em frente à cortina rasgada – vergonhosamente rasgada, desrespeitosamente rasgada (ainda que tenha sido rasgada pelo próprio Deus) e dizer: “eu tenho vergonha de você”. Mas, também pode acontecer que alguém pare ali, no mesmo lugar, e diga: “eu tenho aliança com você; então, a sua vergonha é a minha vergonha, ou seja, não tem vergonha nenhuma, porque eu e você somos uma coisa só”.

No Gênesis, quando Deus falou sobre a intimidade entre Adão e Eva, ele disse: “*os dois serão uma só carne*” (Gênesis 2.24). Isso significa: a sua vergonha é minha. Quando o véu do templo se rasgou e o corpo de Deus se rasgou na cruz, ele estava me dando a oportunidade de decidir qual personagem eu quero ser. Estou diante da nudez de Deus, revelada na cruz, e isso é desconcertante, porque a grandeza de Deus é tão extrema, a ponto da mente humana não conseguir alcançar e, de repente, eu tenho que decidir se vou me unir a ele na vergonha ou se vou me escandalizar. É uma situação

constrangedora, incômoda e esquisita.

Um corpo nu, pelado, exposto, rasgado, ferido, adoecido e pendurado no calvário é difícil de aceitar, porque não é algo que caiba no currículo de Deus, não é compatível com a sua grandeza – é muito vergonhoso ver Deus, submetendo-se àquilo. Vergonhoso para muitas pessoas, mas, não para mim – não, para Maria Madalena; não para João, o discípulo amado; mas, foi vergonhoso para Pedro, que disse: “eu não o conheço”. Era tão vergonhoso, que todos os discípulos fugiram e ficaram olhando de longe, enquanto suas mentes pensavam: “eu não quero me comprometer com isso; isso não é da minha conta”.

Sabe quando você está com alguém que faz algo muito vergonhoso num local público, tipo um shopping, e todo mundo fica olhando? Então, você tenta sair disfarçadamente, dizendo entre os dentes: “finge que não está comigo”. Agora, multiplica essa sensação por um milhão – foi assim que os discípulos se sentiram e foi por isso que abandonaram Jesus na cruz. Mas, eles não saíram disfarçadamente, eles saíram com a clara intenção de fugir, porque aquela vergonha era de Jesus e eles não queriam ter nada a ver com aquilo.

Todos foram embora, a não ser João, Maria Madalena e Maria, mãe de Jesus, que permaneceram lá, passando ao mundo, ao céu e às trevas a seguinte mensagem: “se você está na vergonha, eu também estou; se você está exposto, eu também estou porque a sua vergonha é a minha vergonha, sua exposição é a minha exposição e o seu corpo nu é também o meu corpo nu – então, o que acontece com você é da minha conta”.

E é aí que a intimidade está feita, porque a intimidade acontece quando a sua vergonha é da minha conta, quando a sua vergonha não é vergonha para mim. Quando me junto a você e nós dois passamos vergonha perante o mundo, de forma que, para nós, isso não é vergonha, é intimidade. Porque intimidade tem a ver com entrar na recâmara do outro e ser aceito – sem abuso, sem obrigação, sem cobrança e, sim, voluntariamente – eu entro porque você me deixa entrar e eu quero entrar porque você quer que eu entre. Isso é intimidade.

Deus rasgou-se, vergonhosamente, e disse: “quem é você para mim? Como você vai olhar para minha nudez? De que forma isso afeta você? Você vai se

escandalizar e ir embora, dizendo: ‘não quero um Messias rasgado na cruz, não quero um Deus exposto, que não é capaz de fechar sua própria porta e que deixa o seu véu ser rasgado de qualquer jeito?’”.

Você pode se scandalizar com ele e ir embora ou pode chegar mais perto e dizer: “essa nudez também é minha, também é da minha conta”.

Intimidade tem a ver com a pessoa que não precisa sair do quarto, quando eu tiro a minha roupa. Deus tirou a roupa, para ver quem iria sair do quarto e quem saiu, perdeu a vida eterna, perdeu a intimidade, perdeu a oportunidade de ser parte da vida dele. E, nesse ponto, eu quero te lembrar que intimidade não é uma coisa nova, uma coisa do nosso tempo, mas, está no âmago da criação.

A intimidade é o nosso caminho natural e, agora, que você sabe que foi criado para a intimidade, eu quero te levar de volta para a cena inicial, para a cena da cruz.

***A carne rasgada na cruz...
O véu rasgado no templo...
Deus morreu na vergonha...
Deus morreu de vergonha...
Ele abriu as suas portas e se deixou ver...
E sua intimidade tinha a ver com isso...***

Eu quero que você olhe para aquela cena, onde Deus foi exposto, vergonhosamente exposto. Você já esteve numa situação, onde alguém com quem se importava estava exposto à vergonha, sendo mal falado e difamado? Imagine alguém com quem se importa sendo envergonhado publicamente, enquanto você tem apenas três opções:

- 1) escolher ter aliança, fazendo sua a vergonha dele;
- 2) escolher não ter aliança e ir embora ou;
- 3) se tornar parte dos acusadores.

Quando Deus se expôs publicamente, ele o fez para te dar uma escolha. Deus se expôs naquela cruz para que a vergonha dele fosse vista e você tivesse a oportunidade de reagir a isso, com uma escolha consciente.

A pergunta é: como você vai reagir à vergonha de

Deus?

O cristianismo moderno roubou de nós a oportunidade de fazer essa escolha, porque a Igreja Protestante atual, o povo de Deus, modernamente falando, está sendo apresentado a um Deus que vai cuidar dos crentes, vai resolver suas vidas, vai mandar dinheiro para pagar as contas e curar as enfermidades. Estamos sendo apresentados a um Deus que vai nos enriquecer e nos colocar por cabeça e, não, por cauda.

Estamos sendo apresentados a um Deus que tem que resolver os nossos problemas e, quando isso não acontece, o mundo nos incentiva a olhar para ele e dizer: “para que eu quero um Deus que não resolve os meus problemas? Esse Deus não serve de nada!”. Então, temos sido roubados da rica oportunidade de nos identificar com a vergonha dele.

Identificar-se com a vergonha do outro – com a vergonha de Deus – significa: “estou com você – na sua dor, no seu sofrimento – porque eu tenho uma aliança com você e o que te acontece é problema meu, pois, estou junto contigo nisso”. Essa é a razão do evangelho. Aquilo que Adão não fez lá no jardim do Éden, a escolha correta que Adão não fez – embora Deus tenha facilitado para ele – está sendo facilitada para nós, ainda que de um outro jeito.

Aceitando a cruz

Voltando àquela cena inicial da cruz, Deus não reage – e dá uma raiva quando ele não reage! Algumas pessoas foram para o meio da rua, pegaram a cruz, símbolo da nossa fé, e a vilipendiaram na frente de todos. Sabe o que gostaríamos de ver, nessa hora? Gostaríamos que Deus surgisse no céu e lançasse um raio, botando fogo naqueles indivíduos, até que virassem carvão, na frente de todo mundo – só para mostrar que não se brinca com Deus!

Mas, sabe o que Deus fez, naquele dia? Não somente na cruz, mas, também naquele dia em que fizeram sexo em plena avenida, com roupas que pretendiam imitar as vestes de Jesus, num evento coletivo de ridicularização

de Deus? E, me perdoa por te fazer imaginar uma cena como essa, mas, é importante que você imagine uma cena atual, que corresponda à cena da vergonha na cruz, para que entenda a dimensão da reação de Deus: ele não fez nada. Aquelas pessoas fizeram sexo e envergonharam Deus, chegaram a enfiar a cruz no ânus, pública e literalmente. E ele não fez nada! Ele foi rasgado, envergonhado, exposto, ridicularizado e as pessoas passavam embaixo da cruz, enquanto Jesus estava lá, crucificado, e o provocavam: “que filho de Deus, que nada! Charlatão! Se aqueles milagres que você diz ter feito fossem mesmo reais, você não estaria aí, pregado numa cruz. A morte pelo Império Romano? Pelo amor de Deus! Aí tem!”.

Jesus é exposto e, sabe o que ele fez? Nada. Nada vezes nada e, para piorar, sabe o que ele tem coragem de fazer, enquanto está sendo surrado, espancado, cuspidos e maltratados? Ele ora, num tom de ‘gente boba’, e diz: “Pai, perdoa, porque eles não sabem o que fazem”. Nessa hora, se você tem vontade de bater nele – e nas pessoas que o estão maltratando – não está sozinho. Mas, essa é a hora de você declarar se tem intimidade com ele ou não porque, se você tiver intimidade, aquela vergonha é sua também. Mas, você pode virar as costas e ir embora, dizendo: “eu não quero participar desse escândalo”.

Paulo disse: “*nós pregamos a Cristo e em nossa pregação ele está crucificado.*” 1 Coríntios 1.23

Com isso, ele também diz: “nós aceitamos o escândalo da cruz”. E o escândalo da cruz é, justamente, Deus se escandalizando, se rasgando – o grande, todo-poderoso, aquele que está muito acima de tudo e todos. Ele poderia ter lançado um olhar fulminante e acabado com toda a criação, mas, ao invés disso, sabe o que ele fez? Nada. Ele se envergonhou e ficou lá, aberto, solto, exposto. Não tem mais cortina, protegendo a nudez de Deus. Não tem mais glamour, não tem mais grandeza – o véu rasgou e está aberto. Só isso. O Império Romano chegou e invadiu o lugar. Seus soldados entraram, sem nenhum respeito, e aí, Deus olha para você e diz: “essa é a minha vergonha; vai fazer o que com ela?”.

Intimidade não tem a ver com aquela coisa gostosa que sentimos quando estamos orando. Tenho quase certeza de que você achava que fosse isso, mas, não é. Intimidade não é a emoção que sentimos quando o Espírito nos visita,

durante uma oração. Tais sensações são o resultado da intimidade, mas, não são intimidade. A intimidade é um comprometimento com a nudez do outro, é eu entender que a nudez dele é minha, e, também sou eu decidir mostrar a minha nudez para ele.

Quando Deus diz “vem como você está, para de esconder o seu pecado, para de fingir que não pecou, para de fingir que não estou vendo - como eu poderia não estar vendo? Para de adiar o dia em que você virá me abraçar, esperando um momento em que esteja mais limpo, mais cheiroso, mais arrumado!”. Isso não é intimidade! Intimidade é deixar sua nudez ser vista e acreditar que minha aliança com você é grande o suficiente para que eu abrace a sua nudez e me una a você na sua vergonha, para proteger essa nudez junto com você.

Deus não está ocupado em te apontar o dedo, em te acusar. Ele está com a mão estendida, te chamando para perto. Sua nudez é do interesse dele, porque ele quer ter intimidade com você. Contudo, você também precisa abraçar a nudez dele, porque intimidade é uma via de mão dupla.

Deus está exposto à vergonha e não espere que ele se defenda, porque isso não vai acontecer. Não, por enquanto. O dia que os profetas chamam de “o dia da vingança do nosso Deus” ainda não chegou – mas, vai chegar. Até lá, Deus será exposto à vergonha e você terá a oportunidade preciosa de se unir a essa vergonha e ter intimidade com ele – porque a intimidade dele é sua, a nudez dele é da sua conta e faz parte de você.

Você pode olhar para essa nudez, sentir vergonha, se esconder ou fugir – porque não quer que te liguem àquilo que está sendo exposto – àquela vergonha, àquele escândalo, aquela coisa feia – e pode dizer: “quem quer um Deus assim?”. Você pode fugir, pode rir, zombar ou até respeitar, de longe – ou você pode fazer como Maria Madalena e correr para a cruz, abraçar as pernas do crucificado e ficar ali com ele. E, quem quiser rir, que ria; quem quiser se envergonhar, que se envergonhe; quem quiser me atacar e me desprezar, que faça – o que importa é que eu tenho uma aliança com ele, no sofrimento e na glória. A glória que não precisa vir, se a glória não vier, não tem problema, pois, o que importa é que eu tenho uma aliança com ele e a vergonha dele é da minha conta.

Mas, preste atenção nisso: a sua vergonha é da conta dele também. Quando você o escolhe, ele também cobre a sua vergonha e se compromete com ela; ele também te protege nos seus pecados, nas suas coisas feias, naquilo que você não quer que os outros vejam. Ele se compromete com você porque o que está em jogo não é o moralismo religioso, se você acertar ou errar – o que está em jogo é se você vai se unir a ele em intimidade, se vai escolher ele, quando tem a oportunidade de negá-lo; se vai fazer a vergonha dele ser da sua conta, quando tem a chance de fingir que não o conhece.

Você já pensou no motivo de Pedro ter se sentido horrível após negar Jesus? Ele se sentiu assim porque era íntimo. Pedro era totalmente íntimo dele e não teria dificuldade nenhuma em ficar completamente nu e tomar banho na frente de Jesus. Jesus era tudo para Pedro, mas, o escândalo foi demais para ele suportar e, aí, ele disse “eu não o conheço”. E, quando Pedro olhou nos olhos de Jesus, ele viu um olhar de intimidade em retribuição, dizendo: “eu te entendo, fique tranquilo; eu entendo você e vou cobrir a sua nudez, Pedro”.

Isso acabou com Pedro, porque foi exatamente o que ele não fez por Jesus. Intimidade implica em comprometimento com a vergonha do outro, com a nudez do outro, de comum acordo, sem invadir sua nudez. Deus está te convidando para a intimidade.

Capítulo 4

Impactos da Intimidade nos Relacionamentos

“E Jesus, dando um grande brado, expirou. E o véu do templo se rasgou em dois de alto a baixo.” Marcos 15. 37, 38 – ACF

“E Jesus, clamando outra vez com grande voz, rendeu o espírito. E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras.” Mateus 27. 50, 51 – ACF

Em nosso primeiro capítulo, falamos que tanto Mateus quanto Marcos, propositalmente, fazem questão de associar a carne rasgada na cruz ao véu rasgado no templo. Naquelas duas cenas, a intenção é mostrar que, quando Deus se revela em sua nudez, ele está nos dando a chance de escolher se vamos ser contados entre os que têm intimidade com ele ou se estaremos entre os abusadores.

Tanto para quem decide pela intimidade como para quem opta por ser o abusador, a diferença é apenas como cada um decidiu olhar a mesma ocorrência, pois, a cena é igual para ambos, é a mesma nudez – o mesmo quarto sozinho, o mesmo momento a sós e também a mesma pergunta, que estamos fazendo desde o início desse livro: quem é você para ele? A intimidade é estabelecida, ou não, quando você responde a essa pergunta. A verdade é que o universo inteiro está esperando por essa resposta e, não, apenas Deus. Toda a criação está te olhando fixamente e indagando solenemente: quem é você para esse Deus e quem Ele é para você?

Toda a criação pergunta isso porque nossa resposta a essa intrigante pergunta está diretamente ligada à principal razão da nossa existência. E, nesse ponto, eu preciso te dizer que, se você ainda não se fez essa pergunta, precisa se fazer o quanto antes porque todo o nosso livro, daqui em diante, diz respeito a essa questão, na qual você decide se vai se identificar como o íntimo ou o abusador, daquele que te revelou sua nudez naquela cruz. Deus se mostrou rasgado na cruz e, embora a cena – e o verbo usado aqui – sejam constrangedores, a verdade é que ele morre exatamente assim: rasgado,

aberto e exposto, para que pudéssemos ver suas entranhas.

Enquanto isso, não muito distante dali, no Templo do Deus Eterno, acontecia algo muito semelhante, pois, estava ali, exposto diante de todos, aquilo que não era qualquer judeu ou sacerdote que podia ver, que nem mesmo o homem mais honrado dentre os grandes comerciantes ou guerreiros tinha acesso. Aquilo que, com exceção do sumo sacerdote, ninguém mais tinha permissão para ir até lá conferir – isso, agora, estava aberto, rasgado, solto, escancarado, para quem quisesse olhar.

E essa vergonha exposta te convida a responder à pergunta: você é o que tripudia, o que zomba, o que se escandaliza?

Ou você é o que se une, o que junta forças, o que protege a nudez, o que diz “essa nudez é minha também, porque eu tenho uma aliança com ele”? É muito importante ter uma resposta para isso porque ela vai definir o seu nível de intimidade com Deus e os impactos dessa intimidade nesse relacionamento, bem como em todas as outras relações que você venha a ter.

Deus, Adão e Eva: nascemos para a intimidade

Quero avançar nesse tema, te ajudando a perceber o quanto intimidade é importante para o ser humano. Levo em conta que, antes de toda a criação ser uma realidade, Deus já era Deus e já vivia em intimidade. Então, quando ele nos chama à existência é, essencialmente, para desfrutar de intimidade com ele. E eu creio que nem Enoque, que foi um exemplo de intimidade com Deus, tenha desfrutado plenamente dessa intimidade, pois, falando sobre o plano de Deus, o escritor aos hebreus diz que Ele não permitiu aos outros, que vieram antes de nós, chegarem ao ápice da intimidade sem nós. Assim sendo, penso que Enoque ainda está à espera dos restantes dos filhos de Deus para, finalmente, desfrutar de toda a intimidade que ele sempre buscou e que Deus nos destinou a usufruir – porque a intimidade plena parece estar sendo guardada para o final de todas as coisas, nos dias do fim, quando todos alcançaremos essa plenitude, juntos. Então, ninguém chegou lá ainda, porque o plano de Deus, para a intimidade profunda, ainda não aconteceu. No entanto, já sabemos que ela é a razão da criação e que está em pleno andamento.

Isso significa que ter intimidade é uma necessidade profunda e inerente ao ser humano. No entanto, a noção de intimidade ainda não está totalmente clara para nós e, por isso, nem sempre conseguimos entender, racionalmente, o quanto intimidade traz saúde, equilíbrio e funcionalidade para o nosso sistema. Isso acontece porque a necessidade de intimidade é algo que opera no nível espiritual, mas, irradia para o sistema como um todo – o nosso espírito carece de intimidade, assim como a nossa alma e o nosso corpo, de modo que, a falta de intimidade nos faz mal e adocece, de um modo geral, mas, nós não percebemos isso com clareza, porque é algo muito subjetivo. Na verdade, só percebemos a necessidade de intimidade quando ela não está operando em nossa vida e, por isso, sofremos a sua falta. E sofremos tanto, que somos capazes de pegar uma bola de futebol, desenhar um rosto nela e chamá-la de Wilson, como acontece no filme *O Náufrago* (2000), com Tom Hanks!

Quero trabalhar um texto com você e escolhi, especificamente, a versão NVI, porque ela o apresenta de um modo bastante fácil de entender. Porém, as versões NVT^[2] ou King James também são boas opções.

“Então o Senhor declarou: ‘Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda’. Depois que formou da terra todos os animais do campo e todas as aves do céu, o Senhor Deus os trouxe ao homem para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a cada ser vivo, esse seria o seu nome. Assim o homem deu nomes a todos os rebanhos domésticos, às aves do céu e a todos os animais selvagens. Todavia não se encontrou para o homem alguém que o auxiliasse e lhe correspondesse. Então o Senhor Deus fez o homem cair em profundo sono e, enquanto este dormia, tirou-lhe uma das costelas, fechando o lugar com carne. Com a costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a trouxe a ele. Disse então o homem: ‘Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada’. Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne. O homem e sua mulher viviam nus, e não sentiam vergonha”. Gênesis 2.18-25

Eu quero que você atente para a ideia de *nudez* e *vergonha*, contidas nesse texto. Essas palavras estão associadas à intimidade, dando a entender que,

quando o homem está só, ele tende para o mal – *lo tov*. Quero que note, primeiramente, que o próprio Deus constata no homem o vazio de intimidade e decide fazer algo para preenchê-lo. O homem foi feito para a intimidade, portanto, quando percebemos a falta dela, tendemos a desenvolver ansiedade, depressão e vícios (inclusive vícios sexuais), sempre na busca essencial por preencher esse vazio. Por causa disso, pessoas que não treinaram o seu sistema para experimentar relacionamentos profundos, que vivem na superficialidade – que não deixam ninguém entrar na vida delas e não entram na vida de ninguém, de forma profunda – estas pessoas tem um vazio mal preenchido dentro de si, que tende a crescer com uma enorme força destrutiva.

E o grande problema nisso é que a percepção da falta de intimidade é muito subjetiva, algo que não notamos com clareza suficiente para nomear, como aconteceria, por exemplo, se perdêssemos uma das mãos – mas, ser privado de intimidade é tão sério e profundo quanto perder uma parte do corpo, pois, o prejuízo é tão grande quanto. Não é tão fácil identificar a falta de intimidade quanto identificar a perda de um membro, então, ficamos confusos, pois, não entendemos o que, realmente, está acontecendo conosco. Diante disso, a falta de intimidade só produz percepções extra-sensoriais, a nível de alma, às quais reagimos intuitiva e subjetivamente, porque o nosso cérebro não é capaz de identificar essa falta através dos sentidos físicos, já que toda a experiência é puramente emocional. Assim, tudo o que temos, para lidar com a falta de intimidade e suas consequências, são as sensações da alma, que não são nada confiáveis e acabam nos conduzindo a problemas cada vez maiores.

Esse vazio – tão subjetivo e que pode nos meter em encrencas – só podemos preencher com intimidade verdadeira, em seus vários níveis (espiritual, emocional, físico, intelectual, etc). Por exemplo, a nível espiritual, quando a necessidade de intimidade não é preenchida, de forma objetiva e proposital, ela será preenchida de qualquer outro jeito. Percebemos que, em qualquer época da história humana, os seres humanos anseiam por ter um deus e, mesmo que alguém negue ter um deus, ele, com certeza, tem um. Todo ser humano tem um deus e, mesmo quando o deus não é reconhecido por ele como sendo o seu deus, ocultamente, aquele é o seu deus. Porque a carência de preenchimento espiritual clama e grita em sua alma e ele acaba

preenchendo esse vazio de algum modo – e isso, que “tapa o buraco”, é o seu deus. Então, sendo um deus de verdade ou um falso deus, todos temos, nos cantos escuros da nossa alma, alguma coisa ou alguém que idolatramos e que, portanto, ocupa o lugar de divindade em nossa vida.

E, não, apenas a nível espiritual, mas, também temos uma carência de intimidade emocional que, no geral, não pode ser preenchida pela divindade, mas, somente por outros seres humanos – precisamos de outros seres humanos para nos corresponder, no mundo físico, assim como Eva foi criada para corresponder a Adão. O nível hierárquico da importância disso é do espírito para o corpo – se o espírito e a alma estiverem bem preenchidos de intimidade, o corpo aguentará viver algum tempo sem ela, no entanto, o corpo também apresenta essa carência a ser satisfeita. A falta de intimidade atinge, em primeiro lugar, o meu espírito; então, a alma é afetada e, por fim, o meu corpo sente essa ausência. E, quando não tenho intimidade, a minha alma reage com distúrbios emocionais e vícios, principalmente, os vícios sexuais, como a pornografia.

A intimidade que forma um irmão

Porque ser íntimo é tão importante? No versículo 24, desse texto de Gênesis 2, Deus convida o homem para uma postura pragmática – unir-se à mulher. Há um propósito nisso: o vazio dele precisa ser preenchido, o que acontecerá quando ele se unir à mulher. O ser humano parece não entender essa necessidade com muita clareza. Quando estamos com fome ou sede, sabemos exatamente do que precisamos e buscamos água e comida, sem nenhuma vergonha. Perguntamos sobre onde podemos encontrar um restaurante ou lanchonete e procuramos por algo de que gostamos. Então, descobrimos onde matar nossa fome e saciar nossa sede, vamos até lá, comemos e bebemos. Pronto, está resolvido – sem nenhum drama de consciência, sem nenhuma vergonha, culpa, desconforto ou constrangimento.

Deus está nos ensinando que a nossa alma e espírito possuem suas próprias necessidades, assim como o nosso corpo físico, que precisa de alimento, água, descanso e exercício. Diante disso, deveríamos encarar as necessidades

emocionais e espirituais com a mesma leveza, tranquilidade e objetividade com que encaramos nossas necessidades físicas. Deus está dizendo: “Adão, porque você foi criado para a intimidade, há uma sede de intimidade entranhada em seu sistema; por essa razão, você deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, ou seja, você vai criar um sistema onde possa ser alimentado e sustentado, regularmente, com intimidade – de forma objetiva, organizada, planejada e estratégica”.

Perceba que tem que haver um propósito claramente definido, não pode ser algo alcançado aleatoriamente. Desde sempre, o ser humano sabe que precisa comer. Então, ele prevê isso e planta – para colher e ter o que comer. Ele prevê essa fome e trabalha – para receber e poder se alimentar. O indivíduo sabe que vai ter fome mais tarde e se programa para saciar essa fome. Mas, infelizmente, em se tratando da fome espiritual e emocional, esperamos que elas sejam saciadas automaticamente, por mágica – vou ficar aqui, parado e quietinho, não vou me relacionar, não vou pagar o preço dos relacionamentos, não vou me aliar, não vou ceder nem conquistar. Vou ficar aqui, quieto, e das duas, uma: minha fome será satisfeita ou, se ninguém chegar a me amar, é porque as pessoas são muito más. Contudo, é necessário que tenhamos um propósito bem definido, no sentido de preencher o nosso vazio de intimidade, do mesmo modo que nos programamos para suprir nossas necessidades físicas.

A versão NVT, de Provérbios 17.17, diz: “*em todo o tempo ama o amigo e na angústia nasce um irmão*” (grifo meu). A versão ARA^[3] diz: “*e na angústia faz o irmão*” (grifo meu), estabelecendo que o irmão vai acontecer, vai surgir em cena durante a angústia. Mas, eu gosto mais da versão NVT porque ela diz que tem um irmão que nasce na hora da angústia – ele não existia antes, era apenas um amigo, mas, então, a angústia vem e ele nasce desse tempo difícil.

Nesse texto, a ideia de um amigo é: eu vou ter relacionamento porque é prazeroso para mim – amigo é alguém que dá prazer de estar junto. A palavra grega correspondente à palavra ‘amigo’ é *fileo*, que fala da sensação de prazer sentida por estar junto com alguém. Então, porque estou com você, porque saímos juntos? Porque eu tenho prazer em estar com você. Mas, ninguém tem prazer de estar sempre junto de todo mundo, não é mesmo?

Por exemplo, há amigos que são chatos e, aí, nem sempre temos prazer de estar junto deles. Eles são amigos e os amamos, queremos estar com eles, porém, só um pouco por vez – porque eles são chatos! Mal comparando, eu tenho uma dificuldade com comida baiana. Eu amo os temperos e sabores fortes desse tipo de comida, mas, costumo passar mal, porque é muito forte para mim. Então, quando eu vou para aquela região, aproveito e abuso no primeiro dia, quando meu organismo ainda está bem para isso porque, com o passar dos dias, meu sistema digestório começa a ficar mal e tenho que escolher um outro tipo de comida.

Pois é, tem uns amigos que são chatos e, embora sejam amados (como a comida baiana), a gente não consegue tolerar por muito tempo, tem que ser um pouco por vez. Mas, o que Salomão está nos aconselhando, nesse versículo é: não faça isso com os seus amigos chatos, ao contrário, em todo o tempo ama cada um deles – porque, na angústia, ele será seu irmão. Suporte o seu irmão chato porque, um dia, você vai precisar que ele seja seu irmão.

Segundo Salomão, se você está com o amigo enquanto ele te dá prazer e, quando ele se tornar chato e não te der mais alegria, você o abandonar; se, egoisticamente, se entregar a essa sensação de “o que estou ganhando com isso?”, você vai perder – porque você não está ganhando nada agora, mas, o dia da angústia vem por aí e você vai precisar de um irmão. Salomão disse que, nesse dia, vai fazer diferença se você abriu mão do seu egoísmo para cuidar daquele seu amigo, estar com ele e abençoar a sua vida – quando ele precisava de você e você não precisava dele – ou se você fez como as pessoas egoístas costumam fazer e disse: “espera aí, gente, relacionamento tem que ser uma via de mão dupla e não estou ganhando nada com isso!”. Já ouviu isso alguma vez? Nesse dia, mesmo que tenha se sentido injustiçado antes, por ter que cuidar do amigo sem receber nada em troca, terá valido a pena ter se deixado gastar por ele porque, quando a angústia bater à sua porta, a pergunta será: quem virou irmão?

Nesse ponto, você tem que entender a diferença entre amigo e irmão. O amigo é o que está junto de você porque tem *prazer* em estar junto; o irmão é quem está junto porque tem *aliança*. O irmão é aquele indivíduo que você está louco para dar uma surra, mas, se alguém quiser bater nele, você vai intervir: “só eu posso bater no meu irmão!”. Estou morrendo de raiva dele e,

assim que eu terminar de defendê-lo, é bem capaz de eu mesmo querer bater nele, mas, só eu posso fazer isso, porque ele é meu irmão e eu vou defendê-lo contra qualquer outra pessoa – isso é aliança.

Na mentalidade de Salomão, *irmão* se refere àquelas pessoas de quem cuidamos mesmo quando não temos vontade, quando não temos prazer nenhum em fazê-lo, mas, fazemos porque sentimos o peso da aliança, nos cobrando: “eu tenho uma aliança com ele e essa aliança me cobra o que tem que ser feito; não estou com vontade de fazer isso, mas, ele é meu irmão; ele é difícil, mas, é meu irmão!”. Salomão está dizendo que, se você amar o amigo, em todo o tempo, quando o dia da angústia chegar, vai descobrir que tem um irmão; que tem alguém que, mesmo discordando de você, vai comprar a sua briga e sair em sua defesa – porque ele vai sentir o peso da aliança, um senso de compromisso que você mesmo construiu.

Esse senso de irmandade, baseado na intimidade, alcança o seu ápice quando duas pessoas atingem o nível de serem uma só carne. É isso o que Deus deseja para nós, quando nos orienta: “*por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá a sua mulher e os dois se tornarão uma só carne*”. A ideia é: eu vou criar um sistema e vou sacrificar o que for preciso para alimentá-lo; vou construir um sistema onde minhas necessidades, em termos de carência espiritual, emocional e física sejam supridas – e vou me esforçar para mantê-lo funcionando. Porque essas são necessidades legítimas do ser humano e não devem ser negligenciadas.

Nesse texto, “uma só carne” tem a ver com intimidade. E o chamado de Deus para o ser humano é, principalmente, um chamado para a intimidade. Uma só carne nos faz lembrar da fala do apóstolo Paulo, quando se dirige aos efésios, dizendo que o homem deve cuidar da sua mulher como se fosse sua própria carne. Ele explica a esse homem que “*ninguém maltrata a sua própria carne, antes cuida dela e a alimenta*” (Efésios 5.29).

Paulo estava falando dessa sensação de intimidade profunda, em que ser uma só carne com alguém implica na dor do outro, no problema e na dificuldade do outro serem meus também. E aqui, eu te chamo de volta para a cena da nudez de Deus, na cruz e no templo, e te convido, mais uma vez, a responder a pergunta: você vai assumir esse compromisso e dizer que é uma só carne com ele? Ou você vai dar dois passos para trás, balançar a cabeça

negativamente e dizer: “que escândalo, que feio, que nojento, que vergonha, eu não suporto isso”? Atualmente, no momento na história em que vivemos, temos sido desafiados a tomar essa decisão com bastante frequência...

Intimidade, vergonha e nudez

Numa sexta-feira dessas, as redes sociais postaram e repostaram uma suposta fala de Ed René Kivitz, um pastor muito conhecido no Brasil: “essa semana, os principais jornais do país estamparam, em suas primeiras páginas, notícias sobre um padre que roubou todo o dinheiro de uma obra de caridade, uma pastora que contratou um pistoleiro para matar o marido e um outro pastor que foi preso por crime de corrupção política e financeira – esse domingo vai ser um dia muito bom para pregar o evangelho...”. É claro que a última parte foi pura ironia.

Estamos vivendo um tempo assim, em que, de segunda a sexta-feira, o mundo evangélico afunda e, domingo, é como se nada tivesse acontecido, pois, a vida continua. Não sei você, mas, eu fico com muita vergonha disso tudo. Essa hora, da vergonha, é o momento que descobrimos se temos compromisso com aquele que envergonhou a si mesmo na cruz, porque é a hora em que temos vontade de nos render ao sentimento de escândalo e nos envergonhar da nossa fé. Sabe o que significa se escandalizar? Quando alguém se escandaliza, ela toma a postura de não se comprometer com a vergonha do outro. É dar dois passos para trás e dizer: “essa vergonha não é minha e eu me recuso a aceitar isso”.

Deus se mostrou nu, envergonhado e desrespeitado, quando sua grandeza e honra foram expostas – e a pergunta dele pra você continua a mesma: você será o irmão comprometido, que nasce na hora da minha vergonha, ou vai recuar e me abandonar?. Intimidade tem a ver com o que você faz na hora da vergonha, tem a ver com quem você é, quando a vergonha do outro é exposta – e, portanto, intimidade tem tudo a ver com nudez. Quero aprofundar essa ideia, pensando com você no quanto nudez está relacionada à intimidade.

Ao final do texto, lemos: *“por essa razão o homem se unirá a sua mulher e*

os dois serão uma só carne”. Isso significa que o homem precisa criar a sua própria intimidade. Ele precisa, tem sede, então, tem que ir atrás do que precisa para resolver o seu problema. Logo após esse texto, Moisés fecha com a seguinte declaração, no versículo 25: *“o homem e a sua mulher viviam nus e não sentiam vergonha”*. Nudez está profundamente ligada à intimidade. Na verdade, eu posso medir o meu nível de intimidade com alguém, ao avaliar como me sinto, ao ficar nu diante dessa pessoa. E, quanto mais íntimos forem os relacionamentos, mais tranquilidade e leveza haverá, quanto à minha nudez para você e à sua nudez para mim.

E me deixe abrir um parêntese para te lembrar que nudez invadida e sem permissão, é abuso, não é intimidade. Para que haja intimidade, é preciso que a entrada nessa nudez seja permitida e desejada. O homem e sua mulher viviam nus e não sentiam vergonha. E, da mesma forma que a intimidade pode ser de natureza intelectual, sexual, emocional, física, etc, também há vários níveis de nudez. Podemos pensar nesses vários níveis, considerando que a nudez física é a única realmente objetiva, ou seja, tirando ela, nudez sempre aparece em sentido figurado, de modo não muito claro para nós.

Por exemplo, nudez emocional é a possibilidade de poder ser visto como você é, em toda a sua construção emocional e psicológica, incluindo aquelas coisas da sua psique que você não quer que as pessoas vejam. Algumas vezes, por causa do meu chamado, eu fico diante de pessoas que, num dado momento, lembram-se de quem eu sou e fogem, com medo que eu adivinhe os seus pensamentos, veja a sua nudez e as exponha. Eu percebo isso porque, no meio da conversa, a pessoa me diz algo do tipo: “você sabe o que eu estou pensando, não é?” Nesse momento, eu sei que ela está com medo que sua nudez emocional seja vista.

No entanto, quando realmente há intimidade, eu não tenho problema que você veja a minha nudez emocional. Eu também não terei problema se você vir a minha nudez intelectual – constituída pelos caminhos que o meu raciocínio tende a tomar, pela minha cosmovisão, meu jeito de ler o mundo e que, somado ao tamanho do meu QI^[4], determina a minha capacidade de processamento de dados. Minha vida intelectual é algo que eu posso achar vergonhoso e, aí, com medo que você veja quem eu realmente sou, intelectualmente falando, finjo, escondo e escolho as palavras certas, para

tentar simular uma outra capacidade intelectual – porque eu não quero que você veja minha nudez intelectual. Mas, se eu tenho intimidade com você, não terei problema em te mostrar quem eu sou.

Assim, a nudez pode ter várias facetas e a intimidade verdadeira só acontece quando eu não preciso mais esconder de você os meus pontos vergonhosos, que eu reservo só para minha apreciação. Quando há intimidade, todos os pontos vergonhosos podem ser colocados na mesa para que o outro veja – com tranquilidade, clareza e sem peso – porque eu sei que o outro pode me ajudar com eles – sem me criticar, atacar, reprovar, diminuir ou me rejeitar, por causa da nudez revelada. Ao contrário, ele vai me reafirmar, fortalecer, me dar ferramentas, se unir a mim e estar comigo nessa luta, para que eu me torne uma versão melhor de mim mesmo. A nudez que fecha esse texto, dizendo “*o homem e sua mulher viviam nus e não sentiam vergonha*”, recebe uma atenção maior no capítulo 5, o capítulo da queda do homem, que analisaremos adiante.

Capítulo 5

A Intimidade Rompida no Éden

“Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido, que comeu também. Os olhos dos dois se abriram, e perceberam que estavam nus; então juntaram folhas de figueira para cobrir-se. Ouvindo o homem e sua mulher os passos do Senhor Deus que andava pelo jardim quando soprava a brisa do dia, esconderam-se da presença do Senhor Deus entre as árvores do jardim. Mas o Senhor Deus chamou o homem, perguntando: ‘Onde está você?’ E ele respondeu: ‘Ouvi teus passos no jardim e fiquei com medo, porque estava nu; por isso me escondi’. E Deus perguntou: ‘Quem lhe disse que você estava nu? Você comeu do fruto da árvore da qual lhe proibi de comer?’ Disse o homem: ‘Foi a mulher que me deste por companheira que me deu do fruto da árvore e eu comi.’” Gênesis 3.6-12 – NVI

Estamos falando da nudez que constrói a intimidade e já sabemos que íntimo é aquele que pode ver a minha nudez. Então, quanto mais da minha nudez ele puder ver, mais intimidade ele terá comigo. Não, porque ele seja capaz de desvendar minha nudez à força, mas, porque eu deixei que ele a visse. Isso retrata a verdadeira intimidade.

É claro que pode acontecer de uma pessoa ser capaz de ver a nudez que não estou mostrando e que não permiti que ela visse. Isso pode acontecer por ela ser uma pessoa perspicaz, inteligente e com certos conhecimentos técnicos; talvez seja até alguém que estuda as ciências do comportamento e da mente humana e, nesse caso, ela pode estar vendo a minha nudez, mas, não somos íntimos – íntima é a pessoa que vê a minha nudez com a minha permissão e essa ideia é muito bem retratada na metáfora apresentada no texto acima.

Quero que note que tudo começa com o rompimento da intimidade com Deus, através da traição e deslealdade de Adão e Eva para com Ele. Logo após essa intimidade ser rompida, o relacionamento deles com Deus se deteriorou rapidamente e, do mesmo modo, a intimidade entre eles também

sofreu um duro golpe. Eles colocaram uma floresta inteira os separando de Deus – e apenas uma folha de figueira para esconder sua nudez um do outro. A diferença é enorme, definindo que tinham muito mais vergonha de Deus do que um do outro, porém, ambas as relações foram prejudicadas, naquele episódio fatídico.

Em escala bem menor, a intimidade entre eles foi abalada, ou seja, ficou muito claro que a intimidade deles com Deus tinha sido reduzida a nada, enquanto a intimidade entre eles, embora ainda resistisse, também já não era a mesma de antes. E a bíblia indica que a intimidade com Deus foi abalada, não, por acidente, pois, Eva *escolheu* não ter intimidade – lembrando que, para que haja intimidade, é preciso vontade, querer e fazer uma escolha consciente. Quando eles romperam a intimidade com Deus, os dois quiseram isso – essa foi a escolha deles, quando Deus, propositalmente, lhes dera a chance de tomarem a decisão por si mesmos. Porque, para Deus, a intimidade só seria real se eles a quisessem e a escolhessem, por vontade própria – o que só poderiam fazer se tivessem a chance de dizer ‘não’ para essa intimidade.

Minha leitura dos fatos e, claro, há quem discorde, é que Eva fez sua escolha por meio da comparação – ela escolheu romper com a intimidade porque foi enganada e acabou comparando a vida sem Deus com a vida que tinha tido até então – ou seja, ela entendeu que a vida sem Deus seria mais gostosa e gratificante, pois, ela seria igual a Deus. Eva não pensou no fato de que Deus era uma fonte perfeita, porque ela não queria depender de Deus – ele saciaria a sua sede sempre e perfeitamente, mas, ela preferiu saciar a si mesma, ser independente.

O caso de Adão é diferente e ele escolhe perder a intimidade com Deus por outro motivo – por ter que decidir entre perder a intimidade com Deus ou com Eva, ele opta por perder a intimidade com Deus. Bem, Eva já chegou a ele com o fruto parcialmente comido – ela já tinha comido a sua parte – e Adão até poderia se recusar a comer, mas, o que aconteceria se ele não comesse? Eva ficaria perdida, sozinha, em algum lugar do mundo ou do sistema e Adão não sabia o que lhe aconteceria. Além disso, ele não queria correr o risco de voltar a ser só. Então, minha leitura disso é que ele pensa: “se você vai se perder, vou me perder junto com você e, depois, vemos como

resolver isso, juntos”. O que Adão faz é escolher entre a intimidade com Deus e a intimidade com Eva – a qual delas ele renunciaria. Ele sabia que iria perder uma ou outra e que, fosse qual fosse sua escolha, ele sairia perdendo – e ele escolhe perder a intimidade com Deus.

Na nossa vida, muitas vezes, essa escolha tem que ser feita. Muitas vezes, somos como Eva – perdemos a intimidade com Deus porque estamos avaliando a vida ao lado dele como algo pior e menos divertido do que sem ele. Então, eu preciso te dizer algo muito importante: assim como enganou Eva, Satanás nos engana, pois, não existe vida sem Deus. Essa coisa, de que viver sem Deus é melhor, é pura conversa fiada, porque isso não existe. Em meu trabalho, escuto jovens dizendo que querem viver sua vidas antes de escolherem caminhar com Deus. Não é que não queiram Deus, é que anseiam por viver e desfrutar do mundo para, então, voltarem para Deus. E é desse modo que eles vão para o mundo e descobrem que ele não é nada do que imaginaram.

E, sabe, estou trabalhando com gente há mais de quarenta anos e posso te dizer, sem medo de errar, que todos os que foram e voltaram disseram que não valeu a pena. Na verdade, falo de todos os que foram e que conseguiram voltar, porque alguns foram e morreram por lá mesmo, perdidos no mundo. Mas, os que vão para o mundo – alegando que querem conhecer a vida lá fora e viver uma aventura – dentre esses, os que conseguem voltar, sempre voltam chorando, quebrados, arrebatados e sofridos. Eles costumam dizer: “se eu pudesse voltar atrás, não teria ido até lá e não teria feito tudo o que fiz” – porque não foi tão bom quanto esperavam que fosse.

O que quero dizer é que, quando Eva escolhe viver sem Deus, achando que ficaria melhor sem ele, está fazendo a escolha errada. Ela é menos madura que Adão e sua infantilidade fica evidente na sua escolha, porque gente menos madura faz exatamente isso: abre mão da intimidade com Deus por causa de uma vida que pensa ser mais prazerosa. Contudo, Adão é um pouco mais maduro que Eva e rejeita a intimidade com Deus por outro motivo: para não perder a intimidade com sua mulher – para não deixar de cuidar de quem é da sua responsabilidade, ele abre mão de Deus. Porém, quando renunciamos à intimidade com Deus para cuidar de alguém, esse alguém será muito mal cuidado porque, imediatamente após rejeitarmos a intimidade com

Ele, ficará muito claro que nossa intimidade com essa pessoa também fora afetada.

Tudo bem, Adão se escondeu mais de Deus do que de Eva – ao colocar uma floresta entre ele e Deus e somente uma folha de figueira entre ele e sua mulher – no entanto, isso não mudou o fato de que a intimidade com ela fora dura e definitivamente atingida. Ou seja, de qualquer modo, Adão perdeu Eva. O medo de perdê-la se cumpriu e, pior, ele perdeu a ambos: Deus e Eva. Então, entenda isso: toda vez que um relacionamento ameaçar sua intimidade com Deus, abra mão do relacionamento. Você terá muito mais chance de salvá-lo, abrindo mão dele e escolhendo Deus, do que abrindo mão de Deus e escolhendo ele. Se fizer isso, você perderá a si mesmo, a Deus e ao relacionamento, porém, se você desistir somente do relacionamento, salvará a você, a sua relação com Deus e, quem sabe, até o relacionamento com o outro, porque Deus pode agir e restaurar todas as coisas.

Adão rejeita o relacionamento e a intimidade com Deus por causa de Eva e Deus deixou esse momento acontecer porque o homem precisava fazer a sua escolha. Deus nunca terá intimidade com você à força. Nesse sentido, você é a mulher vestida, no quarto, sozinha, quando alguém chega para despi-la – Deus chega, mas, ele só vai fazer isso se você pedir. Deus não vai entrar na sua intimidade se você não se abrir para ele e disser “eu quero”. Por isso, ele tem que oferecer a Adão e Eva o poder de escolher, porque, sem escolha, não há intimidade verdadeira – sem escolha, a intimidade é abuso.

E Adão e Eva fazem a escolha errada. Eva escolhe mal porque acha que a vida longe de Deus é melhor; Adão escolhe mal porque tem alguém que é importante para ele, que ele não quer abandonar e perder, então, ele decide romper com Deus. Mas, os dois se perdem e, então, Deus respeita a nudez de ambos. Intimidade implica em que, se a nudez do outro for exposta, eu respeito e coopero para protegê-la – isso é intimidade. É evidente que, do lugar de onde estava, Deus podia ver Adão e toda a sua nudez. A verdade é que ele sempre viu a nudez de Adão, já que ele mesmo o criou, com as próprias mãos. Mas, sabe o que Deus faz? Ele age como se não estivesse vendo, ele é discreto e se recusa a ver o que Adão e Eva não querem mostrar.

Ele não chega de mansinho, por trás, e dá um susto em Adão, tipo: “te peguei no flagra!”. Não, Deus não faz isso. De longe, ele começa a dar passos

pesados e largos, para ser ouvido e deixar claro que estava chegando. Ele faz barulho, para Adão ter a chance de escutar e se esconder. Então, Adão se esconde atrás de uma floresta inteira, porque a vergonha era muito grande – e, quanto maior for a nossa vergonha, maior será a nossa necessidade de nos proteger. Por isso, Adão colocou uma floresta inteira entre ele e Deus. E, de longe, do outro lado da floresta, Deus perguntou: “Adão, onde você está?”. Porque, a intimidade, quando é real, não pode ser invadida – para que haja intimidade, é preciso que eu respeite a sua nudez, quando e se ela for revelada. Deus não invade, ele dá a Adão a chance de convidá-lo a se aproximar.

Deixe-me te contar algo, a respeito da minha relação com os meus discípulos. Eu tenho um código de conduta pessoal, que eu só quebro em casos extremos, se for para salvar um discípulo dele mesmo. Eu não conto para ele que eu sei do seu pecado e, muitas vezes, eu sei do pecado dele antes dele mesmo. Até porque, as pessoas não pecam sozinhas e o indivíduo não sabe que a pessoa com quem ele pecou já me contou tudo. Algumas vezes, pessoas vêm me contar sobre o que está acontecendo e, outras vezes, eu “leio” o meu discípulo e descubro tudo, sem que ele precise me contar, porque certas pessoas são mais transparentes que outras. E, quando eu sento na frente de alguém e já sei de tudo o que está prestes a me contar, nunca o desmascaro – enquanto ele está mentindo para mim, ele finge que é verdade e eu finjo que acredito.

Porque, se ele não quer minha intervenção, ela não tem valor nenhum para ele. E, de qualquer modo, quanto mais tempo eu agir como se não soubesse de nada, mais tempo ele terá para me contar a verdade. Faz parte do meu código pessoal, agir assim porque, se eu tiver que contar a ele o que eu sei, a partir desse ponto, ele não será mais meu discípulo – porque não foi ele que me contou, mas, fui eu que contei a ele. Só permito isso acontecer quando não tem outro jeito de resolver a questão. Por exemplo, eu sou o administrador de um sistema e, às vezes, para administrar adequadamente esse sistema, preciso dizer ao indivíduo que eu sei. Eu tenho que tomar uma postura, não, em relação à vida dele, porque a vida dele não é da minha conta, mas, eu preciso tomar uma postura em relação ao sistema no qual ele está inserido. E, quando eu tenho que tomar essa postura, dali em diante, ele não pode mais ser meu discípulo.

Normalmente, quando eu a confronto, a pessoa decide me contar a verdade, ser perdoada e tratada, mas, em geral, eu não sirvo mais para ser essa pessoa que trata e ela terá que encontrar outro para cuidar dela. Isso acontece porque, a partir daquele ponto, ela não acreditará mais que eu acredito nela. Eu vou continuar acreditando, mas, ela não vai mais acreditar que eu acredito, então, não vou conseguir ajudá-la.

E estou te contando isso para que entenda o que Deus está fazendo. Ele está do lado de cá da floresta e sabe exatamente o que acontece do outro lado, mas, ele não invade a nudez de Adão. Muito pelo contrário, ele fica do lado de cá e grita: “ei, onde você está? Não estou te vendo por aqui, onde será que você se meteu?”. E, então, do outro lado, Adão grita: “Senhor, eu não queria dizer, mas, a verdade é que estou nu e não quero que você veja a minha nudez”. A nudez que Deus viu durante toda a vida de Adão, que ele mesmo criou, com as próprias mãos, agora, lhe estava sendo negada. Mas, Adão disse: “não quero que você me veja nu” e Deus respeitou isso, porque a intimidade verdadeira só é construída quando a nudez do outro é respeitada.

Então, Deus matou um animal, retirou sua pele e fez vestes para Adão e Eva. Ele pegou as vestes e levou até eles, de costas, de olhos fechados, e disse: “olha, eu respeito a sua nudez; veste isso aí e, depois, vamos conversar”. Durante todo o tempo, Deus respeitou a nudez deles. É importante frisar isso: não há intimidade se você obriga o outro a contar os segredos dele, se você invade o seu celular, se não deixa o outro mostrar somente o que ele quer. A intimidade acontece quando a nudez é mostrada de propósito. Quem invade a intimidade do outro, está abusando.

Capítulo 6

Um Novo Convite à Intimidade

“...pregamos o Messias e anunciamos que ele foi crucificado, o qual, de fato, é escândalo para os judeus e loucura para os gentios,” 1 Coríntios 1.23 paráfrase

Quatro mil anos depois de Adão romper a intimidade com Deus, este nos diz assim: “agora, é a minha vez; eu respeitei, protegi e cobri a sua intimidade, para te dar tempo e liberdade de decidir me mostrá-la – se e quando você quisesse mostrar, porque eu não quero ver a intimidade que você não quiser que eu veja. Mas, vou fazer algo para te incentivar a se mostrar, eu vou revelar ao mundo a minha própria nudez”. Quatro mil anos depois – o Deus que protege, respeita, cobre e guarda a intimidade entra no nosso mundo e vira gente, rasgando-se a si mesmo diante de todos. Deus fez exatamente o contrário de Adão, que colocou uma floresta entre eles – porque Deus usou uma única árvore da floresta, sem folha nenhuma, totalmente pelada, e ali se expôs, declarando: “você quer me ver? Aqui estou eu, totalmente despido, totalmente fragilizado”.

E, me deixe te contar um segredo: o Deus da bíblia não é aquela fragilidade toda que aparece na cruz. Ele não é aquele desleixo, aquele relaxo total que aparece, através do véu rasgando no templo. A seriedade dele é tanta que quem brinca com o incenso pega fogo e quem toca na arca da aliança, mesmo que acidentalmente, também é consumido pelo fogo. E ele é muito grande, muito digno de temor, muito tremendo. E o termo ‘grande’ não é suficiente para expressar a amplitude dele, porque ele está muito além do que a mente humana pode alcançar. Mesmo assim, o que ele faz? Ele se despe – da sua glória, do seu poder, da sua grandeza – e fica vergonhoso, escandaloso e feio. O profeta Isaías diz que nenhuma beleza havia, para que o desejássemos (Isaías 53.2). Na cruz, ele se tornou o mais feio e estranho entre os homens. E, não que ele não fosse bonito, mas, foi assim que ele quis se revelar na cruz.

E o episódio da cruz foi algo grotesco, pois, os soldados romanos não

brincavam em serviço – eles eram extremamente violentos e, além disso, estavam totalmente endemoniados. O ator Mel Gibson, no filme *A Paixão de Cristo* (2004), até chegou perto de mostrar a verdade daquela cena, mas, a coisa toda foi muito pior do que daquilo que foi mostrado no filme. Jesus foi completamente desfigurado e colocado de forma vergonhosa naquela cruz. E quem era ele naquela cruz? Era um amontoado de carne humana, moída pelo espancamento cruel, uma pessoa ferida e condenada pelo Império Romano, tratado como um criminoso do mais baixo nível – aquela pessoa era o Todo-Poderoso, que, voluntariamente, se entregou por mim e por você.

Aquilo era uma vergonha, um escândalo – o Deus TodoPoderoso virou aquilo!? Pense no universo todo e, não, somente no planeta terra, que é tão pequeno. Pense no universo e em tudo o que foi criado (todos os mundos – dos anjos, dos demônios e todos os outros que possam existir).

Imagine tudo isso diminuído, para caber na mão de alguém – esse alguém, em cuja mão cabe tudo isso, agora estava ali, pendurando numa cruz, sofrendo, gemendo, sem reação. Quando Pedro resolve atacar os soldados romanos que foram capturar Jesus, ele o segura e diz: “Pedro, olhe para mim: você acha que se, eu quiser, não posso pedir ao meu Pai que mande doze legiões de anjos para virem me livrar? Basta eu falar ‘Pai’ e ele manda todo mundo até aqui, para guerrear em meu favor e, juntos, botarmos ordem nisso tudo. Você já se perguntou por que eu não fiz isso?”.

Na história dos reis de Israel, no livro de 2 Reis 19.35, vemos que apenas um anjo – um só – matou todo o exército de Senaqueribe. Imagine como seria com doze legiões! Pensando que uma legião romana poderia chegar a ter seis mil soldados ou legionários, então, penso que com 12 legiões de anjos o império romano não teria chance. Por isso, Jesus diz: “pense, Pedro, você notou que eu não pedi ao Pai pelas doze legiões de anjos? Você está me vendo de espada na mão? Então, meu filho, fica tranquilo e guarda essa espada, que eu sei o que estou fazendo”. Porque o Todo-Poderoso, o criador de todas as coisas, que usou apenas a sua palavra para chamar à existência todas as coisas, não reage? Porque esse Deus grandão (e uso essa palavra por falta de adjetivo melhor) está na cruz, vergonhosamente exposto, e não faz nada?

Simples, porque, dessa vez, ele não veio para mostrar sua glória, ele veio para

mostrar sua vergonha. Vai chegar o dia em que ele virá mostrar sua glória, mas, dessa primeira vez, ele veio mostrar sua vergonha. Ele é capaz de respeitar e cobrir a vergonha de Adão, mas, também é capaz de ir além, mostrar a própria vergonha e perguntar para Adão: “e, agora, vai fazer o que com a minha vergonha? Porque eu te mostrei que quero uma aliança, quando vi a sua vergonha e a respeitei. Eu provei para você que quero intimidade, quando eu vi a sua vergonha e a cobri. Agora, chegou a sua vez: então, você quer ou não quer ter aliança e intimidade comigo?”.

Assim como o corpo mostrado na cruz é uma demonstração dessa vergonha, o véu rasgado no templo também é. Porque, mesmo para o melhor homem de Israel – um homem de bem, respeitado, honesto e influente entre o povo – seria vergonhoso se, por algum motivo, ele conseguisse ver o lugar santíssimo. Ele não poderia fazer isso, porque era um lugar de muito respeito e reverência. No entanto, após o véu se rasgar no templo e o corpo se rasgar na cruz, qualquer um poderia ver aquela cena, antes tão protegida e guardada. Aquele era o momento do anjo entrar em ação, segurar a espada e dizer: “ninguém entra aqui, porque a nudez está exposta!”. Mas, não teve anjo, proibição ou voz divina. Deus, simplesmente, mostrou a sua nudez e ficou quieto, mudo. No calvário e no templo, Deus não se defende, não desembainha a espada, não entra em confronto, não dá comandos de voz. Ele está, tão somente, nu, pelado, envergonhado e exposto.

E a pergunta permanece: você vai olhar para isso de que forma? Se olhar para isso como quem cobre a nudez, como quem se compromete com essa nudez, dizendo “essa nudez é minha”, então, você tem aliança e está pronto para ter intimidade. Porém, você ainda pode olhar para essa mesma nudez com escândalo, com vergonha, raiva, medo ou ansiedade e decidir fugir, negar, se esconder e dizer: “isso não é da minha conta; eu queria um Deus, sim, mas, um Deus de respeito, que se respeitasse e se desse ao respeito; com cortina bonita, de linho azul, protegida, firme lá no seu lugar. Eu queria um Deus com templo organizado, com peças de ouro, magnífico e grandioso; eu queria um Deus que viesse num cavalo branco, que mostrasse para esse povo do que ele é feito. Quero uma coisa grande, com a qual me identificar; quero ficar bonito na foto ao lado dele – vou tirar foto com um mendigo e dizer que é meu Deus? Não quero isso, não!”. Esse é o escândalo da cruz, tão citado por Paulo, principalmente, aos coríntios – porque eles eram muito orgulhosos. No

passado, Paulo falou aos coríntios, mas, hoje, a mensagem do escândalo da cruz é para nós: você vai se identificar com esse escândalo? Porque, se você o fizer, é o mesmo que dizer: “eu quero intimidade, porque essa nudez também é minha”. Deixe-me ir um pouco mais fundo nessa ideia...

Capítulo 7

A Intimidade Rompida X A Intimidade Preservada

Em Gênesis 9.18-27, lemos o episódio em que a nudez de Noé é invadida por um de seus filhos:

“Os filhos de Noé que saíram da arca foram Sem, Cam e Jafé. Cam é o pai de Canaã. Esses foram os três filhos de Noé; a partir deles toda a terra foi povoada. Noé, que era agricultor, foi o primeiro a plantar uma vinha. Bebeu do vinho, embriagou-se e ficou nu dentro da sua tenda. Cam, pai de Canaã, viu a nudez do pai e foi contar aos dois irmãos que estavam do lado de fora. Mas Sem e Jafé pegaram a capa, levantaram-na sobre os ombros e, andando de costas para não verem a nudez do pai, cobriram-no. Quando Noé acordou do efeito do vinho e descobriu o que seu filho caçula lhe havia feito, disse: “Maldito seja Canaã! Escravo de escravos será para os seus irmãos”. Disse ainda: “Bendito seja o Senhor, o Deus de Sem! Seja Canaã seu escravo. Amplie Deus o território de Jafé; habite ele nas tendas de Sem, e seja Canaã seu escravo”.

Nesse texto, vemos que tudo o que sobrou para Cam foi ser escravo. Invadida por seu filho Cam, a nudez de Noé é símbolo de uma intimidade exposta. E, quando alguém invade a nudez de outra pessoa, não importando de que natureza seja – física, psicológica, emocional, espiritual ou intelectual – essa pessoa é um abusador.

Vou abrir um parêntese para te explicar algo que me parece importante, a essa altura. Algo que acontece nos relacionamentos íntimos e passionais é que uma pessoa, por saber da nudez espiritual do outro – por saber que, espiritualmente, o outro não está bem – em vez de se juntar a ele para consertar essa nudez espiritual, para melhorar sua situação, muitas vezes, acusa, invade, expõe e brinca com o pior do outro. E é muito comum esse tipo de pessoa – que invade o espaço espiritual do outro, sem nenhum respeito – achar que está ajudando.

Entenda isso: ninguém ajuda ninguém desrespeitando a nudez dele. A

intimidade só vê a nudez que o outro quer mostrar. Estou contribuindo para que haja intimidade entre nós quando eu percebo que você não quer que eu veja determinada nudez e eu respeito isso, ao invés de ir lá olhar, contra a sua vontade. Então, agora, que você não me mostrou e eu respeitei a sua vontade, temos muito mais chance de ter intimidade um com o outro.

O que acontece no texto acima? Noé tinha três filhos e um deles era órfão. Parece estranho dizer que alguém que tem pai seja órfão, mas, Cam era um órfão de pai vivo e eu vou te mostrar como isso aconteceu e acontece ainda hoje. A orfandade de que estamos falando é uma orfandade emocional e, não, uma orfandade legal. Essa orfandade emocional é uma reação da alma humana, que pode acontecer aos filhos de pais bons, ruins e, naturalmente, aos filhos que não tiveram pai algum. É a alma humana que decide ser órfã, tendo ou não tendo pai.

Funciona da seguinte maneira: a pessoa teve um trauma ou uma experiência ruim na área de paternidade e decide que não quer ter pai na vida dele. Por exemplo, um menino de cinco anos, cujo pai viajou por dois meses. Antes da viagem, eles eram muito chegados, muito íntimos, mas, durante a viagem do pai, esse menino sentiu muita saudade (e saudade é algo que dói demais) – e considere que a alma infantil é muito mais sensível e frágil do que a alma de um adulto. Então, esse menino, com uma enorme dor de saudade na alma, passa a transformar essa dor de saudade em raiva. A raiva ou a ira são reações baseadas no ataque a alguma coisa que nos ameaça ou incomoda e esse garoto de cinco anos começa a sentir raiva do pai, enquanto este está viajando.

Quando o pai chega de viagem, percebe que perdeu o filho de algum modo, porque a criança está arredia e até agressiva. E ele pode, sim, invadir o mundo desse menino e trazê-lo de volta, porque, afinal, é o pai, mas, ele não percebe, objetivamente, o que está acontecendo – ele não é capaz de ler a alma do filho nas entrelinhas. Ele percebe que o menino está com raiva, que quer socar a cara dele, mas, não entende ao certo que mudança de comportamento é aquela ou o que a motivou. O menino está agressivo e arredio, não, porque não o ama, mas, porque a dor de saudade virou raiva. E, aí, esse pai chega e, por alguma razão, não pode ir até o menino logo que entra em casa, porque precisa fazer algo importante antes. Então, o garoto

desenvolve a seguinte percepção: “papai chegou e não se importou comigo”.

A partir daí, toda a raiva dele evolui para o desprezo e este, para a desistência. Então, quando o pai, finalmente, vai até o filho, ele não está mais lá – ele não aceita mais o pai. Como, se aquele é o mesmo pai de sempre, bom, carinhoso, cuidadoso e que continua presente, cumprindo sua função de pai? Ele não tem a menor ideia do que aconteceu na alma daquele garoto e vai continuar fazendo o seu papel de pai, mas, para ele, o menino é muito ingrato porque, com tudo o que ele faz pelo filho, ele ainda o trata mal. Os dois não estão se entendendo e, diante desse contexto, a tendência do menino é se rebelar contra o pai, passando a sabotá-lo no seu papel, com a intenção subjetiva de expor esse pai.

Cam viveu algo assim. Por alguma razão, ele tinha um problema com Noé e, embora, várias pessoas já tenham tentado traçar um perfil psicológico de Cam, eu não consigo identificar onde Noé possa ter errado, para que o filho ficasse daquele modo, tão hostil e arredio. Naturalmente, Noé era tão humano quanto qualquer um e, portanto, deve ter cometido os seus erros como pai. Porém, eu não acredito que ele tenha semeado isso no coração do filho, pois, com certeza, deve ter sido um bom pai. Afinal, se ele não tivesse sido um bom pai, Sem e Jafé poderiam ter tido a mesma atitude de Cam, mas, eles se recusaram a ver a nudez do pai.

Então, eu creio que a reação de Cam foi uma dessas reações inexplicáveis, que acontecem na alma humana, levando cada um a reagir de um modo singular às mesmas experiências. Nesse caso, Cam optou por não superar a marca negativa em sua alma e ainda decidiu alimentar a dor que essa marca gerou – ele deu razão para a dor e entendeu que perder o pai era algo razoável e aceitável, como aquele menino fez. Assim, ambos desistiram do pai.

E precisamos entender que o problema de Cam não surgiu no dia em que ele viu o pai nu e, sim, muito tempo antes. Entendo que, quando ele ainda era um garoto, algo aconteceu em seu coração, dando origem a um desprezo tão profundo por seu pai. Esse desprezo foi alimentado ao longo da sua vida e ele não hesitou em expressá-lo, assim que teve a oportunidade – ao passar em frente à tenda do pai, ele percebeu que algo de incomum tinha acontecido ali e aproveitou a chance para desqualificar o pai.

Aparentemente, Noé tinha feito uma festinha particular e, em algum momento, pode ter sentido muito calor, talvez pelo excesso de álcool. Então, passando um pouco dos limites habituais, ele tira a roupa e dança nu, até ficar esgotado e ir dormir, bêbado e sem roupas. É verdade que, se ele não estivesse tão bêbado, provavelmente, teria se vestido ou, ao menos, se coberto. Porém, perceba que tudo isso se passou dentro de sua tenda particular. Ele não estava provocando escândalo.

Naquela cultura, cada membro da família tinha sua própria tenda, equivalente aos quartos da atualidade. Havia uma tenda coletiva, onde todos se juntavam para cozinhar e compartilhar as refeições e, ao redor dessa tenda maior, ficavam as tendas particulares. A bíblia fala que Noé tinha, sim, extrapolado os seus limites, mas, ele estava em sua tenda particular. Contudo, Cam passa por ali e, ao espiar a tenda do pai, percebe que ele estava nu. Ele vê aquela cena ridícula e se escandaliza: “quem o velho Noé pensa que é, para não se dar ao respeito?”.

E quero te lembrar que isso é o mesmo que dizer, ao ver o véu rasgado no templo: “que tipo de Deus é esse, que não se dá ao respeito, que permite que o lugar mais sagrado do templo dele seja rasgado e exposto?”. Mas, voltando à história de Cam, ele observa o velho Noé, ao espiar pela fresta da cortina, deixada entreaberta por acidente, e decide que aquilo é escandaloso. Então, ele não apenas se escandaliza e se envenena com aquela cena, como faz pior: ele chama os irmãos para participarem da chacota de expor o velho pai.

Contudo, Sem e Jafé estavam bem resolvidos, em termos de paternidade, e souberam lidar com a situação – eles tinham a sensação de “eu tenho intimidade com meu pai; eu sei quem ele é para mim e ele sabe quem eu sou para ele, então, eu não quero ver a nudez do meu pai, a não ser que ele queira me mostrá-la”. Desse modo, Sem e Jafé dizem para Cam algo do tipo: “duvido, não acredito!”. E Cam insiste: “pode acreditar, pode ir até lá para conferir: ele está pelado, para todo mundo ver; nem sei porque alguma das mulheres ou das crianças ainda não viu aquela cena horrível”. Duvidando daquilo, seus irmãos entram na tenda do pai, de costas, e o cobrem com uma capa. E, quando Noé já estava coberto, eles se viram para o pai, o aconchegam, o protegem e dizem para Cam: “não estamos vendo ninguém pelado aqui; veja bem, ele está coberto com a capa e, além disso, está em sua

própria tenda – não está envergonhando ninguém e, portanto, não temos nada a ver com isso”.

Então, eles saem e colocam todos para fora, fecham a tenda e montam guarda na porta de entrada, de modo que ninguém mais consiga ver a nudez de Noé – pelo menos, até que ele acorde e possa proteger sua própria nudez. Por que Sem e Jafé não quiseram ver a nudez do pai? Porque intimidade é não querer ver a nudez de quem não quiser me mostrar. Se eu não consigo respeitar a nudez do outro, eu não tenho intimidade real com ele. Terei, sim, um relacionamento superficial e sem confiança, mas, nunca um relacionamento íntimo.

No entanto, quero voltar à personalidade adoecida de Cam, para te ajudar a entender que o que fez Cam expor Noé e andar na contramão da intimidade com seu pai é, exatamente, a sede de intimidade. Parece contraditório, mas, o que Cam mais queria na vida era ter intimidade com o pai e foi, justamente, isso o que ele perdeu a chance de ter, com sua indiscrição e malícia. A relação dele com o pai foi duramente golpeada, com sua atitude desleal, então, a partir daquele ponto, Cam não teria mais pai. E por que ele dá um golpe certo e definitivo nessa relação? Até aquele momento crucial, a relação ainda poderia ter sido consertada, mas, com sua malícia, ele inviabilizou a relação e tornou a separação definitiva. Por ele fez isso? Porque ele estava com sede, ele queria um pai, estava carente, mas, não sabia, exatamente, como lidar com isso e encontrar suprimento para sua alma.

A essa altura, eu imagino que você deve estar pensando em como Cam foi idiota. Por que ele fez aquilo, porque envenenou a própria fonte, se queria água? Por que quebraria a caixa d’água e jogaria toda a água pelo ralo ao invés de saciar sua sede? Não faz sentido. Seria como dizer: “estou com sede, então, vou jogar fora toda a água que tem na geladeira”. Parece estúpido, mas, é o que todos nós fazemos, porque a sede de intimidade, a sensação de falta e ausência de intimidade, tende a nos embriagar e nos levar a fazer coisas estúpidas, como dar um tiro no próprio pé.

Então, embriagados dessa sensação de ausência de intimidade e querendo muito ter intimidade com alguém, tendemos a sentir raiva, desprezo, amargura e desejos de vingança, assim que percebemos que não vamos ter o que desejamos. Ou seja, ao invés de me aproximar da água, que matará a

minha sede, eu faço, exatamente, o contrário – eu ataco, rejeito, jogo a água fora quando, na verdade, eu queria mesmo era beber dela. É como rejeitar antes de sermos rejeitados, pois, não suportaríamos passar por isso.

Freud, em defesa às suas teorias psicanalíticas, chama essa reação antagônica de ‘formação reativa’. Um exemplo disso é o garoto que, com cerca de sete ou oito anos, em idade escolar, se apaixona pela menina loirinha que senta à sua frente, na sala de aula. Ele está encantado por ela e, nessa idade, é muito vergonhoso que alguém perceba que estamos gostando de alguém, então, ele sabotava o seu relacionamento com ela. Assim, ao invés de tratá-la bem, no intuito de atrair o seu interesse, ele puxa o cabelo dela, joga bolinha de papel nela, bota o pé na frente, para fazê-la tropeçar e, quando alguém fala mal dela, ele concorda. Mas, a verdade é que tudo o que ele queria era sentar perto dela e trazê-la para a intimidade. A formação reativa é uma defesa psicológica que usamos para disfarçar sentimentos muito bons em sentimentos muito ruins ou vice-versa, porque são sentimentos que temos vergonha de expressar publicamente. O que Cam faz é expressar a sua sede avassaladora de intimidade na forma de raiva e desprezo pelo pai. Ele não queria afastar o pai, mas, sim, que Noé prestasse atenção nele e se importasse com ele. Por isso, Cam invade a nudez de Noé e quebra o relacionamento, definitivamente.

Erros e acertos no que tange à intimidade

Vejamos, agora, alguns erros contra a intimidade, notados nesse texto. Cam comete quatro erros, que são os mesmos erros que nós cometemos: 1) ir onde o outro não quer que eu vá; 2) notar uma nudez que o outro não quer que eu veja; 3) falar dessa nudez com malícia; 4) e envenenar outros com a minha malícia.

Erro 1 – Ir onde o outro não quer que eu vá

No texto de Gênesis, vemos que Deus não fez isso. Ele sabia onde Adão estava e que estava nu, mas, ele respeitou o fato de que Adão não queria que ele chegasse perto demais e visse sua nudez. Um exemplo de alguém que vai

além do que o outro permitiu seria você mexer no celular do seu cônjuge, sendo que ele já tinha deixado claro não querer que você fizesse isso.

Erro 2 – Notar uma nudez que o outro não quer que eu veja

O segundo erro diz respeito a insistir em olhar para a nudez do outro, mesmo sabendo que ele não quer que eu a veja – ao invés de fechar os olhos, eu invado sua privacidade. Sem e Jafé se recusaram a olhar a nudez do pai, mas, Cam fez questão de olhar, ele decidiu olhar ao invés de fechar os olhos. Exemplo: um parente, crente e casado, tem um problema com um vício sexual e tem escondido isso atrás de uma atitude orgulhosa, alardeando para a família toda o quanto ele anda “correto com Deus”. Num certo dia, enquanto passeava por sites pornográficos em seu laptop, ele é descuidado, te dando a chance de pegá-lo no flagra e dizer: “ah, sim, então, você, que se diz tão bem resolvido e tão perfeito, tem guardado esse segredo, não é?”. Aqui, você tem uma escolha a fazer: fingir que não viu e se retirar do local, discretamente, sem que ele chegue a te notar; ou pode confrontá-lo e desmascará-lo diante de toda a família. Se você escolhe a segunda opção, está incorrendo nesse segundo erro.

Erro 3 – Falar da nudez do outro com malícia

O terceiro erro se refere a notar a nudez do outro com malícia e deixar que ele perceba que você notou. A nudez do outro é somente isso, nada mais. Não é vergonhosa, escandalosa ou imoral – é apenas a nudez do outro. O que aconteceu na tenda de Noé é algo muito comum, nada estranho, e não deveria ter causado nenhuma estranheza em Cam. O que tem de feio e estranho no indivíduo dormindo pelado em sua própria tenda? Nada. Se ele estivesse andando nu pela rua, aí, sim – estranho seria achar isso normal – mas, não era o caso. Falarei mais sobre malícia em outro capítulo, porém, antes disso, me deixe esclarecer o quarto erro que cometemos contra a intimidade, que é: envenenar o outro com a malícia construída.

Erro 4 – Envenenar outros com a minha malícia

Cam viu a nudez do pai, porque ele foi onde não deveria ter ido, e maliciou, porque ele quis maliciar. Mas, o pior de tudo é que ele não a guardou para si, mas, tentou envenenar os irmãos com a sua malícia. Por vezes, por estarmos muitos eufóricos, ao pegar o outro “no flagra” e ter algo para usar contra ele, não nos controlamos e tentamos induzir outros a fazerem o mesmo. Esse é um erro grave, pois, não contentes em nos perder, levamos outros à se perderem também.

Esses quatro erros cometidos por Cam são, exatamente, os erros que cometemos quando temos a chance de ter um relacionamento íntimo e, por alguma razão, não conseguimos – talvez por conta de nossas feridas emocionais. E, quando não conseguimos estabelecer essa intimidade e aplacar a nossa sede de sermos íntimos com alguém, o nosso amor pode se tornar raiva, despeito, ressentimento, rejeição e abandono.

Mas, por outro lado, há os acertos de Sem e Jafé, para a intimidade: 1) eles aceitam o ataque de Cam com maturidade; 2) e levam em conta que era Cam quem estava trazendo a notícia.

Acerto 1 – Agir com maturidade diante da imaturidade do outro

O primeiro acerto de Sem e Jafé foi não permitir que a interpretação dos fatos feita por Cam os envenenasse, considerando a imaturidade dele. Cam levou uma história pronta até eles, que souberam separar as coisas: “isso aqui é o Cam está sentindo e esses são os verdadeiros fatos”. Gente que já alcançou um certo nível de maturidade sabe separar a realidade da alma do outro. Quando você se deixa envenenar, para de pensar com seu próprio entendimento e passa a raciocinar com o discernimento da pessoa que te trouxe a história. Se você não se permitiu ser envenenado, vai pensar com clareza e avaliar a situação de forma mais sensata.

Acerto 2 – Levar em conta quem está narrando a história

Lembro-me de um discípulo que me trouxe uma história a respeito de alguém – ele queria minha intervenção naquela circunstância, então, me contou: “fulana fez isso em tal reunião e eu preciso que você faça uma intervenção, porque tem que ser você”. Eu pensei um pouco e respondi: “você está enganado, porque eu conheço fulana e, se ela fosse fazer algo assim, não faria desse jeito. De modo que, baseado em tudo o que acabou de me dizer, eu posso te falar três coisas: 1) ela não fez isso, realmente; 2) você não viu o que aconteceu, mas, soube disso por beltrana, sua esposa, que estava na reunião – e ela, sim, teria entendido o episódio dessa forma; 3) eu te conheço e sei que você não teria lido a situação desse jeito, ou seja, sei que você soube disso por intermédio de outra pessoa. Ele ficou surpreso e disse: “pastor, como você sabe de tudo isso!? Ela te contou, não foi?”. Mas, a esposa dele não tinha me contado nada. Eu, simplesmente, não me deixei envenenar pela história dele, ou seja, minha mente estava livre para pensar no assunto de modo imparcial. Enfim, eu só agi como gente madura deve agir, que foi exatamente como Sem e Jafé agiram em relação à Cam – porque sabemos que gente imatura tende a se deixar envenenar, quando alguém fala algo ruim sobre outra pessoa.

Sem e Jafé decidiram que não queriam ver a nudez do pai, mesmo que ela estivesse ali, para todos que quisessem ver. E por que não quiseram ver a nudez de Noé? Porque ele não tinha decidido mostrá-la. Eu preciso decidir não ter intimidade com alguém que não me mostra a sua nudez ou estarei sendo abusivo. Eles não só rejeitaram a chance de ver a nudez do pai, como cobriram a sua nudez com uma capa, para que ninguém mais a visse. Está lembrado de que Deus cobriu a nudez de Adão com uma pele? Pois, Sem e Jafé fizeram o mesmo e, exatamente, porque fizeram isso, a intimidade entre eles e o pai foi consolidada e fortalecida.

Quando você tem a chance de ver a nudez de alguém que não a está mostrando e se recusa a vê-la, a intimidade entre vocês é consolidada. Porque você dá ao outro a oportunidade de te mostrar, quando ele quiser e estiver pronto. E estou te ensinando isso, através de um episódio que

aconteceu no mundo dos homens, para que consiga ver esse mesmo princípio na sua relação com o divino – Deus nunca vai invadir a sua nudez. A não ser no final de tudo, quando não tiver mais jeito e for o tempo de trazer à luz todas as coisas. Naquele dia, ele dirá: “já que tudo acabou, eu preciso te dizer que vi sua nudez”. Mas, até lá, o código de Deus é o código que eu sigo: só vejo a nudez de quem quiser se revelar a mim.

Podemos observar esse princípio de Apocalipse 22.3, quando Jesus disse: “...*eu sou o alfa e ômega...*”. Ele estava tentando dizer: “eu te dou a vida e, no final, faço prestação de contas; o meio é com você, dê o seu jeito. Não vou ficar insistindo, todos os dias, perguntando se você me quer. Não, você vai viver a sua vida e, no final, eu vou aparecer por aqui, novamente, para conversarmos sobre o que você fez com a vida que eu te dei. Não vou me meter. A minha parte é o alfa e o ômega, o princípio e o fim, e, se você quiser me dar o meio, também, nós vamos ter intimidade. Porém, se você não quiser, só voltaremos a nos ver quando tudo tiver acabado. Então, baterei na sua porta, dessa vez, para a prestação de contas. Até lá, o que me cabe é o alfa e o ômega, o princípio e o fim – o meio é por sua conta”.

Capítulo 8

Uma Palavra sobre a Malícia

“E não entristeçais o Espírito de Deus... Longe de vós, ...toda malícia.”
Efésios 4. 30, 31 - ARA

Permita-me abrir um parêntese em nosso tema para falar especificamente sobre a malícia – ela é importante para o nosso tema porque não pode haver intimidade quando há malícia e não pode haver malícia quando há intimidade. Então, quero gastar um pouco mais de tempo com a questão da malícia porque, no episódio de Noé e seus filhos, se tirássemos a malícia da situação, não teria havido problema algum – a malícia estava em Cam, profundamente enraizada em sua alma.

Se você estiver em cima do telhado e tiver o poder de olhar dentro do quarto de alguém, será muito natural flagrar uma cena em que ele esteja nu, uma cena íntima – porque esse é o lugar certo para ficarmos nus, na nossa tenda particular, no nosso quarto. Até porque, se temos o poder de olhar dentro e enxergarmos sua nudez, não haverá nada de errado com aquela nudez – porque a nudez do outro não é boa ou má, é só a sua nudez. Contudo, Cam coloca malícia naquela cena, pois, ele não olha a nudez de Noé como algo normal, mas, como algo indigno e que o desqualifica.

A verdade é que, se fosse eu a passar em frente à tenda de Noé, quando a cortina estivesse entreaberta, e se fosse eu a vê-lo em sua nudez, teria tido uma atitude diferente. Eu não saberia por que a cortina estava entreaberta – talvez o vento a tivesse aberto ou mesmo Noé, distraído, poderia ter dormido e, acidentalmente, mexido na cortina. Mas, isso não importaria e meu impulso seria de proteger a nudez dele. A cortina ficara parcialmente aberta, a ponto de expor a nudez de Noé e, se fosse eu a passar por ali, naquele exato momento, não pensaria com maldade, tipo: “muito estranho isso, de Noé ficar pelado no meio da tenda...”. E por que eu não pensaria isso? Porque é muito normal e natural alguém ficar pelado em sua própria tenda! O máximo que eu faria, e com um claro sentimento de desconforto, por estar me metendo na vida dos outros, seria fechar a cortina, sair sem ser percebido e não comentar

com ninguém, porque ninguém tem que saber o que eu acabara de ver.

Mas, quando Cam vê Noé pelado, a mente dele lhe diz que há algo errado, como se não fosse normal ficarmos pelados em nossa própria tenda, assim, sem mais, nem menos. Ele esqueceu que fazia o mesmo, que todo mundo faz isso. E, se ele podia ficar nu em sua tenda, por que não seria normal seu pai fazer o mesmo? Por que tem que ter algo de estranho nisso, quando era seu pai a ficar nu? A malícia torna a descoberta da nudez do outro um evento especial, o de ver o pior do outro. Então, quero que você pense comigo sobre Efésios 4.30, 31:

“E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção. Longe de vós, toda amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda malícia.” ARA

Nesse texto, vemos que há uma sequência de coisas que entristecem o Espírito Santo e Paulo parece dar um destaque especial à malícia, quando a deixa para o final do texto e enfatiza: *“e bem assim toda malícia”*. Eu percebo algo na escrita dele, do tipo quando temos uma série de coisas ruins para listar e deixamos o pior para o final, que, na verdade, é o principal e verdadeiro problema. É como se ele dissesse: “muitas coisas entristecem o Espírito Santo, como a amargura, cólera, ira, gritaria, blasfêmias e, finalmente, o grande problema: a malícia”. E, claro, essa é uma percepção minha, mas, eu entendo que Paulo dá à malícia esse lugar de destaque porque ela é o principal sabotador da intimidade, inclusive, da intimidade com Deus.

Isso porque ela produz uma sensação de conforto, vinda da ideia de que “eu sou ruim, mas, fulano é muito pior do que eu”. Eu sou a malícia quando eu quero me confortar da minha autoimagem ruim, mostrando a imagem ruim do outro, que, a meu ver, é pior do que a minha. A malícia é uma escolha – eu escolho ver o pior do outro, porque me convém e me é útil ver o pior dele. A malícia persegue, deduz o pior do outro e o malicioso não consegue ver que aquela pessoa pode ser boa, que pode haver uma boa pessoa por trás de tudo de ruim que ela está fazendo. Porque pessoas boas fazem coisas más e pessoas más fazem coisas boas. Assim é a vida e assim é o ser humano. Então, porque o que eu estou vendo aquela pessoa fazer tem que ser, necessariamente, ruim? Mas, você poderá dizer: “que nada! Você está enganado, fulano não é bom, não”. O fato é que, talvez, ele seja e você não

consiga ver, porque a malícia quer sempre ver o pior do outro, já que se sente confortada quando vê que o outro não é tão bom assim: “eu não sou bom, mas, fulano, pelo amor de Deus! Ele é muito pior do que eu”. Quando eu vejo o pior do outro, o meu pior parece menos pior – isso é malícia.

O inverso de malícia é *ingenuidade* e, na nossa cultura, ser ingênuo é um defeito imperdoável, não é algo bom. Mas, Jesus acha que é, tanto que uma das nove bem-aventuranças, descritas em Mateus 5.3-11, é para os ingênuos: “*bemaventurados os puros de coração porque eles verão a Deus*” (v. 8). O “puro de coração” é o indivíduo ingênuo, que não vê malícia nas coisas. Por exemplo, o malicioso vai num show de mágica e, ao invés de relaxar e aproveitar o show, ele fica pensando no que o mágico está fazendo, nos truques que está usando para enganar todo mundo: “ele escondeu a moedinha na gola da camisa, só pode ser; é por isso que ele traz uma capa enorme, porque ele consegue esconder os objetos ali dentro. Não tem nada de mágica, não!” A malícia quer desmascarar o outro e, se possível, numa situação que o deixe constrangido e mal visto.

Ao contrário, o ingênuo senta e fica maravilhado com o show, achando tudo muito legal, enquanto o malicioso só quer descobrir “o pulo do gato” e aprender como o outro faz, para poder fazer a mesma coisa. E quem você acha que vive melhor, o ingênuo ou o malicioso? O ingênuo, é claro. Quando Jesus disse, em Mateus 5.8, que os puros de coração são bem-aventurados porque verão a Deus, estava querendo dizer que os maliciosos não verão a Deus. Por que não? Porque, toda vez que Deus se manifesta, tudo o que o malicioso faz é tentar descobrir o que Deus está fazendo, para conseguir enganar a todos. Ele não consegue ver o milagre, porque está sempre procurando o engano, tentando “pegar Deus na mentira”. Então, Deus age, faz o milagre e ele não vê.

Quando Tomé disse: “eu só acredito se colocar o dedo na ferida porque, se eu apenas olhar de longe, pode ser que eu seja enganado, pode ser mágica. Quero ver e tocar, colocar o dedo no furo feito pelo prego na carne de Jesus”, Jesus apareceu e falou: “aqui está, põe a tua mão e comprova que é verdade. Mas, você tem um problema, agora: você creu porque viu e isso não te dá bem-aventurança nenhuma. Você está encrencado, Tomé, porque só os que não viram e creram é que são bem-aventurados”. O malicioso não consegue acreditar se ele não ver e tocar. Na verdade, até vendo e tocando ele tem

dificuldade em acreditar e ainda desconfia, porque faz questão de ver o pior do outro – o outro tem um pior que ele quer ver e fará de tudo para descobrir.

E eu preciso te contar uma coisa: o outro sempre tem um pior para ser visto. Porque o outro é um ser humano, como você, e a definição de “ser humano” inclui erros, falhas, tropeços e enganos. Gente erra o tempo todo. Então, se você quiser encontrar o erro do outro, pode acreditar que vai encontrar, porque sempre terá um erro para ser visto. Todo ser humano tem erros, mas, você tem duas opções: não querer ver; ou, quando ver, escolher não maliciar. Quem põe a malícia não é o outro, sou eu, de acordo com a minha percepção do outro.

E por que é tão importante entender essa questão da malícia? Porque nós levamos isso para o nosso relacionamento com Deus, essa mesma malícia que Cam levou para o seu relacionamento com Noé. E, acredite, há um número enorme de crentes desviados, perdidos lá no mundo, porque maliciaram e fizeram com Deus o mesmo que Cam fez com Noé, decidindo olhar para o pior de Deus, para a vergonha de Deus. Essas pessoas decidiram que estão magoadas com ele, seja porque ele fez o que elas não queriam ou fez o que elas pensam que ele não deveria ter feito: “que Deus é esse, que faz uma coisa dessas?”. Então, ficam magoadas, chateadas e se afastam. E eu te digo que Deus não perdeu nada, Noé não perdeu nada – quem perde é quem se afasta, como Cam que, além de perder a benção, ganhou uma maldição.

Capítulo 9

Resultados da Intimidade ou da Falta Dela

Ao contrário de Cam, Sem e Jafé construíram o relacionamento com o pai e o resultado foi maravilhoso. E, falando nisso, deixe-me te contar dos resultados advindos da intimidade construída do jeito certo – esses resultados valem para a intimidade entre humanos e com o divino, que é o que estamos trabalhando nesse livro. Quando a intimidade é bem resolvida, ela apresenta um conjunto de resultados e, quando ela é mal resolvida, apresenta outro conjunto de resultados. A intimidade com Deus tem muito mais força nesses resultados do que a intimidade com o outro, mas, ambas são significativas.

A primeira coisa que quero te explicar, sobre resultados, é que, quando a intimidade não é resolvida da forma correta, respeitando a nudez do outro e cobrando que o outro respeite a minha nudez, com limites e aceitação do outro, os resultados são muito ruins – quando a intimidade não é construída dessa forma, eu e você nos sentimos escravos. Note que, quando Noé acordou e percebeu o que Cam tinha feito, ele disse “maldito seja você, que será escravo para o resto da vida”. Todas as áreas da nossa vida param de funcionar adequadamente quando a intimidade não flui, porque intimidade resolvida do jeito errado é escravidão.

Atualmente, os estudiosos do comportamento humano entendem que precisamos de bons relacionamentos, se quisermos prosperar e alcançar bons resultados na vida. Contudo, quero ir um pouco além nessa ideia e dizer que, para crescer na vida, precisamos mesmo é de intimidade. Nesses últimos dias, os relacionamentos que estão sendo construídos entre os homens são superficiais e descomprometidos, deixando a impressão de que ‘fulano só quer se aproximar de mim para me explorar’. O resultado é que eu também só ficarei perto dele para explorá-lo – e isso não é intimidade, é jogo de interesses.

John Maxwell, no seu livro, *21 Leis Irrefutáveis da Liderança*^[5], transmite a seguinte mensagem, através de todas as vinte e uma leis: sirva o seu liderado, sem esperar nada em troca e, então, ele morrerá por você no campo

de batalha. O contrário disso seria: sugue o seu liderado, tire o que puder dele, use-o como ferramenta para alcançar suas próprias vitórias e, no campo de batalha, ele te deixará morrer sozinho – e você ficará sem ninguém para te dar nem mesmo um copo de água. Porque, se você estiver somente jogando um jogo de interesses, para tirar o máximo proveito dele, ele fará o mesmo, jogando para tirar de você o máximo que puder ou para te punir, por sentir-se abusado.

Quando eu decido me relacionar com intimidade, ao invés de me tornar escravo, eu me torno bem-sucedido, porque os relacionamentos fazem a vida ser bem-sucedida. No entanto, esse princípio só funciona quando eu pratico Provérbios 17.17: em todo o tempo, ame o seu amigo e, quando chegar a angústia, você terá um irmão. Mas, mesmo se eu praticar isso – amando o meu irmão em todo o tempo – se ele entender que só o estou explorando, no dia da minha angústia, ele estará entre os meus inimigos, ajudando a me fazer pagar o preço dos meus erros do passado. Então, pensando nos resultados da intimidade, quando a intimidade é real, prosperamos e, quando ela não é verdadeira, viramos escravos – essa é a maldição.

A segunda coisa que preciso falar, a respeito dos resultados da intimidade, é que, com intimidade, nossas finanças e espiritualidade são abençoadas. Sem e Jafé receberam cada um uma bênção: Sem recebeu a bênção da espiritualidade e Jafé recebeu a bênção da prosperidade financeira. Toda a espiritualidade teve origem em Sem – Cristianismo, Islamismo e Judaísmo são religiões semitas, ou seja, vieram de Sem. Portanto, a espiritualidade é muito abençoada quando desfrutamos de verdadeira intimidade. No caso de Jafé, ele se tornou um grande homem de negócios, capaz de ganhar dinheiro sem produzir, apenas negociando e ganhando, ganhando e negociando.

Para exemplificar isso, pense no mercado sueco de chocolates: a Suíça não planta cacau, mas, faz o melhor chocolate do mundo, porque ela sabe negociar os melhores recursos humanos e materiais – ela pode fazer os melhores negócios porque tem recursos para isso. E quem sustenta e produz, para que Sem seja o cara da religião e Jafé seja o cara do dinheiro? Cam, o escravo. Intimidade te libera para funcionar espiritualmente e crescer financeiramente. Ao contrário, trair os princípios da intimidade escraviza, faz viver sem contentamento, sem alegria, sem satisfação. Por quê? Porque tem

algo gritando dentro de você, um princípio eterno, dizendo: você foi criado para a intimidade e está agindo na contramão dela

Vou te contar uma história. Quando Mhayza tinha cerca de sete anos de idade, aconteceu algo que impactou negativamente sua alminha, ainda muito infantil. Eu estava atendendo uma pessoa na igreja e emendei numa ministração. Então, naquele dia, que era a minha vez de buscá-la escola, cheguei meia hora atrasado. Era a hora do almoço, pois, ela estudava de manhã – e quem estuda pela manhã sabe que, no final do turno, está todo mundo com fome, ou seja, as crianças saem com pressa e a escola logo fica vazia. Bem, quando eu cheguei lá, ela estava sozinha, absolutamente sozinha, na porta da escola, com os olhos marejados, mas, aguentando firme, para chorar só quando o papai chegasse – porque ela é dessas, que “segura a onda” e “não deixa a peteca cair”. Ela estava lá na porta da escola, em sua atitude firme e segura e, quando eu cheguei, logo percebi o mal que tinha feito à alma da minha filha. Então, a coloquei no carro e, em vez de irmos direto para casa, fomos para um lugar tranquilo, porque eu queria que ela desabafasse, percebendo que ela não estava bem e sabendo que a culpa era minha.

E o problema não foi só o atraso, mas, o fato de deixá-la sozinha na porta da escola, sem ninguém, sentindo-se abandonada – e com fome! Então, a levei para um lugar onde ela pudesse desabafar e fui fazendo perguntas, para induzi-la ao choro, de modo que ela pusesse para fora toda aquela dor, presa em sua alma. E, quando ela começou a chorar, era um choro de perder o fôlego – ela chorou muito. Passado alguns minutos, quando percebi que ela já tinha conseguido despojar a dor, eu disse: “minha filha, eu preciso que você me perdoe, porque eu errei com você; mas, você não precisa me perdoar agora, pois, eu sei que te magoei muito, então, leve o tempo que precisar para me perdoar – mas, eu gostaria muito que você começasse a pensar nisso o quanto antes”. Então, chorando e puxando o fôlego, ela disse uma coisa que me marcou demais: “pai, eu aprendi com você que, se eu não perdoar alguém, tenho que estar disposta a viver sem essa pessoa e eu não quero viver sem você; então, eu te perdoo”.

E, sim, naquele momento, a alma dela ainda estava doendo e penso que demorou cerca de duas semanas, até que ela voltasse às boas comigo. Mas, o

fato é que a intimidade tem um preço e essa é a questão crucial. Quando pensamos em intimidade, infelizmente, só pensamos no prazer que a intimidade dá – e não estou falando de prazer sexual, não, mas do prazer em geral, que sentimos ao sermos íntimos de alguém, termos alguém que nos completa e faz parte da nossa vida. Porque dá muito prazer não se sentir sozinho no mundo, sentir-se um só com o outro; sentir que eu tenho alguém por mim, quando as coisas se complicam. Mas, o que conta, na intimidade, não é o prazer, é o preço da aliança – é o irmão, não, o amigo. É o sentimento de que “fulano está encrencado, então, eu também estou, porque a encrenca dele é minha”. Alguém poderá questionar: “mas, fulano está errado nessa encrenca, não deveria ter se metido nisso e você não tem nada a ver com a encrenca dele” – “tudo bem, mas, ele é meu irmão, vou fazer o que? Meu irmão está encrencado e o que você quer que eu faça? Ele é meu irmão!”.

Essa sensação de obrigação, de *link*, de aliança e de que o problema do outro é da minha conta está muito mais ligada à intimidade do que a prazer, como a maioria de nós pensa, quando se fala de intimidade. Intimidade tem muito mais a ver com “sua vida é da minha conta porque eu tenho aliança com você”. É isso o que faz Deus não atravessar a floresta para pegar Adão no flagra – ele prefere fazer barulho, para avisar que estava chegando, como se dissesse: “eu sei que você está pelado e estou fazendo barulho para deixar claro que estou chegando” – porque respeitar a nudez de Adão faz parte do código de Deus, de não entrar onde ele não é chamado.

Intimidade é muito mais essa sensação de que o problema do outro é da minha conta do que a sensação de prazer que eu tenho com ele. Tem a ver com o sentimento de obrigação e aliança que eu tenho como você: “se você estiver de pé, você é da minha conta; se estiver caído, é da minha conta; se estiver bem na vida, é da minha conta; e se você estiver mal de vida, também é da minha conta – porque você não está na lista dos meus amigos somente para me dar prazer, mas, você, simplesmente, está na minha vida para sempre e não há o que fazer quanto a isso; eu não tenho como me livrar de você porque você faz parte de mim e eu faço parte de você”. Intimidade está muito mais ligada a essa sensação de aliança do que com o prazer que eu possa obter desse relacionamento.

E, sim, intimidade dá prazer, mas, o prazer é muito melhor e mais bem aproveitado, ou seja, a alegria que a intimidade gera é muito maior quando essa intimidade está sustentada por uma aliança. Por isso, Deus nos dá o livre-arbítrio, para que possamos escolher ter ou não intimidade, porque nossa escolha estabelecerá ou não a aliança. E, aqui, eu devo citar a crença dos irmãos calvinistas na predestinação, uma das teorias mais fortes de Calvino e que anda na contramão do livre-arbítrio. Que os irmãos da escola calvinista me perdoem, mas, vocês tem um problema para resolver. Eu brinco com isso, justamente, para você, que é calvinista, não levar para o lado pessoal – afinal, somos irmãos. A questão é que, se você for um calvinista, terá a sua forma de pensar a respeito de livre-arbítrio e da sua correlação com intimidade. Porque eu, realmente, não sei como fazer essa correlação dentro de uma visão calvinista. Mas, esse é um problema para os calvinistas resolverem, pois a verdade é que não dá para ter intimidade se você é obrigado, se não puder exercer seu livre-arbítrio.

Deus não está nos chamando para sermos suas marionetes em seu reino, pessoas que ele controlará à força. Deus está nos chamando para sentar à mesa da comunhão e da intimidade – e não dá para sentar à mesa da comunhão e da intimidade se você não for livre para dizer que não quer ir. Deus ainda está exposto à vergonha, ainda está passando vergonha e morrendo de vergonha; ainda está com os segredos dele escancarados, ainda está escandalizado – no mundo, na história e em nossos dias. Deus é o maior escândalo de todos os tempos e precisamos escolher o que fazer, diante desse escândalo.

Eu não sei se você já notou que, quando roteiristas não cristãos tentam contar a história de Jesus, eles sempre deixam algumas lacunas em aberto. Essas lacunas existem porque essas pessoas, simplesmente, não entendem como Jesus pode ter ressuscitado sem se mostrar para todo mundo. A verdade é que só viu a maravilha da ressurreição quem tinha intimidade com ele – e não é todo mundo que quer ter intimidade com Deus. O nosso desejo era que ele, tendo ressuscitado, demonstrasse todo o seu poder para todos; que fosse lá no pináculo do templo, na hora de maior movimento, e gritasse lá de cima: “aí, cambada de incrédulos, olha eu aqui, vivo – ninguém pode me matar!”. Mas, ele não fez isso. E por quê? Porque ele queria ser um escândalo.

Jesus curava um enfermo e cochichava em seu ouvido para ele não contar nada a ninguém. Jesus nunca fez questão de convencer quem duvidava, assim como não deseja convencer ninguém que ainda duvide, em nossos dias. Muitos pediram provas e ele sempre mudou de assunto, porque ele veio para ser um escândalo. Ninguém conseguiu fazer ele dar prova alguma.

É fato que Jesus ressuscitou, mais de quinhentos irmãos o viram depois disso, mas, esses mais de quinhentos irmãos não são nada, se comparados com a grande quantidade de gente que ele poderia ter convencido se quisesse com várias aparições estratégicas. Além disso, esses quinhentos irmãos poderiam ser acusados de estar mentindo considerando que eram todos discípulos antes de sua morte e ressurreição.

Paulo se tornou uma testemunha confiável porque ele teve uma experiência visível com Jesus, mas, daquele dia em diante, ele, automaticamente, tornou-se um pária aos olhos dos seus, portanto, ele também não era mais digno de confiança do ponto de vista de quem quer duvidar.

Deus se expôs à vergonha e ao escândalo e ninguém pode comprovar que a glória dele existe, que ele é Deus de verdade ou que tudo que dizem, aconteceu de fato.

Está lá, a vergonha na cruz e a vergonha no templo, de modo que a pergunta permanece: o que você vai fazer diante da vergonhosa nudez dele? Deus, o Todo-Poderoso, o grandioso, o excelso, tá exposto, nu na cruz – rasgado, machucado, entristecido, vilipendiado e humilhado. Um escândalo!

O lugar mais sagrado do templo está aberto, para quem quiser ver. As vergonhas de Deus estão mais expostas do que as vergonhas de Noé – e a escolha ainda é sua. Já que não há provas, você pode duvidar e se unir àqueles que zombam – ou você pode crer sem provas, comprar a vergonha dele e dizer: “essa vergonha é minha porque esse Deus é meu”; assumir a briga dele e dizer: “o preço que eu tiver que pagar por ele, eu pago, porque isso aqui é problema meu”.

Eu fico imaginando José de Arimatéia, levando o corpo do Messias para o túmulo novo dele. Muitos podem ter dito: “que vergonha! Quem é que quer um messias para colocar no túmulo, mesmo sendo novo? Ah, pelo amor de Deus, José de Arimatéia! Pensei que você fosse mais inteligente do que isso!” ou “ah, você está levando o seu messias morto, esse cara, aí, todo

arrebentado? E vai levá-lo para o seu túmulo novo? E para que eu quero um messias que fica no túmulo?”. Não importa *para que*, importa *quem* – quem ele é para mim e quem eu sou para ele. Se “essa coisa de seguir a Jesus” não der em nada, não importa; se ele não reinar nunca, não importa; se ele não fizer nenhum milagre, não importa – importa que eu sou dele e ele é meu. Temos intimidade um com o outro, temos um relacionamento, isso é o que conta.

A nudez dele está exposta e tem gente rindo, zombando e atacando; falando mal, me perguntando e me cobrando: “onde está a prova?”. Mas, a verdade é que eu não quero provar nada, eu só quero me unir a ele. Se ele tiver dor, eu também terei; se ele sofrer, eu vou sofrer com ele; se for envergonhado, eu também serei; se falam mal dele, estão falando mal de mim, porque ele é meu e eu sou dele. Isso é intimidade, esse compromisso que aceita pagar o preço da vergonha e do escândalo da cruz, do véu rasgado no templo. Você está naquela cena de novo e a pergunta é a mesma: quem ele é para você? Pense bem, porque a sua resposta definirá o seu futuro.

Aquele crucificado feio, nojento, ensanguentado, talvez, até mesmo, sujo de fezes e urina – porque a dor intensa nos faz perder o controle de nós mesmos – é uma vergonha. Ninguém quer aquilo, aquele Deus relaxado, que não consegue proteger nem a cortina do seu santuário – mas, eu quero. Eu quero porque estou interessado nele, eu quero voltar para a mesa, para a comunhão, ficar ao lado dele; quero comer junto, quero dizer que ele é meu e eu sou dele. Deus te convida para a intimidade. Quando você o adora, ora, se ajoelha diante dele e quando o reconhece como o seu Deus; quando você conta para o mundo que ele é seu, quando se compromete com ele e aceita pagar o preço – você está trazendo ele para sua intimidade e está entrando na intimidade dele. Ele está lá, esperando você se abrir para ser íntimo dele, porque ele já se abriu para ser íntimo seu e está esperando a sua resposta. É a sua escolha operando agora e ninguém pode fazer isso por você.

Capítulo 10

Escândalos: Uma Visão Bíblica

A primeira coisa que aprendemos com a Bíblia, a respeito de escândalos, é que eles são necessários, ou seja, eles tem uma função, conforme o texto abaixo:

“Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundidade do mar. Ai do mundo, por causa dos escândalos; porque é inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual vem o escândalo! Portanto, se a tua mão ou o teu pé te faz tropeçar, corta-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida manco ou aleijado do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno. Se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida com um só dos teus olhos do que, tendo dois, seres lançado no inferno de fogo.” Mateus 18: 6-9 -

ARA

Seguindo esse caminho, da busca por intimidade com Deus, e aprofundando um pouco essa ideia, o texto acima apresenta dois pontos que quero trabalhar com você, como revelação de Deus para nossas vidas. Chamo sua atenção, mais precisamente, para o versículo 7, onde aprendemos duas coisas importantes a respeito dos escândalos:

1. Escândalos são inevitáveis.

“...é inevitável que venham escândalos...”

2. Escândalos sempre saem caro.

“...mas ai do homem através do qual o escândalo vem!”

Escândalos são inevitáveis

Em primeiro lugar, quero focar no fato de que os escândalos são inevitáveis na vida de todos nós e no mundo decaído em que vivemos: ***“Ai do mundo, por causa dos escândalos! É necessário que venham escândalos, mas ai do homem por quem o escândalo vier!”*** Mateus 18. 7 - AEC

Veja que, na versão *Almeida Edição Contemporânea*, a ideia dos escândalos é que eles são inevitáveis, mas, também necessários: ***“é necessário que venha os escândalos”***. No grego original, o sentido disso está muito mais para “necessário”, do que para “inevitável”. E é de propósito que chamo sua atenção, aqui, para o fato de ser o próprio Senhor Jesus que está afirmando, categoricamente, ser **NECESSÁRIO** que escândalos aconteçam.

Isso seria como dizer, literalmente, que o escândalo é importante para o plano de Deus. E, por favor, não me culpe, porque não sou eu quem está dizendo isso, mas, foi Jesus, em pessoa, que fez essa afirmação. No plano eterno de Deus, naquilo que Ele mesmo projetou para cada ser humano – desde Adão até o último homem, nessa dispensação – é realmente necessário que escândalos façam parte da experiência individual e coletiva da raça humana.

O próprio Deus deixa os escândalos acontecerem e, algumas vezes, ele mesmo os promove. Por quê? Porque **o escândalo é a oportunidade perfeita para você decidir se você está do lado de Deus, realmente**. Então, mantenha em mente que, no texto acima, Jesus está dizendo que, por alguma razão, precisamos dos escândalos – eles nos são úteis.

Quanto à necessidade dos escândalos, o apóstolo Paulo falou aos Romanos:

“entretanto, Israel, que buscava uma lei que trouxesse justiça, não a alcançou. E porque não? Porque não a buscava pela fé, mas como que por meio das obras. Eles tropeçaram na “pedra de tropeço”. Como está escrito: “Eis que ponho em Sião uma pedra de tropeço e uma rocha de escândalo; mas aquele que nela confia jamais será envergonhado!” Romanos 9. 31-33 – KJA, grifo meu

Na revelação que lhe foi dada, Paulo está explicando a fala de Jesus, a

respeito da necessidade dos escândalos. Parafraseando o versículo 32: “Por que Israel não alcançou a justificação diante de Deus? Porque eles não exerceram fé, antes, tropeçaram da pedra de escândalo.”. O que Paulo quer dizer com: “eles tropeçaram da pedra de escândalo”? Ele fazia uma referência a dois textos do profeta Isaías:

“Para os dois reinos de Israel ele será um santuário, mas também uma pedra de tropeço, uma rocha que faz cair. E para os habitantes de Jerusalém ele será uma armadilha e um laço. Muitos deles tropeçarão, cairão e serão despedaçados, presos no laço e capturados.” Isaías 8.14, 15 – NVI

“Por isso diz o Soberano Senhor: “Eis que ponho em Sião uma pedra, uma pedra já experimentada, uma preciosa pedra angular para alicerce seguro; aquele que confia, jamais será abalado.” Isaías 28. 16 – NVI

Jesus, escandalosamente exposto na cruz, e sua mensagem de salvação, baseada na graça e na misericórdia divina, era o cumprimento da profecia de Isaías e podemos resumir essa ideia do seguinte modo: “eis que coloquei em Jerusalém uma pedra que causará escândalo. Quem confiar naquela pedra será salvo de seus pecados e justificado por Deus, mas, quem se escandalizar com aquela pedra, será condenado diante de Deus.”. Essa pedra, portanto, seria uma armadilha!

Imagine a cena: você olha para aquela pedra, procurando alguma prova de seu valor, mas, ela não parece grande coisa; mesmo assim, quando você decide se apegar a ela, ela salva sua vida. Por outro lado, a mesma cena pode te destruir, pois, se você se escandalizar, pela aparência depreciada da pedra, perderá a oportunidade de ser salvo e será condenado – apenas porque rejeitou aquela pedra, que não parecia ter poder de salvar ninguém e não parecia ter utilidade alguma.

Quando Paulo fala disso, no texto acima, com relação aos judeus, está se referindo ao Jesus que foi rejeitado por muitos deles. Uma outra fala do profeta Isaías previu isso:

“...Ele não tinha qualquer beleza ou majestade que nos atraísse, nada em sua aparência para que o desejássemos. Foi desprezado e rejeitado pelos

homens, um homem de tristeza e familiarizado com o sofrimento. Como alguém de quem os homens escondem o rosto, foi desprezado, e nós não o tínhamos em estima.” Isaías 53. 2,3 – NVI

Para os judeus, daquele momento da história, Jesus não se parecia em nada com o Messias que eles esperavam e julgavam precisar. Isso, porque eles esperavam um Messias que chegaria num cavalo branco, com poder e espada na mão, trazendo um grande exército consigo. Eles imaginavam um Messias que chegasse com grande demonstração de poder político e militar, colocando o Império Romano debaixo de seus pés. Entretanto, Jesus chegou montado num jumentinho, cercado por uma multidão de gente comum e ovacionado por crianças, que gritavam: ***“Hosana! Bendito é o que vem em nome do Senhor!”*** (Mateus 21.9).

É verdade que esse Messias rejeitado chegou fazendo muitos milagres, curando enfermos, multiplicando pães, andando sobre as águas, expulsando demônios e libertando almas de seu cativeiro. Mas, quem viu os tais milagres? Quem já confiava nele. Ele não fez milagres para convencer incrédulos e atrair aliados, mas, para recompensar a fé e honrar alianças. E como se isso não bastasse, Jesus morreu em nosso lugar, ressuscitou ao terceiro dia e, de novo, quem o viu ressuscitado foram apenas aqueles que já confiavam nele. Ele não manifestou sua glória, levando as pessoas a crerem – e isso, para muitos, era escandaloso. Definitivamente, não parecia ser a estratégia de um rei conquistador, muito menos, de um Deus!

E o que é um escândalo? É um conjunto de sensações que surgem quando algo ou alguém que deveria ser digno de confiança é confrontado pela prova de que, na verdade, é pura farsa e engano. E é claro que sempre fica a possibilidade de se confiar por decisão. O escândalo se estabelece para os judeus quando eles notam que, do ponto de vista da racionalidade humana, não fazia sentido algum Deus não aparecer de forma gloriosa, disposto a humilhar o inimigo. Em vez disso, ele permite que o inimigo o humilhe. E isso é escandaloso para o mundo porque o mundo não aceita a humilhação e enaltece o orgulho. Então, um Deus que se permite ser humilhado, ao invés de humilhar, é inaceitável!

Ele ressuscitou ao terceiro dia, mas, não foi para Jerusalém. Segundo o pensamento comum, ele deveria aparecer para todos no templo e mostrar aos

que o mataram que estava vivo e pronto para retaliar os seus inimigos. Mas, ele não fez isso e quem viu Jesus depois de ressuscitado? Quem já confiava nele antes de sua morte! O Mestre não apareceu de forma espetacular para convencer as multidões incrédulas ou duvidosas.

“E disse-lhes: “Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas. Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado. Estes sinais acompanharão os que crerem: em meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas;” Marcos 16. 15-17 - NVI

Ele nos mandou pregar o evangelho para toda criatura, porém, não deu sinais que servissem de provas aos incrédulos. Em vez disso, ele disse que aqueles sinais seguiriam na direção de quem **JÁ** crê. Portanto, quem decidir confiar no evangelho tomará essa decisão sem prova nenhuma. Esse escândalo, mencionado por Paulo, estabelece a fé que os judeus não tiveram, ou seja, significa que eles não aceitaram o escândalo que Jesus era para eles. É essa a ideia de Jesus, quando disse: ***“é necessário que venham os escândalos”***.

Aqui, já podemos entender porque os escândalos são necessários: porque, nessa dispensação, a fé bem-aventurada não é a fé que viu para crer. A fé bem aventurada é aquela que não viu e, mesmo assim, decidiu crer. Porque, nessa dispensação, não vemos para crer e, sim, cremos para, então, poder ver. E, para que esse tipo de fé seja estabelecida, ela, necessariamente, precisa ser provada.

“Por isso, não abram mão da confiança que vocês têm; ela será ricamente recompensada.” Hebreus 10. 35 - NVI

No versículo acima, Paulo começa sua famosa definição de fé, que começa no final do capítulo 10 e se estende por todo capítulo 11 da epístola aos Hebreus. O apóstolo inicia o tema, ensinando que “a fé acontece quando você decide que não abrirá mão da confiança”. Não abrir mão da confiança é quando você confia em alguém e, assim que acontece alguma coisa que te dê a oportunidade de duvidar dessa pessoa, você opta por continuar confiando nela. Se você teve a oportunidade de duvidar e decidiu permanecer confiando, a confiança passou para o nível acima e se tornou fé.

]Então, não é fé se a sua confiança tem respaldo racional, lógico e inteligente. Enquanto sua fé encontra comprovação, ela não é fé, ela é confiança. Quando

sua fé tem oportunidade de duvidar e decide não duvidar, aí, sim, ela é fé: “por que você vai confiar?”; e você responde: “porque eu quero! Eu quero confiar nesse Deus!”. Tudo indica que você não deveria confiar, mas, você decide confiar, então, isso é fé. Portanto, para que seja fé, sua confiança precisa ser provada – e o escândalo é a provação da confiança para que ela se torne fé.

O escândalo que Paulo apresenta para os judeus é o Cristo, o Messias deles. Mas, esse não veio como eles estavam esperando. Tudo bem que ele tinha uma palavra que arrastava multidões, porém, não foi ele que acabou crucificado? Não foi a ele que autoridades romanas garantiram ter dado uma condenação justa e por causa de acusações sensatas? Quem vai provar que ele não é o pária que os romanos registraram em sua documentação? Quem vai provar que não era apenas mais um bandido, dentre todos os que o Império Romano costumava crucificar para servir de exemplo? Aliás, ele foi crucificado no meio de dois desses bandidos de alta periculosidade. Quem poderia provar que ele, realmente, não era apenas mais um, daquela mesma laia? Quem garante que o processo lavrado contra ele era, realmente, ilegal? Ele foi crucificado com todos os requintes de crueldade com que todos os bandidos de alta periculosidade da época recebiam. Então, por que acreditar que ele não era nada daquilo que estavam falando?

Aí, o escândalo está estabelecido, e Paulo diz assim: “Por que os judeus não quiseram acreditar nele? Porque eles tropeçaram na rocha do escândalo. Quando eles estavam diante da Rocha de escândalo, eles resolveram que não queriam acreditar naquilo.”. Aqui, da definição de escândalo é importante e podemos defini-lo como a “sensação de vergonha alheia”. Se você já sentiu aquela sensação de vergonha alheia, sabe o que é escândalo – é quando eu vejo alguém vivendo uma situação tão vergonhosa, tão feia, tão estranha, que eu fico com vergonha por ele, eu fico constrangido pelo outro.

Esse sentimento de constrangimento pode me levar para um desses caminhos:

- 1) Me envolver com a pessoa constrangida e ajudar a protegê-la;
- 2) Fugir da pessoa constrangida e dizer: “não quero ter nada ver com isso.”.

Paulo está dizendo aos romanos que os judeus tropeçaram na pedra de

escândalo porque, quando a pedra apareceu, eles sentiram “vergonha alheia” e se afastaram. Mas, o ponto que quero te mostrar, com a pedra de tropeço e com o escândalo causado por ela, é que Jesus está dizendo que é necessário ter escândalos porque, quando não tem escândalo, sua fé não é de verdade, porque não pode ser provada. Quando a sua fé é de verdade? Quando você for escandalizado, quando sua crença, sua fé, sua religião, seu Deus forem expostos, vergonhosamente, e você sentir aquela ponta de escândalo, aquela sensação de “vergonha alheia”, de constrangimento alheio. Nesse momento, você terá a chance de dizer: “eu estou com Jesus, ele não será tirado de mim.” – e é aí que sua fé se torna verdadeira. O ponto que quero te ajudar a entender é que esse escândalo é necessário e deve fazer parte da vida cristã.

É importante saber que os últimos dias da história da humanidade serão os mais difíceis, quando haverá mais escândalos. As profecias, com relação aos últimos dias, deixam claro que a quantidade de gente escandalizada, gente sentindo “vergonha alheia” e constrangimento alheio, será cada vez maior. E essa situação é tão séria, tão complicada e tão opressora que chegará a esfriar o amor de muitos. Jesus disse, na mensagem à Igreja de Filadélfia, em Apocalipse 3, que a coisa toda ficaria tão bizarra e complicada, que ele só nos pediria uma coisa: ***“guarde o que você tem, para que ninguém tome sua coroa.”*** (Apocalipse 3.11)

Portanto, são dias difíceis, nos quais Deus não nos cobrará muita coisa – basta não perder o que se tem, ou seja, abrace o constrangimento e segure firme. Caso precise fechar os olhos, para não perceber quem está te olhando com vergonha, nojo e desprezo, faça isso. Só será preciso uma coisa: não perder o que já se tem – segure a onda e fique firme até a tempestade passar, não perca o que já conquistou em Deus até aqui e tudo dará certo.

Jesus está dizendo que “é necessário que haja escândalos” e esses escândalos não são coisa de hoje, eles têm se repetido ao longo da história. Na história da humanidade, os escândalos vêm se repetindo com uma frequência cada vez maior, de sorte que aumenta o número de pessoas querendo provar que Deus não existe, que Deus não é bom e que Jesus não foi uma pessoa real, mas, o personagem de uma fábula. Eu, que quero provar que Jesus é de verdade; eu, que abracei o escândalo da cruz, vou olhar para a história com outros olhos, porque eu quero ver com outros olhos. Eu decido ver assim, porque eu

abraçei o escândalo. E essa diferenciação, entre os que abraçam e os que rejeitam o escândalo é o que define quem tem fé e quem, realmente, é de Deus daqueles que se dizem, mas, não são. Sem os escândalos, essa separação não seria possível.

Quero que você entenda isso porque tem muita gente do nosso povo e muitos discípulos sofrendo um peso esmagador por causa dos escândalos, considerando que eles trazem uma confusão enorme, pois, junto com eles, vêm as suas interpretações. Aconteceu o escândalo, vem um grupo e diz: “mata esse desgraçado! Porque ele não é crente porcaria nenhuma. É de Deus nada! Nunca foi de Jesus, é uma pessoa complicada demais!”. Ao mesmo tempo, outro grupo diz: “o importante é o amor. Deixa a pessoa do jeito que está porque tem que ter amor. Vamos proteger, por amor.” E, ainda, tem um terceiro grupo que diz: “vocês todos estão errados – na verdade, não existe essa coisa de amor, nem de pecado. Cada um vive do jeito que quiser, de acordo com suas crenças, pois, o que importa é o indivíduo – se ele está bem e confortável, isso é o que importa.”.

Percebe o quanto as diversas interpretações do escândalo geram conflitos, confusões e pressionam as pessoas, emocionalmente falando? Assim, o escândalo se mistura com a confusão, porém, Jesus diz que ele é necessário, porque ele é o teste da fé e sua fé só será fé de verdade se sobreviver ao escândalo. A primeira coisa que Jesus está nos dizendo é que os escândalos virão, sem dúvida – eles são inevitáveis e essenciais na vida daquele se diz crente.

Retoricamente falando, você mesmo pode produzir escândalos e precisa, então, vigiar para que isso não aconteça. E não só você, mas, as pessoas ao seu redor também podem produzir escândalos. E, quando você identificar um pequenino prestes a ser atingido em cheio por um escândalo, corra e proteja ele. Porque, se você tem a chance de proteger um pequenino de algum escândalo e não o faz, então, o problema dele também será cobrado de você e entrará na sua conta. Não tem como “lavar as mãos”, pois, os escândalos que matam os pequeninos ao seu redor são provocados por você e todos os outros, ou seja, isso te diz respeito e, se ele está vulnerável aos escândalos e você poderia ter saído em favor dele, impedindo que ele morresse por conta da dor causada pelo escândalo, e não o fez, você será responsabilizado. Você

poderia ter cuidado dele, dado colo e contornado a situação, porém, não deu conta de fazer isso, porque estava envenenado demais por aquele mesmo escândalo. Porém, você é a parte mais madura, então, a fatura vai para o seu endereço e, não, para o dele.

Nesse momento, você tem que considerar que a fé daquele pequenino poderá salvá-lo ou matá-lo e Deus está observando o que você fará a respeito disso. O escândalo poderá acabar com a fé dele, caso ele não tenha ainda maturidade para enfrentar aquele teste. Contudo, você tem maturidade para aquele teste e já sabe que dá conta de passar e superar. Então, acaba se dando ao luxo de murmurar, matando o pequenino, porque você, depois de conseguir murmurar bastante e despojar sua revolta, vai conseguir voltar e confiar em Deus – tudo estará maravilhoso de novo, mas, aquele pequenino nunca mais se levantará. Eu preciso te desafiar a tomar para você a responsabilidade daquele pequenino, porque, no fim das contas, a responsabilidade é, de fato, sua.

Por que Deus não impede os escândalos? Porque foi ideia dele, que houvesse escândalos. Por que Deus não nos defende dos escândalos? Porque foi ideia dele que passássemos pelos testes dos escândalos. Deus pensou no escândalo, Deus queria o escândalo. Porque ele pretendia que, diante do escândalo, fizéssemos uma escolha. Um exemplo disso é que o Deus, o todo-poderoso, que sabe de todas as coisas, sabia exatamente onde Eva estava, quando foi tentada pela serpente. Ele poderia ter aparecido, do nada, atrás da serpente, e dado uma cajadada na cabeça dela, impedindo-a de prosseguir com seu plano maligno. Mas, ele não fez isso. Enquanto a serpente a cercava, alguns minutos antes de Eva cair, Deus poderia ter segurado a serpente pelo pescoço, dado uma balançada nela, quebrado alguns dos seus ossos, jogado ela no chão e, então, ter dito para Eva: “vai para casa, menina! Cara-de-pau! Está fazendo o que aqui?”.

Poder para isso, Deus tinha. Por que ele não o fez? Porque ele contava com o acontecido – era necessário que o escândalo acontecesse, era necessário que Eva sentisse aquela pontinha de sentimento ruim, de constrangimento, quando a serpente dissesse para ela: “que nada, Deus não é essa coisa bonita toda que você está falando aí, não. Não, Deus guardou o melhor para ele mesmo. Deus não quer que você coma da árvore da ciência do bem e do mal

porque ele é egoísta, egocêntrico e não quer que você seja igual a ele. Tem uma coisa que Deus quer só para ele e não quer dividir com você. Você é muito ingênua, Eva. Você é muito bobinha. Você deveria expandir sua mente e começar a ver as coisas de outro jeito. Deus está guardando a árvore da ciência do bem e do mal só para ele, porque quer que seja só ele a estar nesse nível. E você tem a chance de subir para o mesmo nível de Deus, mas, ele te impede de fazê-lo e te rouba essa possibilidade, por puro egoísmo, orgulho e medo de perder a posição dele, de onisciente.”

Claro que, quando chega uma notícia de que alguém que admiramos caiu em desgraça, denunciando e expondo suas fraquezas e mazelas, a sensação é ruim, é de constrangimento, vergonha, tensão e peso. E, em momentos assim, Jesus diz que é necessário que haja o escândalo, porque ele é importante para definir a nossa fé. Esse não é o momento de fugir e se esconder, é o momento de engolir o choro e se posicionar.

Escândalos sempre custam caro

Tendo resolvido a primeira questão, da necessidade do escândalo, fica uma segunda questão para resolvermos: Jesus nos diz que, embora sejam necessários os escândalos, quem trazer o escândalo e for responsável por eles, vai pagar caro por cada pequenino que morreu por conta deles. Aqui, preciso trabalhar duas ideias, que são muito importantes para você, enquanto discipulador e líder; para você, que cuida de outros e que já alcançou certo nível de maturidade. Jesus vem com a segunda questão e diz: ***“ai daquele através do qual vem o escândalo”***. Ele está dizendo, portanto, que o escândalo tem que vir, que ele virá, mas, que você não deve ser o seu portador. Caso seja você o causador do escândalo, terá que pagar um preço. E, se você está em alguma posição de liderança, deve ter atenção dobrada a isso porque o seu escândalo não vai matar somente uma, mas, várias pessoas, que olham para você à espera de respostas, como um exemplo a seguir.

Mas, a verdade é que, mesmo quem não exerce nenhuma liderança e pensa estar incógnito, mesmo essas pessoas estão sendo observadas por alguém, estão sendo o exemplo e o padrão de alguém. Então, a pergunta é: se o escândalo tem que vir, por que aquele que causar o escândalo vai pagar um

preço tão caro? Afinal, se ele está trazendo algo que precisa vir, que tem uma função, porque será punido por isso? A conclusão óbvia seria que, já que o escândalo é necessário, quem o trouxesse deveria ser premiado. Porém, Satanás, que trouxe o escândalo para Eva, não foi premiado – quem trás o escândalo pagará um alto preço por isso, porque os escândalos matam.

Ao que tudo indica, na visão de Jesus, os escândalos podem ser classificados por níveis. Há escândalos com os quais pessoas maduras conseguem lidar. O tipo de pessoa madura, saudável, inteligente, que tem uma cosmovisão ampla, que sabe “ler” gente e que entende que o jeito do outro é problema dele – esse tipo de pessoa é capaz de lidar com escândalos enormes, de consequências amplas e nefastas. Em justa medida, gente média lida melhor com escândalos menores – como eles são menos maduros, não dão conta de lidar com grandes escândalos. E gente pequenininha, novinha na fé ou muito imatura, só é capaz de lidar com escândalos muito pequenos, porque o seu sistema não dá conta de muita coisa. Jesus aplica esse pensamento como forma de proteger os pequeninos, alegando que fazer tropeçar ou escandalizar um pequenino não é algo que será ignorado: *“qualquer um que fizer tropeçar ou que fizer escandalizar um desses pequeninos... Ai daquele que fizer um pequenino tropeçar!”*

Por que a ideia de proteger o pequenino é tão importante? Porque o pequenino é um indivíduo cuja maturidade não é muito grande. Ele não é muito maduro e, mesmo assim, como todo mundo, tem que fazer sua escolha. Porém, ele precisa de um nível mais raso de desafio, ou seja, de um teste menos difícil, que esteja de acordo com o seu nível de maturidade. Porque, assim como alunos em níveis diferentes de escolaridade são provados de acordo com o seu nível de conhecimento, ele enfrentará um teste que esteja de acordo com o seu nível de maturidade. Qualquer coisa acima disso é injusto e cruel – é condená-lo à morte.

Para esse pequenino, cujo teste precisa ser mais brando e suave, será pesado demais ter que lidar com um escândalo causado por alguém que seja importante para ele, alguém que ele admira e ama. Esse nível de escândalo está muito além do que ele é capaz de digerir e superar. Por isso, se pudermos, devemos protegê-lo nesse escândalo.

Jesus está dizendo que, quando esse escândalo vem de mim, o preço que eu

terei que pagar é tão grande, que teria sido melhor amarrar uma pedra no pescoço e se jogar ao mar, ao invés de provocar o escândalo. Porque, ainda que ambos precisem fazer suas escolhas – pequeninos ou grandes, maduros ou imaturos – para Deus, conta muitos pontos contra ou a meu favor, se eu fui o causador ou não de um pequenino ter feito uma escolha errada e se eu o ajudei ou não a superar o escândalo.

Se o que causou sua escolha errada foi algo que eu fiz, mesmo que eu não tenha feito nada de errado, o julgamento incidirá sobre o resultado dessa coisa que eu fiz. Para mim e, até mesmo biblicamente falando, eu posso, de fato, não ter feito nada errado, mas, se eu escandalizei um pequenino e causei sua morte, estarei encrencado, pois, o que importa mesmo não foi o que eu fiz, mas, o resultado do que eu fiz.

Era disso que Paulo falava, quando disse aos coríntios, em Romanos 14, que: “Comer carne não é pecado, embora algumas pessoas achem que é. Mas se eu comer carne sacrificada aos ídolos e, porque eu comi carne sacrificada aos ídolos, eu fizer o meu irmão que é frágil na fé, meu irmão que ainda não tem maturidade, também comer e ficar endemoniado, e se afastar de Deus e se envolver com demônios. Essa minha ação que não era pecado, agora vai virar pecado porque ela produziu resultado horrível que foi matar pequeninos.”.

Escândalo e responsabilidade – e o que tem a intimidade com isso?

Agora, que entendemos a importância e o preço de um escândalo, quero te desafiar a pensar o escândalo como algo que influencia a intimidade: se eu mostrar uma nudez que o outro não está pronto para ver, isso poderá matá-lo e, se isso acontecer, o preço daquela vida será cobrado de mim. A vida daquela pessoa vai para a minha conta, porque eu a privei de construir sua intimidade com Deus ou interrompi o seu processo com Ele. Aquela pessoa não estava pronta para o nível de desafio e questionamento que eu impus a ela – não estava pronta para ser testada naquele nível e, por isso, sucumbiu. Eu a testei na hora errada, com as ferramentas erradas, do jeito errado e com a intensidade errada, então, eu sou o responsável por sua queda, pelo

resultado dessa reprovação em sua vida.

Na primeira parte desse capítulo, pensamos juntos no escândalo como algo que está se disseminando pelo mundo e que eu devo achar natural. Devo parar de levar isso para o lado pessoal e de pensar que tem alguma coisa errada com mundo, por haver tantos escândalos. Porque a verdade é que toda essa proliferação de escândalos foi prevista, era para ser exatamente assim, pois, Jesus disse que os escândalos são necessários. Então, quanto mais perto dos últimos dias, mais escândalos e tensões teremos, mais difícil será tomar uma decisão e mais o amor de muitos esfriará. Por isso, Jesus declara: “Não vou pedir muita coisa para vocês, vou pedir só para guardarem o que já possuem, para que ninguém tome a sua coroa.”

Entenda os escândalos como algo normal. Não se sinta mal por conta do grande número de escândalos que temos visto, porém, esteja atento a uma coisa: nesse tempo, de muitos escândalos, você, mais do que nunca, pode ser o escândalo desse momento, dessa hora. O fato de haver muitos escândalos acontecendo, a todo momento, é, justamente, o motivo de muitos, inclusive muitos líderes, pensarem que está tudo bem ser a fonte do escândalo: está tudo bem, afinal, que problema há em ser mais um a provocar escândalo?

Eu atendi um líder e sua esposa, algum tempo atrás. Aquele líder estava envolvido num escândalo muito grande e trouxe a esposa junto com ele, para o atendimento, porque precisava da coragem dela para me pedir ajuda. Então, ela me disse: “pastor, quando eu descobri a porcariada toda, falei para ele: Fulano, estamos no século XXI, você não precisa ficar mentindo por isso, não. Confessa, assume, sai do armário e vai viver sua vida. E me deixa em paz, deixa a igreja de Jesus em paz”.

Onde eu quero chegar com isso? No fato de que, por estarmos no século XXI, os escândalos terem ganhado status de coisa normal e aceitável, praticamente, todos são capazes de falar isso sem nenhum constrangimento: “Ah, pelo amor de Deus, estamos no século XXI! Adultério? Homossexualismo? Fornicação? Roubo? Desonestidade? Ah... pelo amor de Deus, estamos no século XXI... Somos livres agora! Podemos ser quem queremos ser!”.

Num tempo marcado por muitos escândalos, é muito fácil sermos tentados a escandalizar também, porque o preço que a sociedade cobra pelos escândalos

é ínfimo, pequeno demais para ser temido. Ninguém está cobrando quase nada pelos escândalos. Quando muito, há um preço individual a pagar, mas, quase nenhum custo social. Porque quase tudo é aceitável e justificável em nossos dias.

E, vou te contar uma coisa, não sou tão velho assim, mas, lembro-me de um tempo em que a imoralidade era rechaçada pela sociedade. Por conta da imoralidade, as pessoas perdiam o lugar delas na sociedade e eram relegadas ao isolamento. As famílias sentiam-se constrangidas por anos, por causa da imoralidade de seus membros. Agora, isso não existe mais – não há mais reprovação social. Isso faz com que escandalizar seja fácil, pois, como não haverá um preço social tão alto a pagar, os escândalos que matam os pequeninos tem suas implicações negligenciadas. Se o preço é quase nada, eu suporto pagá-lo – porque o prazer do escândalo é, proporcionalmente, muito maior, então, eu decido pagar o preço dele.

Contudo, Jesus está colocando na minha conta cada um dos pequeninos mortos por meus escândalos. Mesmo que minha filosofia me absolva dos meus atos, se pequeninos morreram, eu pagarei por isso, porque matar pequeninos é um pecado de alto nível. E, veja bem, pode até ser que o que eu tenha feito não seja errado, pois, tem muita coisa que foi condenada pela religião, em nome da moral e dos bons costumes de um determinado grupo social, mas, que Deus não nomeia como pecado. A questão aqui é, tão somente: o que você fez matou algum pequenino? Deus leva a morte de um pequenino como algo tão sério que, ao invés de fazer isso, seria melhor eu amarrar uma pedra no pescoço e me lançar ao mar!

Por que saber disso é tão importante, para mim e você, em nossos dias? Porque estamos correndo um risco muito grande de cair em um dos dois grandes erros, quando se trata de lidar com escândalos. O primeiro erro é cair no engano de ficarmos com medo e inseguros, pelo enorme número de escândalos acontecendo – nos sentindo constrangidos em relação ao nosso cristianismo, à nossa comunidade e ao nosso povo. Podemos ficar constrangidos com a “vergonha alheia” e isso nos enfraquecerá na fé, nos afastará de Deus e nos levará a fazer perguntas, do tipo: “será que o caminho é esse mesmo?”.

O segundo erro é cair no engano de acreditar que, se estou imune a isso, já

que os escândalos proliferam e que Jesus disse que eles são necessários, eu estou liberado para ser um provocador de escândalos: “não, eu já estou no caminho certo. Sou de Deus mesmo, não vou abrir mão de Deus, mas, sou livre. Minha consciência está livre para fazer qualquer coisa”. E, diante dessa filosofia egocêntrica, muitos pequeninos vão tombando pelo caminho, olhando e se perguntando: “se essa caricatura, aqui, é crente, então, eu não quero ser crente – porque eu não gosto do que estou vendo”. Essa é a essência do escândalo. E eu quis dizer “caricatura” mesmo, um desenho distorcido, grotesco e exagerado do que deveria ser um crente.

Quando nos tornamos uma caricatura, os pequeninos pensam: “se Fulano é de Deus, eu não quero o Deus de Fulano”. Porque, as pessoas só conhecem Deus através de nós, só conseguem ver Deus em meio à nossa vida. Não é possível verem Deus em outro lugar, de outra forma. Quem já conhece Deus, o verá se manifestando em todos os lugares, de todos os modos possíveis, mas, quem não o conhece, não conseguirá vê-lo, senão na vida de alguém que esteja bem próximo, tanto dele quanto de Deus. E esse alguém tem que ser eu, então, quando eu escandalizo, os pequeninos morrem e isso é muito grave. É claro que, quem for maduro dará conta de lidar com meu escândalo, sem perder a fé, porém, quem não tem maturidade para isso, cairá e a responsabilidade será minha.

A essa altura, lembro-me de alguém ter feito o seguinte comentário: “pastor, eu já ouvi, um milhão de vezes, dizerem que existe uma maldição para os que falam mal da igreja ou do pastor, tipo, na mesa do jantar, na frente das crianças”. Segundo ela, tal maldição determinaria que os filhos dessa família, cujos pais falavam mal do pastor e da igreja, nunca prosperariam nem se firmariam no evangelho: “na prática, eu vejo que é exatamente assim. Por exemplo, fulano de tal passa por isso – os filhos dele nunca evoluem. Beltrano também viveu essa experiência. Então, o que ouvi, a respeito dessa maldição, é verdade e se cumpre mesmo”. Aí, essa pessoa me fez uma pergunta: “mas, pastor, isso não está na bíblia. Então, de onde vem essa tal maldição?”.

E eu respondi que esse fenômeno não acontece por meio de um princípio espiritual e, sim, um princípio psicológico. Não se trata de um demônio, que faz uso da murmuração dos pais para atingir os filhos – trata-se da

experiência psicológica desses filhos com seus pais, que plantam em seu inconsciente uma crença, bem enraizada e fundamentada, a respeito da hipocrisia. Porque esses filhos se acostumam a ver os pais falarem uma coisa, enquanto estão na privacidade de seu lar, e outra coisa, quando estão em público. Em casa, eles falam mal do pastor, do culto, do líder de louvor, dos instrumentos... Eles falam mal de tudo e as crianças escutam – porque, ao contrário do que muitos pensam, as crianças escutam tudo o que falamos. Então, com o tempo, essa experiência cria raízes na psique das crianças.

Elas escutam esses pais falando mal de tudo e todos – e também veem o pai, lá na igreja, abraçando o pastor e dizendo: “que palavra abençoada, pastor! Deus falou muito comigo hoje. Foi lindo, Deus me tocou...”. Então, quando as crianças chegam em casa e escutam outra coisa do pai que, há algumas horas atrás, estava elogiando a pregação, elas entendem da seguinte forma: “religião e medo andam juntos; Jesus ‘e essa coisa toda de igreja’ é só hipocrisia, não é real”. Porque, para a mente imatura de uma criança, não faz sentido esses dois discursos coexistirem, mesmo em contextos diferentes, porque ela ainda não entende como a mente adulta funciona.

Conforme essa situação se repete, não uma, mas, várias vezes, ao longo de sua infância, essa mensagem se fixa no seu inconsciente e se torna uma crença. Para essa pessoa, cujo coração foi consolidado na ideia de hipocrisia, durante a infância, será muito difícil acreditar que o Deus invisível é verdadeiro, de que o Deus ingênuo da cruz é de verdade. Será muito difícil convencer essa pessoa a aceitar o escândalo da Cruz, porque o que ela presenciou em seu lar de origem já foi escândalo suficiente. O escândalo provocado pelos pais, somado ao escândalo da Cruz, é insuportável para a alma frágil e infantil.

Aqui, cabe a fala de Jesus: ***“ai de quem fizer tropeçar um desses meus pequeninos”***. O pequenino é aquele cuja alma, com suas crenças e recursos, é tão frágil, que qualquer movimento seu pode fazê-lo se escandalizar – e a imagem de uma criança e sua alma infantil se encaixa, perfeitamente, nesse conceito. Contudo, isso não vale apenas para as crianças, mas, também para os adultos imaturos, cuja fé está só começando a se desenvolver.

O que eu quero te mostrar, através da ilustração do pai e da mãe, que vendem para essa criança a ideia de hipocrisia, é que, se eu sou adulto, maduro e se eu

entendo como funciona a alma humana – que gente é um bichinho difícil de se lidar – se eu conheço como são complicadas as nuances da alma humana e se estou na mesma mesa que eles, escutando os pais daquela criança falando mal da igreja e do culto, eu consigo olhar para aquilo e ler: eles não estão bem hoje. Eu consigo dizer: eles se feriram de algum modo e foram magoados em algum lugar entre o caminho da igreja para casa, após o culto, porque, lá no culto, eles estavam bem. Eu vi a hora que eles abraçaram o pastor, eu vi a hora que apertaram a mão do líder do louvor, então, enquanto estavam na igreja, eles estavam bem, mas, alguma coisa aconteceu no caminho de volta para casa.

Eu, com minha mente madura, consigo fazer essa distinção e saber, inclusive, que a pessoa de verdade não é essa que está murmurando à mesa – a pessoa verdadeira é aquela que estava elogiando o culto, adorando, servindo e buscando a Deus. Eu também consigo dar a ela um desconto, compreender e amar essa pessoa, sabendo que ela é de Deus e que a experiência que ela teve, lá no culto, a abençoou de verdade. Não foi hipocrisia, foi real, mas, alguma coisa na alma dela despertou, quando algo caiu mal, e ela está sentindo alguma coisa que está transbordando da sua alma ou vazando por alguma pequenina brecha. Mas, a verdade dessa pessoa não é essa, que soa como hipocrisia – a verdade dessa pessoa é aquela que soa como verdade, que transparece sinceridade e fé.

Eu consigo, como uma pessoa madura, separar os dois momentos dessa pessoa e ler sua alma em ambos os momentos. Para mim, que já alcancei certo nível de maturidade, é possível separar as coisas e determinar que minha fé nessa pessoa não mudará, só porque ela não está bem. Minha confiança nessa pessoa não se altera, pois, eu sei quem ela é, apesar da confusão que sua alma está experimentando hoje. Então, não verei isso como escândalo, não ficarei constrangido e sua atitude não me fará desviar da fé. No entanto, para a criancinha, que está em casa e que não entende a diferença entre aquelas duas faces de uma mesma pessoa, aqueles dois momentos só podem ter uma explicação, a mais simples: “é todo mundo falso nessa igreja! Inclusive meu pai, minha mãe e até o pastor...”. Isso, porque as crianças não dão conta de pensar e elaborar explicações complicadas.

Algumas crianças, em minha igreja, me chamam de Jesus e alguns irmãos

comentam comigo: “pastor, você deve ser muito bom, porque as crianças estão te confundindo com Jesus.” Porém, eu preciso contar que esse mérito não é meu, mas, dos pais dessas crianças ou de alguma outra pessoa que tenha influência sobre elas. Eu não tenho tempo suficiente com elas para influenciá-las e fazê-las pensar que eu sou como Jesus. Então, essas crianças me verão pelas lentes dos seus pais ou dessas outras pessoas com ascendência sobre elas. Elas ainda não têm olhos para me ver e me verão pelo olhar de alguém. E esse alguém, planejando isso ou não, acabarão induzindo-as a me ver de um modo bom e positivo – e a maioria dessas pessoas nem sabem que, fazendo isso, estão salvando a vida dessas crianças.

Alguns não entendem isso e pensam assim: “que nada, estão endeusando o pastor.” Não, não estão me endeusando, me colocando num pedestal e me tratando como um semideus. Eles estão salvando a vida de uma criança, porque estão plantando, no lugar mais fundo do seu inconsciente, a ingenuidade e a confiança, a sensação de que o espiritual é real e palpável – de que existe alguma coisa de sobrenatural, sim, e que existem representantes disso que são dignos de credibilidade. E, do mesmo jeito que esse olhar pode ser bem direcionado, ele também pode ser mal direcionado, gerando na mente da criança uma imagem oposta e negativa.

Por que estou te contando isso? Por que estou comparando a vida dessa criança que está em casa, ouvindo um discurso diferente de seus pais, com a metáfora do pequenino? Para te contar que, assim como uma criança, indefesa diante das ideologias, que são plantadas em sua mente de forma inconsciente e imperceptível, os novos convertidos, as pessoas que estão começando andar com Deus, são igualmente vulneráveis aos escândalos produzidos por mim e por você. O trabalho, para proteger o pequenino do escândalo que você praticou, tem que ser seu. Mas, o trabalho para proteger o pequenino de outros escândalos também é da sua responsabilidade. O pequenino está por perto? Você tem acesso a ele? Você dá conta de alcançá-lo? Então, o trabalho é seu. Proteja o pequenino dos escândalos, porque, nesses últimos dias, o que não vai faltar é escândalo.

“Pastor, como é que eu protejo o pequenino do escândalo?”. Algumas vezes, você terá que proteger o escandalizador. Você sabe que aquele indivíduo é mau caráter e está todo errado, mas, o melhor jeito de proteger o pequenino é

protegendo a imagem daquela pessoa. Porque, se o pequenino descobrir quem ele realmente é, vai se escandalizar – ele ainda não é capaz de lidar com aquele escândalo de forma madura. Isso acontece, por exemplo, no caso de um pai mau caráter – a mãe, quando é uma pessoa madura, insiste em manter a boa imagem do pai, ao invés de desmascará-lo diante do filho e acabar com suas ilusões infantis.

Outras vezes, a melhor maneira de proteger o pequenino será destruindo a imagem do escandalizador. Talvez, você até goste dele, mas, você sabe que, se protegê-lo agora, vai matar o pequenino. Porque o pequenino não vai entender a situação. Então, qual será sua prioridade? Salvar o pequenino. Sua prioridade não é proteger ou atacar a pessoa que causou o escândalo – sua prioridade é salvar o pequenino. Às vezes, priorizamos salvar o escandalizador, porque ele é importante para nós, porque o amamos, etc. Com isso, muitos pequeninos serão salvos, porém, muitos outros morrerão. A questão é tirar da sua lista de prioridades a proteção de qualquer um que não seja o pequenino – salve o pequenino e resolva o resto depois.

Nesses tempos difíceis, quando todos acreditam, sinceramente, na “teologia do nada a ver”, as chances de eu e você escandalizarmos os pequeninos e matá-los, de forma irremediável, é muito grande. Então, quero chamar sua atenção para dois pontos. Primeiro, pare de se sentir mal por causa dos escândalos. Eles são necessários. Inclusive, até mesmo você precisa deles. Sua fé não é fé enquanto você não tomar postura em relação aos escândalos, de modo que eles são uma ferramenta de Deus para testar e consolidar a sua fé. Por isso, Deus não vai fazer o escândalo cessar. Eu sei que você tem vontade de ver Deus fazendo intervenção, eu também tenho, mas, ele não vai fazer intervenção por enquanto. Porque ainda não é o tempo dos escândalos cessarem. Essa hora vai chegar, mas, não é por agora.

O escândalo vai continuar acontecendo porque é necessário que aconteça. Deus não vai se defender, não vai se proteger, não vai fazer cair um raio na cabeça daquele que o desonrou. Porque, essa desonra não é em favor da pessoa que o desonrou, essa desonra é em meu favor – para me dar a chance de escolher se eu quero mesmo esse Deus. A minha resposta será sempre a mesma: sim, eu quero esse Deus! Porém, essa é uma escolha individual e você também precisa decidir o que fazer, se abraçará o escândalo de Deus ou

se recusará a participar dele. “Mas, isso é uma vergonha, é constrangedor...”. Sim, mas, eu quero esse Deus assim mesmo! “Mas, ninguém mais está querendo. Não sei se você está sabendo, mas, está todo mundo meio que saindo disso...”. Não importa! Esse é o meu Deus. Não quero nem saber, eu vou ser dele e servi-lo.

O primeiro desafio é para que você pare de olhar para os escândalos. Porque eu, por exemplo, não gasto uma gota sequer de energia com os escândalos, salvo quando tem muitos pequeninos escandalizados, precisando de uma explicação que lhes salve. Nesses casos, eu intervenho, porque é minha responsabilidade, como pastor e como crente mais maduro na fé. Porém, em geral, não gasto uma gota de energia com isso, porque não tem nada a ver comigo – eu já sei o que vou fazer quando for escandalizado, isso já está resolvido para mim. Não importa o que acontecer, eu não vou avaliar novamente e pensar assim: “não sei o que vou fazer, se tal coisa acontecer...”. Porque eu sei exatamente o que vou fazer – não vou a abrir mão do meu Deus e isso já é assunto resolvido para mim.

Não vou esperar chegar a hora da escolha, para reagir segundo minhas sensações. Eu já me decidi de antemão e ponto final. Aconteça o que acontecer, eu não abro mão do meu Deus. “É, mas, nunca diga ‘nunca’, porque você não sabe o que vem por aí...”. Não sei mesmo o que vem por aí, mas, já sei o que quero da minha vida. Então, já que eu não vou renunciar a esse Deus, por que permitiria que minha alma fosse envenenada, com essa quantidade enorme de escândalos que temos visto por aí? De verdade, se eu puder, prefiro nem saber de nada. Não, porque se eu souber, isso poderia me fazer mudar de ideia. Não por isso, mas, porque saber dessas coisas só iria contaminar minha alma e me trazer tristeza. Seria algo totalmente desnecessário, pois, não afetaria em nada a minha decisão.

O meu segundo desafio para você é vigiar a si mesmo. Considere que você é de Deus, que O representa e que vive para Ele. Exatamente por isso, tem um monte de gente te olhando, um monte de gente te seguindo, te admirando e te vendo como sal da terra e luz do mundo. Assim sendo, você tem grandes chances de, no tempo dos escândalos, escandalizar os pequeninos. Meu desafio para você é: esteja muito atento a isso, porque é muito fácil escandalizar o pequenino e nem perceber que fez isso. Tomar uma decisão,

uma postura, e nem notar que há muitos pequeninos tombando por conta delas, é mais comum do se possa imaginar.

De modo que o duplo desafio para você é: não se importe com os escândalos, mas, se importe com o seu escândalo, porque você é o único que pode evitá-lo. E o objetivo de evitar o próprio escândalo não é para que não haja escândalos e, sim, para que você não pague um preço muito caro pelos seus próprios escândalos. Porque, se você escandalizar e ninguém tombar, tudo bem, mas, se você escandalizar e alguém cair, essa queda vai direto para a sua conta. E você pode pensar: “muita gente ainda vai cair, pastor...”. Vai, sim, mas, importa que não seja você a causar sua queda. “Mas, o que eu fiz nem é tão errado assim, pastor...”. Talvez não seja, porém, alguém tombou por causa disso? Em caso positivo, a fatura é sua e você é que vai ter que pagá-la. Se a pessoa caiu por sua causa, isso significa que você privilegiou o seu prazer, os seus direitos, o seu conforto e bem-estar, em detrimento da vida do pequenino. E isso é responsabilidade sua.

Por fim, o que intimidade tem a ver com responsabilidade e escândalos? O escândalo do outro pode nos fazer romper com Deus, se formos nós mesmos um pequenino, porque não daremos conta de lidar com ele de forma madura e ficaremos escandalizados. Por outro lado, o meu e o seu escândalo podem fazer com que um pequenino trilhe esse mesmo caminho e se escandalize com Deus. E para que haja intimidade, e que esta se desenvolva e se estabeleça, não pode haver escândalo. Para que haja intimidade entre mim e você, um não pode se escandalizar com o outro. Quando isso acontece, um distanciamento natural ocorre, ou seja, há quebra da intimidade – um preço muito alto para qualquer relacionamento, inclusive o nosso com Deus. Então, o desafio para você é duplo: não dê importância aos escândalos – é normal e necessário que eles aconteçam – porém, não permita ser você a provocá-los, porque o preço deles é sempre muito alto.

ORAÇÃO: “Senhor, eu oro, nesse tempo tão difícil, tão complicado de lidar, de encarar e de enfrentar; um tempo que cobra de nós muita sabedoria e habilidade para lidar com as coisas da vida, porque há armadilhas muito bem elaboradas e sutis, a ponto das pessoas nem as considerarem mais como armadilhas. Clamo por intervenção do Senhor sobre as nossas vidas, com sabedoria para viver nesse tempo, em nome de

Jesus. Socorre-nos nessas questões, para que consigamos seguir, continuamente, para os níveis acima. Pai, clamo por nós, para que o Senhor abra os nossos olhos e nos faça ver os pequeninos que, ao nosso redor, estão sofrendo escândalos – escândalos que poderíamos ter evitado, impedindo que eles pagassem um preço tão alto por ter que lidar com questões que eles ainda não dão conta de elaborar e superar. Clamo para que o Senhor nos use como instrumento para salvar essas pessoas, em nome de Jesus. Amém!”

Capítulo 11

A Rocha de Escândalo

Agora, que já vimos como Deus lida com a questão do escândalo, é hora de aprofundarmos nossa concepção do escândalo da Cruz. Faremos isso por meio de um texto muito conhecido entre os cristãos:

“Pois assim é dito na Escritura: ‘Eis que ponho em Sião uma pedra angular, escolhida e preciosa, e aquele que nela confia jamais será envergonhado’. Portanto, para vocês, os que creem, esta pedra é preciosa; mas para os que não creem, ‘a pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular’, ‘pedra de tropeço e rocha que faz cair’. Os que não creem tropeçam, porque desobedecem à mensagem; para o que também foram destinados. Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. Antes vocês nem sequer eram povo, mas agora são povo de Deus; não haviam recebido misericórdia, mas agora a receberam.” 1 Pedro 2. 6-10 – NVI

Pedro diz: “mas, agora, vocês receberam a misericórdia; vocês só receberam a misericórdia porque havia uma Rocha, a *Rocha de Escândalo*. Embora de escândalo, vocês decidiram abraçá-la”. Para o povo que recebeu a sua epístola, Pedro estava estabelecendo a razão pela qual o povo de Deus é o povo de Deus – o motivo da raça eleita ser a raça eleita. Ao estabelecer a razão pela qual somos o povo de Deus e a raça eleita, ele coloca uma Pedra no caminho de Jerusalém, no caminho do povo de Deus. Quando Pedro fez referência a essa Pedra, ele estava trazendo à mente daquele povo uma profecia do profeta Isaías:

“Para os dois reinos de Israel ele será um santuário, mas também uma pedra de tropeço, uma rocha que faz cair. E para os habitantes de Jerusalém ele será uma armadilha e um laço. Muitos deles tropeçarão, cairão e serão despedaçados, presos no laço e capturados.” Isaías 8. 14, 15 - NVI

O apóstolo Pedro traz à tona essa profecia de Isaías para alertá-los de que havia uma Rocha, na qual Jerusalém e o povo de Israel iriam tropeçar. E essa Rocha é chamada de *Rocha de Escândalo*, *Rocha de Vergonha*. A principal palavra nessa expressão não é “rocha” e, sim, “escândalo”, que traz consigo a ideia de “vergonha alheia” – vergonha do mal ou da situação horrível do outro, que nos deixa constrangidos.

Na nossa cultura, quando pensamos na palavra ‘escândalo’, normalmente, a relacionamos dentro do contexto sagrado e religioso. Quando é que pensamos em escândalo? Pensamos em escândalo quando alguém, muito digno de confiança, respeitável e conhecido, cai em desgraça. Então, dizemos: “aconteceu um escândalo”. Escândalo é quando alguém que merecia confiança, por alguma razão, não merece mais. Escândalo é quando alguém muito rico, de repente, é pego na pobreza e na desgraça. Nós olhamos para aquela situação e dizemos: “que escândalo!”.

Escândalo é quando alguém respeitável, do ponto de vista moral, é pego em uma imoralidade muito grotesca e nós olhamos para a situação daquele indivíduo e sentimos a vergonha dele. Aliás, a expressão *vergonha alheia* é sinônima de *escândalo*. Escândalo implica em: sinto vergonha disso que eu estou vendo. Pedro está dizendo que tem um escândalo nas ruas de Jerusalém, uma coisa feia que causa vergonha no outro. Tanto ele quanto Isaías, o autor dessa profecia, estão dizendo que aquela *Pedra de Escândalo*, aquela coisa feia pelas ruas de Jerusalém, é uma armadilha.

Por que uma armadilha? Porque aquele que crê no escândalo, aquele que diz: “esse escândalo é meu e essa vergonha é minha”, essa pessoa torna-se sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo e geração eleita de Deus – para anunciar as grandezas dAquele que o chamou das trevas para Sua maravilhosa luz.

Mas, quem olhar para a mesma coisa feia e disser: “que nojo, que feio, que estranho, isso não está certo, tem alguma coisa errada aí”, não vai se tornar geração eleita. Por isso, o profeta Isaías diz: “Eu coloquei uma armadilha na Pedra. Dependendo de como você mexer com a Pedra, ela salva ou acaba com a sua vida. Mas, é a mesma Pedra: Pedra de Escândalo.”

Paulo estava falando disso para os coríntios, quando disse:

“Os judeus vivem uma vida religiosa buscando sinais miraculosos e os gregos vivem uma vida religiosa buscando sabedoria; nós, porém, pregamos a Cristo, mas ele está crucificado, o qual, de fato, é escândalo para os judeus e loucura para os gregos.” 1 Coríntios 1. 22 e 23, paráfrase

Paulo tentava nos fazer entender como Jesus é visto na cultura religiosa do mundo. Ele estava dizendo que Jesus não cabia na religião dos judeus, porque os judeus queriam uma manifestação do poder divino. Jesus não cabe em uma manifestação do poder divino, porque Ele, crucificado na cruz, é uma vergonha para o poder divino.

Jesus também não cabe na religião grega, que se gaba de sua sabedoria. A religião grega, naquele momento da história, era apresentada através de uma mentalidade platônica, que entende sabedoria como algo que nos torna *zen* e nos faz desvendar os mistérios do universo. Segundo essa filosofia, vamos lidar com a matéria como se ela fosse nada, porque somos seres espirituais. Então, quando os gregos olham para Jesus crucificado, aquela cena da cruz é feia para eles, é escandalosa.

Paulo diz: “nós pregamos Jesus, escândalo para os judeus”. Os judeus ficam escandalizados quando veem a cena da cruz. Eles conheciam o Deus todo poderoso, que se manifestou a Abraão, Isaque, Jacó e que apareceu de forma muito poderosa no Sinai. Quando Deus visitou o povo de Israel, no Sinai, aquela cadeia de montanhas enormes, poderosas, avermelhadas e firmes tremeu inteira! Então, a imagem de Deus que eles tinham era de um Deus magnífico, fogo consumidor e, não, um pobrezinho humilhado na cruz, e meio a bandidos da pior espécie.

O povo de Israel viu aqueles montes pegando fogo, tremendo e, enquanto o Sinai tremia, no mesmo ritmo, seus joelhos tremiam e batiam um no outro, de pavor – porque Deus se manifestou sobre o Sinai, a glória Dele se manifestou naquele lugar. O povo escutou a voz de um Deus poderoso, falando aos seus ouvidos físicos. A voz de Deus se fez entender audivelmente: “*Eu sou o Senhor teu Deus, não terás outros deuses diante de mim*” (Êxodo 20).

A glória do Deus de Israel foi manifesta nos capítulos dezenove e vinte do livro de Êxodo, diante do povo e de Moisés. Ali, esse Deus poderoso e glorioso fez uma aliança com Israel, eles se tornaram o Seu povo e Ele se

tornou o Seu Deus. Então, Deus virou gente. E, depois disso tudo, onde Deus foi parar? Numa cruz! Estava crucificado – ensanguentado, sofrendo e agonizando. O que qualquer judeu daquele tempo deve ter sentido, com relação àquele Deus? “É verdade que ele ressuscitou mortos, expulsou demônios, andou sobre as águas e multiplicou pães várias vezes. É verdade que ele tinha uma palavra tão fascinante que arrebatava multidões e as deixava embasbacadas, escutando cada uma de suas palavras. Mas, o que aconteceu com aquele poder todo?”.

De alguma forma, Deus está ali, pregado na cruz, sujo de sangue, arrebatado, machucado e espancado. Bateram nele a noite toda, chutaram, cuspiram nele e o humilharam. E sabe o que ele fez? Nada! Pessoas a favor e contra Ele pararam embaixo da cruz, olharam para aquele Jesus, pendurado, e falaram assim: “ei, você não disse que tem poder para reconstruir o templo em três dias? Desce daí e acreditaremos em você”. Sabe qual foi a resposta dele? Um silêncio mortal. “Quem quer um Deus desse, pregado na cruz, vergonhosamente exposto e feio?” – esse foi o pensamento dos judeus que conheciam o Deus manifesto no Sinai, fazendo a terra tremer, literalmente.

O profeta Isaías, falando dessa manifestação, disse que ele era o mais indigno entre os homens – alguém arrebatado e em quem ninguém via beleza^[6]. Ele era uma coisa feia de ser vista. Mas, o judeu – que quer ver um Deus todopoderoso (um Deus grandão que balança o monte, que faz o inimigo voltar atrás e cair apenas com um olhar) – ele olha para aquela figura patética, feia, estranha, nojenta e diz: “eu tenho vergonha disso, eu me escandalizo, acho isso feio e estranho”. E, então, vai embora. Por isso, Pedro disse que a armadilha está pronta – a Rocha de Escândalo está colocada nas ruas da cidade. A Rocha de Vergonha está lá e quem rejeitá-la será rejeitado, mas, quem aceitar e abraçar a Rocha, será aceito e abraçado também.

Paulo está dizendo que a mesma coisa acontece com os gregos. Para o grego, sabedoria é tudo. Quem conhece o Mito da Caverna, de Platão, sabe que aquele mito é a base de todo um conjunto de crenças platônicas. A ideia básica do Mito da Caverna é que a humanidade inteira vive presa dentro de uma caverna. Ela acha que a caverna é tudo, pois, a vida humana é só uma vida presa dentro de uma caverna. Tudo que ela sabe a respeito da luz é através dos reflexos produzidos por uma fogueira próxima, que projeta

sombras na parede – tudo o que a humanidade conhece são as sombras na parede.

A crença platônica grega diz que quem é sábio, inteligente e acima da média consegue romper com essa visão medíocre de sombras e sai da caverna. Não será mais um escravo das sombras, porque verá o próprio sol. Ele, finalmente, saberá o que, de fato, acontece na vida. A mentalidade grega pode ser bem representada pela ideia platônica, como um culto à sabedoria: uma pessoa sábia é alguém que vê além do óbvio, que tem uma percepção da vida mais ampla do que os demais.

Para a religião grega, quem está bem na vida é a pessoa sábia, inteligente, que sabe das coisas. Por isso, o grego chega diante da cruz – o inteligente, o sábio, o cheio de conhecimento – e vê aquele homem como um louco. O grego pensa: “não faz sentido; não é inteligente, não é sábio ficar ali, pendurado naquela cruz, e não dar respostas bonitas para quem faz perguntas, especialmente, quando se tem poder para fazer isso”. Jesus está pendurado na cruz e, quando os inimigos chegam perto e o confrontam, sua resposta é o silêncio. Ele faz o mesmo, quando os amigos – porque amigo também confronta – chegam diante dele, ficam com raiva e o confrontam: “por que você faz isso com você mesmo?”. Porque amigo não suporta ver você no escândalo e quer te proteger dele.

Na verdade, quando a gente causa escândalo, nem sei se quem nos odeia mais são os inimigos ou os amigos. O que quero dizer é que o seu amigo também não suporta ver você passar vergonha. Ele tem vontade de te bater, porque você está em escândalo, exposto. Os gregos olham para Jesus e veem que a resposta dele para os inimigos e para os amigos é o silêncio. A única fala dele, a respeito dos ataques dos inimigos e dos amigos, é com Deus: “*Pai, perdoe-os, porque eles não sabem o que estão fazendo*” (Lucas 23.34). Jesus está pregado na cruz e o grego está dizendo: “isso é loucura, não é inteligente; isso é estranho, é feio, não faz sentido”.

Pedro tropeçou na Pedra de que falam Isaías e Paulo. Em Mateus 16, Jesus reúne os doze discípulos, para mostrar a Pedra de Escândalo, primeiramente, para os seus. Na presença dos seus doze, Jesus diz assim: “Ei, eu estou indo para Jerusalém e, quando eu chegar lá, serei preso. Eles vão me espancar, me humilhar e cuspir em mim. Vão me expor publicamente. Serei reduzido à

miséria e à desgraça. Eles vão me matar, mas, ressuscitarei ao terceiro dia.”

Nenhum dos doze conseguiu escutar Jesus dizendo que ia ressuscitar, porque estavam ocupados demais, processando a ideia de que ele seria preso, humilhado, cuspidor, exposto e morto. Os discípulos de Jesus não conseguiram processar essa informação positiva, pois, estavam focados na informação negativa, aterrorizados por essa imagem. Na cabeça deles, não fazia sentido: “o cara anda sobre as águas! Você tem noção do que é isso? Esse cara manda um morto de quatro dias se levantar e andar. Mandar levantar e andar até que é fácil, o máximo do poder é que o morto levantou, andou e viveu normalmente, a partir dali, como se nunca tivesse nem adoecido! Esse sujeito multiplica pães! Como assim, agora, ele vai morrer?” Os discípulos não conseguiam entender isso.

Naquela hora, Pedro ficou com raiva – como gente que nos ama fica, quando somos expostos e envergonhados publicamente. Pedro ficou com raiva e tentou impedir Jesus; segurou-o pelo colarinho, deu uma balançada nele, o encostou na parede e disse: “Jesus, eu te proíbo. Não faça isso com você mesmo. Você não pode fazer isso”. Então, Jesus olhou para ele e disse: “sai dele Satanás”. Quando Satanás saiu, Jesus falou para Pedro: “Pedro, agindo assim, com a mente mundana, não renovada, você é pedra de tropeço para mim.” Jesus estava lembrando Pedro da pedra da qual Isaías falou. Pedro nunca mais esqueceu aquela pedra...

Jesus estava dizendo: “Pedro, você não só está tropeçando na pedra, mas, está sendo uma pedra de tropeço.”. E Jesus explicou: “por que você está sendo uma pedra de tropeço?

Porque você está olhando o mundo do ponto de vista dos homens. Você não está olhando o mundo do ponto de vista de Deus. Para você, todo o sofrimento da cruz é escândalo, vergonhoso, insuportável e, por isso, você está caindo. Você está afundando porque não valorizou a Pedra. Você podia ter abraçado a Pedra da Vergonha, mas, em vez disso, você a rejeitou. Ficou com vergonha quando a Pedra foi envergonhada.” Pedro ficou com tanta vergonha da Pedra que, quando a Pedra, que era Jesus, estava em julgamento e cumprindo sua sentença, Pedro disse: “eu não conheço ele”. E disso isso três vezes! Disseram: “você parece com os discípulos dele”. Pedro respondeu: “não pareço; não conheço essa pessoa”.

Sabe quando alguém que você ama está sendo exposto, vergonhosamente, numa situação constrangedora, na frente de várias pessoas? E você olha para aquilo e não quer que aquela vergonha tenha nada a ver com você? Então, finge que a situação não te diz respeito e sai discretamente, assoviando e olhando para os lados, como se aquilo não tivesse, mesmo, nada a ver com você? Foi o que Pedro fez. Pedro deixou Jesus sozinho na vergonha dele. O resultado disso: ficou uma marca em Pedro, porque ele não quis participar da vergonha de Jesus – uma marca dolorosa, uma ferida na sua alma.

Porém, ele recebeu uma lição e é dessa lição que Pedro está falando, em 1 Pedro 2. A lição é a seguinte: Deus se manifestou, vergonhosamente, para a humanidade. Ele baixou demais o nível, ficou feio perante os homens. Deus parou de provar o seu poder, parou de mostrar a sua glória e se mostrou como qualquer um. Quem for lá e abraçá-lo, ganhará a vida eterna, mas, quem ficar com vergonha e se afastar dele perderá a vida eterna. Pedro descobriu a lição da pior maneira possível: vivendo a lição na prática. Paulo fala disso aos Coríntios e aos Romanos, sobre essa Pedra, que os edificadores rejeitaram. Jesus era a Pedra Angular e eles, não sabendo disso, se perderam.

Na prática, o que essa mensagem, da Pedra Angular, significa para nós? Significa que o Deus que se revela no Novo Testamento, em Jesus, é um Deus que se mostra patético; um Deus manso, que não se defende, que não fuzila os inimigos com nenhum raio poderoso. Ele está quieto no canto dele, esperando que você o aceite. Se você o aceitar, ele te salvará, porém, caso você se envergonhe dele, estará perdido para sempre.

A nossa cultura cristã ocidental é formada pela associação das culturas grega, romana e judaica. Por isso, é chamada greco-romana, mas, também, judaico-cristã. Nós misturamos os pensamentos gregos, romanos e judeus em um conjunto único de crenças. Portanto, eu e você temos a tendência natural de pensar como eles pensam. Quem é que quer um Deus que não faz o que eu quero? Quem quer um Deus que não se defende? Queremos um Deus que, quando o inimigo blasfema, reage assim: “Ai dele. Vai pagar caro!”.

Eu sei que, muitas vezes, no secreto, ficamos com vergonha. E entenda uma coisa: quanto mais se aproximam os últimos dias, mais a vergonha de Deus terá razão de ser. Aliás, o livro do Apocalipse, que fala dos tempos do fim, diz que, nos últimos dias, o anticristo se levantará, lutará contra os santos e os

vencerá por um tempo – porque lhe será dado o poder de lutar contra os santos e vencê-los.

“Então, abriu a boca em blasfêmias contra Deus e para amaldiçoar o seu Nome, seu Tabernáculo e os que habitam nos céus. Foi-lhe concedido também poder para guerrear contra os santos e vencê-los. E recebeu autoridade sobre toda tribo, povo, língua e nação.” Apocalipse 13. 6,7 – KJA

Note que, naquele momento da história, os crentes receberam uma promessa para os últimos dias: vocês serão perseguidos e humilhados; vão inventar todo tipo de mentira contra vocês; vai aparecer um monte de falsos profetas, dizendo um monte de mentiras a nosso respeito e, finalmente, o inimigo vai ganhar o poder de vencer vocês.

Assim, a pergunta que fica é: para que eu quero um Deus que vai deixar o inimigo me vencer? Para que eu quero um Deus que vai deixar o falso profeta falar um monte de besteiras sobre mim e vai ficar quieto, sem falar nada, nem me defender? Para que eu quero um Deus que vai me deixar ser perseguido e humilhado; que vai permitir que mintam a meu respeito, que inventem histórias sobre mim, contra as quais não vou ter defesa, pois, não poderei provar o contrário? Para que eu vou acreditar num Deus desses?

A Pedra de Escândalo está na rua de novo. A mesma Pedra. A questão é: esse é o Deus verdadeiro – você vai querer ele ou não? Fique tranquilo. Daqui a pouco, vai chegar a hora e o Cordeiro se levantará como Leão. O Deus humilhado se manifestará em glória. No entanto, quando isso acontecer, a pedra de Escândalo terá passado e não estará mais na rua. Não haverá mais Pedra de Escândalo a partir desse ponto. A Pedra de Escândalo está na rua neste momento e esse é o momento da escolha. Você está sendo convidado a ir ao pé daquela cruz e abraçar aquela vergonha toda, tomando-a como sua também.

Talvez, você esteja esperando que Deus arregace as mangas e se defenda, no contexto da nossa visão de mundo, mas, isso não vai acontecer. Deus não vai se levantar, poderosamente, e se defender na mídia, contra toda acusação e contra esse bando de gente que não sabe de nada e fica conversando fiado e falando mal de Deus. Esse povo que, sendo composto de criaturas tão

pequenas, quer que você prove a existência ou inexistência de um Deus tão grande – e você está esperando que Deus arregace as mangas e mostre para todo mundo “esse é meu filho amado e eu estou com ele”. Mas, entenda: isso não vai acontecer por enquanto.

Estamos na época da Pedra Angular, que ninguém acredita que é angular, cuja importância ninguém reconhece. Todos nós desejamos isso, assim como muita gente que amava Jesus, desejou que ele tivesse descido da cruz, que tivesse arrancado os pregos e flutuasse; que a glória o tivesse enchido e que ele tivesse chamado um soldado romano com um gesto e este fosse atraído pelo seu chamado silencioso, sem poder resistir. Então, Jesus lhe daria um soco e o tal soldado teria sido arremessado para longe. Não sei você, mas, eu adoraria ter a chance de ver uma cena como essa. Mas, infelizmente, isso não vai acontecer.

Quando os discípulos de Jesus, no Getsêmani, o viram se deixar prender, Pedro desembainhou a espada e todos os discípulos desejaram que Jesus se defendesse, porque sabiam que ele podia fazer isso. Contudo, Jesus olhou para aqueles amados discípulos e disse: “se eu quisesse, eu pediria ao pai e ele mandaria mais de doze legiões de anjos para me defender, mas por que eu não vou pedir? Porque eu não quero.

A Pedra está na rua, humilhada, feia, estranha, o mais indigno entre os homens. Um Deus de verdade, do ponto de vista humano, na leitura da religião judaica e da cultura grega, não deveria ser assim. Esse Deus é loucura para os gregos e escândalo para os judeus. Ele poderia ter pedido doze legiões de anjos, mas, não pediu – porque ele veio para ser a Rocha de Escândalo. Desse modo, não espere que ele vá se defender, porque ainda não chegou o tempo de se defender. Quem quiser duvidar, vai duvidar. E sabe o que ele fará a respeito? Nada. Quem quiser blasfemar, vai blasfemar. E sabe o que ele fará a respeito? Nada!

“É, pastor, mas eu estou sabendo de umas pessoas aí, que andaram blasfemando e, depois, afundaram de um jeito muito complicado de reverter...” É verdade. Acontece, mas, não porque Deus desembainhou a espada e se defendeu. Coisas assim acontecem por meio da lei da sementeira, porque quem planta, colhe. Os princípios são impessoais e continuam funcionando no mundo, de modo automático, para todos nós.

Quem plantar na minha vida, colherá algo similar ao que plantou, se bom ou ruim, porque todo plantio resulta numa colheita e eu sou um terreno muito fértil. Então, quem plantar algo ruim na minha vida, vai colher coisa bem pior, multiplicada – é a lei da sementeira operando. Deus não desembainhou a espada. Ele está quieto no canto dele, esperando a hora certa de agir, porém, quando Ele se manifestar, então, não haverá mais Pedra de Escândalo, não haverá mais Rocha de Vergonha, exposta na rua, para você decidir o que vai fazer dessa Rocha – há um tempo estabelecido para aceitarmos Jesus em nossas vidas e esse tempo é agora.

Jesus morreu naquela cruz e ressuscitou ao terceiro dia. Sabe para quem ele se mostrou? Isso é tão revelador! A ressurreição era a prova cabal de que Jesus é Deus, mas, ele só mostrou sua ressurreição para quem não precisava mostrar, porque já acreditava! Para a nossa cultura, isso não é inteligente. Sabe o que seria inteligente? Ele ressuscitar ao terceiro dia, atravessar o Vale do Cedrom, ir à esplanada do templo, elevar-se (porque, agora, a gravidade não tinha mais poder sobre ele), ficar na altura do templo (para permitir que todos o vissem) e, então, brilhar – e brilhar o máximo possível, como brilhou no monte da transfiguração. Assim, ele iria fazer aquele povo todo cair de joelhos e chorar a dor de o terem rejeitado (e, cá entre nós, isso seria pura vingança). Ele deveria ter mostrado para todo o mundo que ressuscitou, mas, ele não mostrou para ninguém, exceto para quem já cria nele, ou seja, para quem já tinha decidido acreditar. Quem duvidava continuou duvidando, pois, não viu nada.

Tomé ficou abestalhado, fazendo cobrança: “eu quero botar o dedo lá na ferida”. Então Jesus falou: “vou fazer uma concessão para você, porque você é um dos meus e existe um plano para a sua vida, mas, registre que, agora, que eu te mostrei, acabou para você. Bem-aventurados os que não viram e creram. Eu te mostrei, então, você perdeu a bem-aventurança, perdeu a oportunidade”. Jesus estava dizendo para Tomé: “Eu estou procurando gente que, quando olhar para minha vergonha, dirá: ‘essa vergonha é minha, porque eu tenho uma aliança com ele’. Quando alguém blasfemar de mim, ele dirá: ‘eu estou com ele, não vou me escandalizar e fugir.’”

A cena de Jesus na cruz registra que todos os discípulos fugiram, exceto João, Maria Madalena e Maria, mãe de Jesus. Eles ficaram lá, embaixo da cruz,

com os olhos fitos em Jesus. Quando as pessoas zombavam de Jesus, estavam estendendo sua zombaria a eles, também. Mas, sabe o quanto eles se importaram? Nada. O pensamento deles era: “se o meu Jesus está aqui (mesmo eu não entendendo o motivo disso), eu estou aqui também. Se meu Jesus está com dor, eu também estou. Se estão xingando meu Jesus, estão me xingando também”.

A Rocha de Escândalo e de Vergonha continua exposta nas ruas e uma das coisas que faz essa geração, da qual eu e você fazemos parte, ficar mais confusa, é a pergunta: “por que Deus não faz nada?”. Temos nos perguntado isso, a cada dia mais.

Houve tempos em que víamos um escandalozinho por ano e o coração doía: “meu Deus, pastor fulano caiu, que coisa escandalosa, que feio. Meu Deus, que coisa terrível aconteceu tal dia, tal hora.” Agora, estamos lutando com isso todo santo dia. Talvez, porque a democratização da informação, através das mídias digitais, tem feito as notícias chegarem mais rápido até nós, mas, eu penso que não é só isso. Penso que a razão disso é, principalmente, que estão acontecendo mais escândalos e estão surgindo mais falsos profetas. Tem surgido mais gente que não é fingindo que é; mais gente que é querendo não ser; mais mal disfarçado de bem e bem que é bem, mas, parece mal.

Nossa cabeça está confusa e, todo dia, nos perguntamos: “Deus, por que você não faz nada? Por que você não se defende, não arregança as mangas, não levanta doze legiões de anjos e se mostra para esse povo, pecador e desgraçado, que ousa abrir a boca para falar mal do Senhor? Por que você não faz nada, Deus?”. Ele não vai se defender. Desculpa te contar isso, porque eu sei que isso rouba um pouquinho da sua esperança. Eu sei que, no fundo, você tinha esperança de que ele se manifestasse e se mostrasse para esse bando de desviados e filhos de Belial e provasse que estão errados. No entanto, ele não vai fazer isso – não, por enquanto. E, quando ele, finalmente, o fizer, não fará mais diferença, porque a nossa escolha já terá sido feita.

Hoje, você está sendo desafiado a abraçar esse Deus do escândalo; a amar esse Deus que prefere fazer seu milagre na surdina. Sabe, aquele milagre que você gostaria que ele fizesse para todo mundo ver? Raramente ele faz. Na maioria das vezes, ele faz de um jeito que ninguém consegue provar que é milagre. Por quê? Porque a prova retira o mérito da fé. Então, se você quiser

acreditar que é milagre, que é de verdade, você terá que acreditar pela fé, mediante uma decisão consciente. Contudo, se quiser duvidar, achar que foi o médico ou que foi o acaso, você é livre para isso. A Rocha de Escândalo está exposta. Você vai correr para ela ou vai correr dela?

Pedro fugiu logo após se escandalizar e negar que conhecia a Rocha: “ele não está comigo, não sei quem é essa pessoa. Estou envergonhado, escandalizado, com medo, com raiva, chateado, porque não quero que as coisas sejam desse jeito. Não quero um Deus assim, um Deus mole, bobo. Eu quero um Deus poderoso, que se imponha, mostrando quem é e exigindo respeito. Estou escandalizado com esse Deus, que se mostra pequeno.”. Tais palavras poderiam, tranquilamente, ser o desabafo daquele filho de Jonas.

Foi o próprio Simão que fez essa escolha e, por isso, ficou para trás – no final da fila, dos que recebem a manifestação divina. Quando Jesus ressuscitou, não foi para Pedro que ele apareceu primeiro, mas, para a fidelíssima Maria Madalena. Há quem diga que Jesus apareceu para Maria Madalena primeiro com o objetivo de mandar uma mensagem para a sociedade machista daquele tempo, que nunca entenderia o fato de ele aparecer primeiro a uma mulher.

Porém, na verdade, a única razão pela qual Jesus apareceu primeiro a Maria Madalena foi porque ela era a única disponível, no momento da ressurreição, para ser essa primeira testemunha. O mérito dessa mulher foi que, em momento algum, ela desistiu de acreditar. Ela estava entre os últimos a sair do calvário, depois da crucificação do Mestre. Na verdade, ela foi tirada dali, praticamente, na marra – caso tivessem permitido, ela teria ficado ali, perto dele, até o fim. Ela fez o que nós somos desafiados, hoje, a fazer: ela se agarrou à Rocha de Escândalo, a abraçou e diz: “esse escândalo é meu. Se ele provar que existe, eu creio nele e, se ele não provar, não muda nada para mim. Eu escolhi viver essa vergonha com ele. Eu escolhi esse escândalo. Eu escolhi essa cruz. Eu escolhi essa simbologia de derrota, mas, o meu Deus é o Deus da vitória. Eu sei que eu venço Nele”.

O desafio está lançado: Deus não vai te provar a própria existência. Mas, isso não quer dizer que ele não te socorrerá na hora da sua necessidade. A questão é que, assim que você tiver uma intervenção divina, que seja suficiente para provar que Deus existe, também surgirão outras intervenções naturais, tentando provar que ele não existe. Isso acontece para que você tenha a

oportunidade de decidir no que você quer acreditar.

“Ele cresceu diante dele como um broto tenro e como uma raiz saída de uma terra árida e estéril. Ele não aparentava qualquer formosura ou majestade que pudesse atrair os seres humanos, nada havia em seu aspecto físico pelo que pudéssemos ser cativados. Pelo contrário, foi desprezado e rejeitado pelos homens, viveu como homem de dores, experimentou todo o sofrimento. Caminhou como alguém de quem os seus semelhantes escondem o rosto, foi menosprezado, e nós não demos à sua pessoa importância alguma.” Isaías 53. 2, 3 – KJA

A Rocha de Escândalo estava na rua, solta, feia, estranha e, aparentemente, mal feita. Homem de Dores, que sabe o que é padecer. Nenhuma beleza víamos, para que o desejássemos. Mas, se você o aceitar, será considerado: *“parte da geração eleita, do sacerdócio real, da nação santa, do povo exclusivo de Deus para anunciar as grandezas Daquele que os chamou das trevas para sua maravilhosa luz.”* (1 Pedro 2.9).

Esse é um Deus que não sai por aí pregando o evangelho. O evangelho seria poderosíssimo, do ponto de vista grego e do ponto de vista judeu, se o próprio Deus aparecesse e pregasse. Por que ele me manda pregar e não prega ele mesmo? Imagine uma cena na qual você diz a um indivíduo: “Jesus te ama. Deus virou gente e morreu por você naquela cruz. Ele é bom e se importa com você. Ele vai perdoar completamente os seus pecados. Ele te liberta da ação demoníaca contra a sua vida e intervém no seu lar.” Enquanto diz a verdade do evangelho para aquele indivíduo, ele te interrompe e pergunta: “você pode provar o que diz?”. E você responde: “eu não tenho prova nenhuma para você; você terá que decidir se vai ou não acreditar”. É a única resposta que posso dar. E isso tem a ver com fé e, não, com provas. Imagine que naquele momento, aquele indivíduo diz: “Eu acredito mesmo assim!”. É nessa hora que a verdade do evangelho se manifesta e a glória de Deus opera milagres naquela vida, porque a fé tem que aparecer primeiro, antes de qualquer milagre.

O que aconteceu, na cena que descrevi acima, foi que o indivíduo aceitou a *Rocha de Escândalo*. Ele aceitou um Deus que, do ponto de vista da racionalidade grega, é loucura ou, num linguajar mais chulo, é burrice. Do ponto de vista da religiosidade judaica, a mesma fé é escândalo, é algo feio,

vergonhoso e constrangedor. Foi isso o que você fez – você olhou para o Deus que virou escândalo e o aceitou! Você disse: “eu quero esse Deus para mim. A vergonha dele é minha. A dor dele é minha. Eu quero viver com ele para sempre”.

Daqui a pouco, a glória dele se manifestará e todo olho verá. A glória dele não vai se manifestar só para quem creu. Ela se manifestará para todo mundo, mas, quem creu será premiado e quem não creu será rejeitado. Por isso, a chance de abraçar a Rocha de Escândalo é agora, enquanto ela é um escândalo, enquanto ela está exposta, enquanto não tem prova nenhuma. Agora é a hora. Pedro aprendeu isso a duras penas, porque ele rejeitou a Rocha e sofreu as consequências.

Se você crer, esse Deus pode fazer milagres na sua vida. Se você crer, esse Deus pode perdoar seus pecados. “Mas pastor, eu pequei demais.” Não tem nenhum limite para o perdão dele. Ele parece limitado naquela cruz, para ser uma armadilha, mas, ele não tem limites. Ele perdoa qualquer pecado, cura qualquer enfermidade, salva qualquer casamento, levanta qualquer família. Mas quando você se aproximar dele, terá que se unir a ele na Sua vergonha, terá que aceitar que ele faça o que ele quiser fazer, em vez de apontar o dedo para ele e dizer: “se você não fizer isso, não mostrar sua grandeza, eu não te aceito”.

Não funciona assim. Com ele, funciona do seguinte modo: entregue sua vida a ele, confie e o deixe fazer como quiser, porque o relacionamento de aliança é o que faz esse Deus ser seu Deus. Não tem prova ou manifestação que o comprove.

Só tem Deus na cruz – envergonhado e exposto – e a sua oportunidade de correr até ele naquela cruz é agora.

Os judeus querem manifestações poderosas, os gregos querem sabedoria. Mas, Jesus se manifestou como escândalo e vergonha, crucificado. Se você o quiser, ele será seu Deus, mudará a sua vida e fará intervenção profunda e eterna. Porém, se ficar com vergonha e se escandalizar, perderá ele e tudo mais. Dê sua resposta para Deus, esse é o momento.

Talvez, você esteja enfrentando algum problema complicado. Caso você, em

sua obsessão, encoste Deus na parede e fale: “Senhor, se o Senhor não fizer isso, que tipo de Deus é você?”, a resposta dele para você será: “esqueça seu problema e responda uma pergunta: Eu sou o seu Deus ou não?”. Se sua resposta for ‘depende’, então, a resposta dele para você será um sonoro ‘não’! Ele não vai aceitar um ‘depende’ como resposta. Ou ele é seu Deus ou não é o seu Deus – ele é seu deus ou não é nada seu. Todas as outras coisas, ele resolve depois: o seu pecado, a sua enfermidade, a opressão das trevas na sua vida, o seu problema de família, de casamento, de saúde, de sociedade, emocional, psicológico. Tudo é resolvido depois. A única coisa que importa, nesse momento, é: ele é o seu Deus ou não é? Todo o resto perde a importância, se ele for o seu Deus. Contudo, todo o resto também perde a importância se ele não for seu Deus. Dê sua resposta para ele em sua oração.

Senhor, aceita a nossa entrega, em nome de Jesus.

Capítulo 12

Ferramentas que Constroem a Intimidade

“Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne.” Gênesis 2. 24 NVI

Nesse capítulo, veremos alguns recursos para a construção da intimidade. E esse é um assunto bem recorrente no nosso ministério, porque gostamos de incentivar as pessoas a construir e praticar a intimidade nos relacionamentos, tanto nos relacionamentos em geral e entre casais, quanto no relacionamento com Deus.

A essa altura do nosso estudo, quero que você entenda que intimidade não é algo que acontece por acaso, naturalmente, mas, algo que é construído de propósito, através da nossa decisão de tomar medidas específicas nesse sentido. As ferramentas que vamos aprender nesse capítulo são as mesmas usadas para trabalhar a intimidade com o outro e com Deus, ou seja, servem a todos os relacionamentos, no entanto, elas funcionam de maneira individualizada, levando-se em conta o temperamento e a personalidade de cada um. Porque somos diferentes uns dos outros e é importante saber que Deus se relaciona com cada um de nós respeitando e valorizando essas diferenças, se manifestando a cada um de um modo particular.

Quero trabalhar com você essa ideia, de construção da intimidade, usando o texto de Gênesis 2.24, e lembrando que tudo o que um homem e uma mulher precisam construir, para ter intimidade um com o outro, podemos aplicar como metáfora em nosso relacionamento com Deus, se quisermos ser íntimos dele. O relacionamento conjugal, na verdade, há muito tempo, tem sido usado como uma figura de linguagem para nossa relação com Deus.

Assim, através dessa figura, muito recorrente nas escrituras sagradas, aprendemos como ter intimidade com ele – o verdadeiro propósito da nossa existência e razão desse livro. Sim, pois, como já vimos, a intimidade é o objetivo primordial do projeto de Deus para nós. Mesmo sendo pequeninos, em relação a toda a criação, é inegável a revelação das escrituras sagradas, de

que cada um de nós se encaixa dentro desse plano maior de Deus, que é desenvolver e estabelecer ao máximo a intimidade conosco.

Sabemos que as mulheres costumam ter mais facilidade do que os homens, nesse processo de construção da intimidade. Isso porque elas são mais emocionais, enquanto nós, homens, somos mais racionais, o que dificulta o desenvolvimento de uma intimidade pela fé. No entanto, Deus tem seus próprios meios para alcançar os homens, também. Então, ele usa, de forma recorrente, o relacionamento conjugal entre um homem e uma mulher para profetizar o relacionamento íntimo dele com o ser humano e o ápice desse relacionamento é o casamento da Igreja com Jesus – a comunidade de Deus, chamada de a “noiva do cordeiro” e que, quando estiver pronta para um relacionamento Real, será chamada de a “esposa do cordeiro”.

Portanto, nesse texto, essa intimidade, ensinada por Deus a Adão, é a intimidade que Deus quer que tenhamos com ele. Quando Deus disse “*não é bom que o homem esteja só*”, estava falando de uma tendência, no coração do homem, de sentir falta de intimidade. E essa carência tem origem no fato de termos sido criados, especificamente, para a intimidade – primeiro, com Deus e, então, uns com os outros. Nesse texto, quero chamar sua atenção para que perceba Deus dando um conjunto de caminhos para que a intimidade entre os seres humanos possa acontecer, de forma saudável.

Quando Deus revela esse texto para Moisés: “*por essa razão o homem deixará pai e mãe e se unirá a sua mulher e eles se tornarão uma só carne*”, ele está nos ensinando o caminho para a intimidade. Sabemos disso porque ele encerra o texto conferindo-lhe o sentido de resultado e dando a ideia de que o fato de eles se tornarem uma só carne é o ápice da intimidade. E já entendemos que intimidade tem a ver com até onde eu quero deixar o outro entrar nos meus limites, até onde eu quero deixar que ele veja a minha nudez e até onde estou disposto a respeitar a nudez dele.

A intimidade é definida por meio desses parâmetros, portanto, quando o homem e sua mulher se tornam uma só carne – quando eles se abrem um para o outro e se permitem entrar no mais profundo do íntimo um do outro – estão construindo um relacionamento íntimo. Assim sendo, a intimidade, citada ao final do versículo (“se tornarão uma só carne”), é o que pretendemos alcançar, através desse conjunto de padrões, estabelecidos pelo texto. O que

quero trabalhar com você nesse capítulo são essas ferramentas, esse conjunto de padrões, que constroem a intimidade e que, realmente, faz com que a intimidade flua.

Quero que você pense e entenda cada uma dessas ferramentas que iremos ver, primeiramente, no ambiente da relação humana e, depois, na relação com o divino. Porque nós percebemos Deus ensinando o homem a alcançar a intimidade com sua mulher e vice-versa, mas, sua intenção principal é nos ensinar a aplicar esse aprendizado no nosso relacionamento com Ele próprio. O fim último da intimidade não é a intimidade entre nós e os outros, mas, sermos capazes de ter intimidade com Deus, quando tudo estiver terminado, ou seja, quando o plano de Deus tiver sido encerrado, nesta criação.

No final do livro do Apocalipse vemos que, ao fim dessa era, não haverá mais templo: ***“...Eles serão o seu povo e o próprio Deus viverá com eles, e será o seu Deus.”*** (Apocalipse 21.3 – KJA). Nesse momento final, Deus habitará com seus filhos e viverá entre eles, então, esses filhos precisam ser capazes de se relacionar com seu Pai em intimidade. Para exemplificar isso, Jesus, em João 14.3, usa a metáfora de um noivo que promete receber a sua noiva, na noite de núpcias, como esposa, para viverem juntos: *“vou preparar-vos lugar e quando eu for e vos preparar lugar eu voltarei e vos receberei para mim mesmo para que onde eu estiver vocês estejam também”*.

Jesus estava usando aquela figura de linguagem porque sabia que o povo daquela época entenderia melhor sua mensagem: o noivo prepara um lugar na fazenda do seu pai para receber sua noiva no dia do casamento; e, durante a festa de casamento, ele entra na intimidade da sua noiva.

O final das contas, quando chegar o fim da história humana e de toda a criação, a chave que vai fechar o último capítulo dessa história será Deus tendo intimidade com seus filhos. Então, na verdade, o que Deus espera que aprendamos com esse texto é como construir e manter a intimidade com ele – porque isso não é coisa que nascemos sabendo, é coisa que se aprende e se treina.

Voltando ao início, Deus precisou ensinar Adão e Eva a terem intimidade, porque eles não sabiam como fazer – não nascemos sabendo como ser íntimo de alguém. Caso você não tenha recebido orientações práticas nesse sentido,

dentro da sua família de origem, é muito provável que tenha crescido sem saber como se faz para se relacionar intimamente, com o outro e com Deus. Porque a intimidade é fruto de um aprendizado. Deus declara que “*não é bom que o homem fique só*” (*lo tov*), justamente, porque precisamos aprender a construir intimidade e isso não é algo que possamos fazer sozinhos – a intimidade pressupõe o outro.

Como os princípios que norteiam a construção da nossa intimidade com Deus são os mesmos princípios e ferramentas ensinados para Adão e Eva construírem intimidade entre si, a ideia é a mesma. O relacionamento de Adão e Eva era uma espécie de laboratório, onde eles aprendiam e treinavam a arte de ser íntimo de alguém para, então, transferirem esse aprendizado para o seu relacionamento com Deus. Por isso, a Igreja é chamada de a “noiva do Cordeiro” e, um dia, será sua esposa e irá para as bodas. Porque, nesse dia, teremos aprendido a construir a intimidade; essa é a condição para haver casamento, pois, como viveremos eternamente com Cristo, o Noivo e futuro marido, se não soubermos como nos relacionar intimamente com ele?

Esse nível de intimidade, que se desenvolve e aumenta gradativamente, é o que Deus espera ter conosco. Quando ele disse “*não é bom que o homem esteja só*”, estava falando de nossa tendência a sentir falta de relacionamento, pois, somos seres sociais e, portanto, sentimos necessidade de nos relacionar. E não importa o temperamento ou a personalidade de cada um, todos sentem essa mesma carência. Fica fácil entender esse anseio quando, finalmente, compreendemos que Deus, no fim das contas, só quer mesmo é se relacionar conosco e que nisso reside todo o nosso propósito de vida. Ele nos criou com esse anseio por intimidade porque esse era seu objetivo a nosso respeito, desde o início.

Esse texto, de Gênesis 2.24, é especialmente útil ao nosso estudo porque nele, Deus nos dá um conjunto de ferramentas para entender e aprender a construir a intimidade da forma correta – e sabemos disso porque ele fecha o texto, dizendo: “*e eles se tornarão uma só carne*”. Ser uma só carne com alguém é o ápice da intimidade – o texto está dizendo que há algumas coisas a fazer, algumas posturas a tomar para que, enfim, nos tornemos uma só carne com alguém.

Intimidade tem a ver com até onde eu quero deixar o outro se aproximar,

entrar nos meus limites e ver minha nudez, em como eu não me incomodo de revelar ao outro quem realmente sou.

Assim, um dos principais parâmetros para construirmos a intimidade é respeitar o outro, porque ele pode não estar pronto para a intimidade. Por isso, a intimidade precisa ser construída com tempo e paciência, conforme ambos dão conta de praticá-la. E, com Deus, funciona do mesmo modo: ele está disponível para a intimidade, mas, estamos prontos para isso? O “uma só carne”, que estabelece a intimidade completa entre um casal, é a metáfora para a intimidade com Deus – nos tornaremos uma só carne com Deus. Estamos prontos para isso?

No livro de Apocalipse 21.3, lemos:

“E ouvi uma forte voz que procedia do trono e declarava: “Eis que o Tabernáculo de Deus agora está entre os homens, com os quais Ele habitará. Eles serão o seu povo e o próprio Deus viverá com eles, e será o seu Deus.”

O desejo de Deus, expresso do início até o final das Escrituras, é ser nosso e que nós sejamos dele. Jesus reafirmou isso, quando disse que ia preparar um lugar para vivermos com ele, em João 14.2, 3:

“Na casa de meu Pai há muitos aposentos; se não fosse assim, eu lhes teria dito. Vou preparar-lhes lugar. E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver.”

Ele está noivo e vai casar, então, nesse exato momento, está preparando um lugar para sua noiva – quando chegar o tempo, quando tudo estiver pronto, ele voltará para buscar a noiva e levá-la para morar com ele. Essa é uma imagem maravilhosa, mas, estaremos prontos para ter esse nível de intimidade com ele? É nisso que temos que trabalhar, para garantir que possamos nos casar com ele. Sim, porque o casamento só vai acontecer quando estivermos prontos para ser uma só carne com ele.

Três ferramentas para a construção da intimidade

Para construirmos intimidade verdadeira com alguém – saudável e, não, abusiva – precisamos desenvolver três áreas específicas, que veremos a partir de agora. Perceba que todas as três áreas dizem respeito à nossa alma, de modo que a cura emocional tem tudo a ver com a nossa capacidade de criar e manter intimidade, com os outros e com Deus.

A **crença** é a primeira delas. Ela opera na parte da alma que chamamos de “mente” e rege nossos pensamentos, raciocínio e imaginação; a segunda área a ser trabalhada é a nossa vida emocional, relativa aos nossos sentimentos e sensações, e onde desenvolveremos a segunda ferramenta para a construção da intimidade: **maturidade emocional**; e a terceira e última área refere-se à nossa volição, ligada à vontade, desejos, capacidade de tomar decisões onde a terceira ferramenta será estabelecida: a **intervenção comportamental**. Essas três áreas da nossa alma – mente, emoções e vontade – constituem as três ferramentas que usaremos para construir intimidade: crenças, maturidade e comportamento.

1. Trabalhar nossa mente no sentido certo nos dará a primeira ferramenta – construção de crenças: por essa razão...

Começando pela primeira área a ser desenvolvida, a ferramenta que ela nos fornece para construir intimidade está expressa na seguinte fala de Deus: “por esta razão”, ou seja, existe uma razão, uma crença estabelecida de propósito, justificando a busca da intimidade – para se sustentar e durar, a intimidade não pode ser aleatória, ela precisa fazer sentido. Para termos intimidade saudável com alguém, precisamos de uma razão que esteja ligada ao que acreditamos ser a nossa verdade absoluta, o nosso conjunto de crenças. Porque, a intimidade é como um prédio de muitos andares, que exige uma base sólida que a sustente – essa base é o nosso conjunto de crenças.

A intimidade não pode ser construída sobre a base do prazer que ela pode gerar ou sobre a base da dor de viver na solidão. Ela não pode ser sustentada pelas sensações, incluindo as emoções que a própria intimidade produz. Sensações são instáveis e mudam o tempo todo. Quando construimos a

intimidade, tendo sensações como base, acabamos por destruí-la. Nossas crenças é que deveriam construir e sustentar todas as nossas relações de intimidade.

Vemos isso, claramente, quando estudamos o texto daquela parábola, em que duas casas foram edificadas, uma sobre a rocha e a outra, sobre a areia. Trabalhamos esse assunto, de modo profundo, no livro *Revendo as bases*^[7], mas, por ora, basta pensarmos que construir intimidade, baseando-nos em sensações, é o equivalente a construir uma casa sobre a areia – quando a tempestade chegar, vai arrastar tudo na enxurrada, destruindo, inclusive, as frágeis bases que sustentavam a intimidade. Ao contrário, construir intimidade sobre um sólido conjunto de crenças é o equivalente a construir uma casa sobre a rocha. Para construir o tipo de intimidade que permanece, apesar das crises, precisamos dar atenção especial às bases que a sustentam.

Por isso, é tão importante que a intimidade seja construída no contexto de uma aliança, fundamentada em crenças sólidas, porque uma aliança, baseada naquilo que se acredita, dura o quanto durar as crenças. Essa é a razão pela qual é pecado ter intimidade sexual fora da aliança, porque promiscuidade, adultério e fornicção fazem parte de um conjunto de práticas de intimidade que não contam com a proteção de uma aliança e suas crenças. Crenças permanecem, mas, emoções mudam o tempo todo.

Por isso, a aliança, sempre pautada em crenças, é o que dá firmeza e sustentação à intimidade. De modo que, por trás de relacionamentos verdadeiramente íntimos, há sempre uma aliança baseada em crenças. Para nós, ocidentais, é muito difícil pensar em intimidade com uma razão por trás dos relacionamentos íntimos, pois, nossa cultura nos treina para pensar que o que sustenta a intimidade num relacionamento é o prazer que o relacionamento produz, a paixão.

Nossa mentalidade shakespeariana constrói uma imagem do amor tipo Romeu e Julieta e nos conduz a um modo passional de interpretar e conceber a intimidade. Contudo, intimidade sem aliança origina um relacionamento sem nenhuma garantia ou segurança, porque não é uma relação de confiança, é uma relação instável, assim como são as sensações humanas. Numa intimidade construída sem aliança, as brechas dos ciúmes, da manipulação e do controle são constantemente abertas, no intuito de se preservar aquilo que

hoje te pertence, mas, que, amanhã, pode não te pertencer mais – porque o outro não tem compromisso com você.

Dentro desse modelo descompromissado de intimidade, temos visto um aumento crescente dos casos de divórcio e de homens e mulheres que cometem crimes passionais, por não suportarem a experiência de ver seus relacionamentos desmoronarem. Isso acontece porque fomos treinados para pensar que intimidade é produzida pelo prazer, mas, essa é uma mentalidade latina, passional, romântica e sensacionalista – não é a realidade e o padrão de Deus para a intimidade.

A verdade é que, para sustentar a intimidade, precisamos de um conjunto de princípios e, não, de sensações. Quando você tenta construir intimidade sem um conjunto de crenças que a apoie, vai construí-la baseando-se na dor ou no prazer que ela causa, ou seja, no conjunto de sensações produzidas pela própria intimidade e, muitas pessoas destroem as chances de ter intimidade, justamente, por isso – porque querem produzir intimidade sem, antes, construir um sistema de crenças que estabeleça uma aliança para sustentá-la. Então, quando as sensações mudam, a intimidade perde o seu chão e se perde.

Para demonstrar o quanto somos guiados pelas sensações, vou dar um exemplo que, dependendo das suas feridas emocionais, vai mexer com sua alma. As pessoas costumam dizer que quem ama não trai o cônjuge, mas, traição não tem nada a ver com amor, tem a ver com aliança.

Quando alguém diz isso, na verdade, está querendo dizer que aquela pessoa tem um conjunto de sensações a respeito do outro e que esse conjunto é capaz de impedi-lo de trair seu cônjuge. Mas, na prática, isso não funciona, porque muitas pessoas amam, verdadeiramente, e, ainda assim, traem o seu parceiro.

No nosso ministério, atendemos muitas pessoas que amam, tem carinho e afeição sincera pelo outro e, ainda assim, numa oportunidade para ceder às suas tendências, elas o fazem – porque tem várias questões mal resolvidas em sua alma que, cedo ou tarde, fazem com que ela ceda ao seu vício e cometa a traição.

Essa pessoa é capaz de trair mesmo amando porque, não tendo um conjunto

de crenças que sustente o relacionamento, é governada pelos impulsos da sua alma, que inclui seus vícios emocionais. Isso nos revela que, quando se tem um vício na área sexual e não se gasta tempo trabalhando as próprias sensações, dificilmente, daremos conta de não trair o parceiro.

Então, como vamos fazer para que um relacionamento íntimo aconteça e seja sustentado, de tal forma que não haja traição? Com a razão, com um conjunto de crenças, com uma aliança dentro do relacionamento, que vamos manter e respeitar. Caso isso não esteja bem estabelecido em você, e se o seu vício for nessa área, há uma chance enorme de que acabe traindo seu parceiro, por mais que o ame. Porque uma relação sustentada por sensações tende a entrar em colapso e falir, independentemente do amor que um sinta pelo outro.

Precisamos pegar essa ideia, de aliança para a intimidade, e colocá-la na conta do nosso relacionamento com Deus, porque é necessário entender que esse relacionamento também não pode se basear em emoções, nas bênçãos que ele nos dá e, nem mesmo, na alegria do êxtase, na experiência emocional e psicológica ou no prazer que sentimos, quando estamos na presença dele.

Tem gente que, por conta de seu temperamento racional, passa a vida lutando por um momento de êxtase com Deus. Se e quando conseguem ter um, acabam frustradas, porque esperavam que fosse algo sobrenatural a ponto de mudar suas vidas para sempre. De fato, é sobrenatural, mas, esse tipo de acontecimento é pautado na emoção e, como as emoções não são confiáveis, essas pessoas percebem que foi um fato isolado – um dia, elas conseguem e parece que Deus desceu na terra, mas, no dia seguinte, quando suas emoções são outras e elas não sentem nada parecido com isso, se decepcionam.

Não importa o que venhamos a sentir em nossos relacionamentos, inclusive, com Deus, porque o que sustenta cada um deles é um conjunto de princípios, independente do que sentimos. O que sustenta seu relacionamento com Deus tem a ver com o que você acredita a respeito dele – você não ama e serve a Deus porque está de bom humor ou sentindose bem naquele dia, mas, porque decidiu amá-lo e servi-lo, aconteça o que acontecer. Ponto final. Quando eu decido amá-lo e servi-lo, vou rejeitar qualquer coisa que tente me levar para o sentido contrário dessa decisão.

Eu já escolhi Deus, então, não importa se ele me abençoa ou não, se tenho

experiências emocionais com ele ou se ele atende os meus pedidos e me dá o que eu peço – e eu tenho muito a agradecer a Deus, porque ele já fez muito na minha vida, mas, se ele não me der nada ou não fizer nada por mim, eu ainda quero ele, ainda tenho uma aliança com ele.

Então, quando ele não me der o que eu pedi, ainda assim, continuarei crendo e escolhendo ele, porque ele é o Deus da minha vida, eu tenho uma aliança com ele e isso não vai mudar – é esse conjunto de crenças que sustenta o meu relacionamento com Deus. Eu só tenho duas opções para escolher como meu deus: Yaweh ou o Diabo – e eu não quero o Diabo, então, minha decisão é por Yaweh, aconteça o que acontecer.

Lá em Gênesis, quando Deus usa a expressão “por esta razão”, ele está dizendo que existe uma razão e um propósito por trás de um relacionamento de intimidade e que, para ter um relacionamento de intimidade com Deus, você precisa se perguntar no que realmente acredita a respeito dele. E terá que se decidir a nunca duvidar de suas crenças, mesmo que tudo ao redor tente te convencer de que não está dando certo – mesmo quando as circunstâncias indicarem o contrário, você precisa ficar firme na decisão de crer naquilo que, de antemão, tinha decidido acreditar. Porque a sua verdade será muito mais importante do que as suas sensações e estas vão ficar confusas e tendenciosas à dúvida.

O conjunto de princípios que sustenta meu relacionamento com Deus é capaz de sustentar minha intimidade em qualquer circunstância; eu posso me abrir para ele, posso mostrar minha nudez para ele – porque eu tenho um conjunto de crenças que sustenta essa intimidade, eu tenho uma aliança com ele.

2. Trabalhar nossa vida emocional nos dará a segunda ferramenta – construção da maturidade emocional: o homem deixará pai e mãe...

A segunda ferramenta para construir a intimidade é trabalharmos na construção do nosso emocional, porque a emoção também faz parte de um relacionamento íntimo. Quando o texto fala sobre deixar pai e mãe, está

falando de uma construção emocional que vai sustentar a intimidade.

Para que seja sustentada, a intimidade precisa deixar algo para trás, precisa amadurecer. E isso não tem a ver com abandonar os velhinhos à própria sorte. Isso implica em amadurecer o bastante para não ser mais controlado pelos impulsos e paixões da sua alma, alcançando certo nível de estabilidade emocional.

Por exemplo, quando queremos dizer que alguém é mimado e infantil, dizemos que é “filhinho do papai” ou “filhinho da mamãe” – é nesse sentido que devemos deixar pai e mãe e amadurecer. Se não estivermos prontos para deixar nossos pais para trás (ou seja, nossa vida infantil e amparada por outros adultos), não estaremos prontos para a intimidade – ou, ao menor indício de crise, não vamos querer mais o relacionamento, acreditando que não vai dar certo. Deixar pai e mãe tem a ver com deixar para trás a infantilidade e agir de acordo com o que é certo e, não, com o que está sentindo no momento.

Quando o texto fala que o homem deixará o pai e a mãe, está falando de uma construção emocional que vai sustentar a intimidade. E, aí, é claro, ele está falando, primeiramente, de uma relação entre marido e mulher, entre pessoas humanas – está falando que, para a relação marido e mulher ser estabelecida e sustentada em intimidade, é necessário que o homem e a mulher deixem pai e mãe, ou seja, cresçam e amadureçam.

A ideia básica aqui é que, tanto o homem quanto a mulher, se quiserem ter intimidade no relacionamento, vão precisar amadurecer, não sendo mais controlados por suas emoções. Lembro-me que, ao me converter, aos dez anos de idade, levei para minha relação com Deus, a pressão psicológica que vivi no meu lar de origem.

Esse lar me treinou para me sentir rejeitado e tentar agradar para ser aceito – eu levei isso para meu relacionamento com Deus, acreditando que ele nunca me aceitaria realmente, então, eu ainda me sentia sempre sozinho. Porque, quando eu fazia coisas para ele e não recebia um *feedback*, um retorno que garantisse que ele tinha recebido a minha oferta, eu sentia que ele a tinha rejeitado. E, na época, isso era muito complicado, porque eu fazia parte de uma igreja pentecostal, onde as manifestações emocionais do Espírito Santo

eram muito valorizadas. E, por favor, não me interprete mal, porque eu não estou dizendo que não devemos valorizar tais manifestações. Sim, elas são muito importantes, mas, não são o mais importante no nosso relacionamento com Deus.

E, devido à importância dessas manifestações no meio pentecostal, quando acontecia de eu ir a uma reunião, em que muitos se emocionavam e choravam, ao sentir a presença de Deus, eu ficava angustiado, se não sentisse nada. Porque eu fazia tudo o que todos faziam: orava, lia a bíblia, subia o monte, buscava pelas madrugadas... Então, se eu não estava sentindo o que todos sentiam, entendia que Deus tinha se manifestado para aquelas pessoas e não tinha se manifestado a mim – provavelmente, porque havia algo de errado comigo. A ideia era que, se eu não tinha sentido nada, era porque Deus não tinha aceito a minha oferta, a minha entrega e o meu culto – porque havia algo de errado comigo.

Mas, o tempo passou e eu cresci, amadureci, resolvi minha alma e minhas emoções e elas não me controlam mais. Resignifiquei minhas crenças e entendi que Deus me ama e me aceita, mesmo quando eu não posso sentir isso de modo objetivo. Aquelas crenças erradas, por muito tempo, estiveram escondidas em cantos muito obscuros do meu inconsciente e, portanto, ainda podem brotar com muita força, mas, hoje, elas não têm mais o poder de me controlar – elas não mandam mais em mim, ao contrário, sou eu que as controlo, porque tenho ferramentas para fazer isso.

Então, minha relação com Deus ganhou maturidade e, quando minhas emoções dizem que ele sumiu, que ele não está lá e me deixou sozinho, elas não conseguem mais me convencer disso, porque eu conheço Deus e sei quem ele é – sei que ele nunca vai me abandonar. Falando dessa construção emocional e aplicando-a à relação íntima entre homem e mulher, o que esse texto está dizendo é que se o homem e a mulher não deixarem pai e mãe, não vão conseguir ter intimidade um com o outro.

O exemplo que eu dei, sobre ser controlado por meus sentimentos de rejeição, é um exemplo da infantilidade que inviabilizava a minha intimidade com Deus. Porque estar na presença dele não tem relação com sentimentos, mas, com crenças – eu creio que ele está aqui comigo, porque ele é onisciente, onipresente e disse que sempre estaria comigo. Não estou

conseguindo percebê-lo com os meus sentidos, não estou detectando a presença dele e não estou ouvindo sua voz, mas, eu **SEI** que ele está aqui e, se eu insistir um pouco mais, vou conseguir romper essa barreira.

Assim como no meu caso, ser de uma igreja que valoriza muito as experiências emocionais e não manifestá-las pode angustiar muito um crente imaturo. Porque as pessoas seguem o seu líder e se perguntam, continuamente, se estão indo na mesma direção que ele. Nesse momento, se elas não estiverem sentindo o mesmo que seus líderes, podem entender que são inferiores e estão sendo rejeitadas – pelo líder, por Deus e pelo grupo. Manifestações emocionais têm muito mais a ver com sua alma do que com o seu espírito e esse entendimento se desenvolve à medida que amadurecemos. Questões de alma precisam ser consideradas e tratadas, porque a alma está coladinha com o espírito, o tempo todo, e ela vai atrapalhar ou não a nossa intimidade com Deus, de acordo com o seu nível de maturidade.

Pessoas racionais não sentem tanto as coisas e acabam se angustiado, na tentativa de ter o que outro tem, mas, isso é comparação e a comparação sempre traz um resultado negativo. Porque, ao se comparar, você irá, inevitavelmente, se sentir superior ou inferior ao outro. Ambas as sensações são extremos e extremos são sempre muito perigosos.

Quando o outro se relaciona com Deus de um modo diferente, de um modo que você gostaria de ter e não tem, não pode interpretar isso como rejeição ou inferioridade, porque Deus te criou exatamente como você é e ele sempre aceitará o que você lhe der, se for com sinceridade, em espírito e em verdade. Você pode entregar o que tem e ele vai receber de presente, porque ele te ama. Somos diferentes – uns pulam, choram ou ficam parados e isso é normal. Esse é o seu culto racional a ele e, se é menos intenso do que o do outro, ele vai receber, porque tudo o que ele quer é a sua entrega, pois, o presente é mais importante do que a embalagem.

A essa altura você já deve ter entendido que é, justamente, esse passado emocional de feridas e traumas que te aprisiona e impede de ter intimidade com Deus, pois, você pode estar colocando na conta de Deus tudo de negativo que você viveu e recebeu das suas interações humanas. Nesse caso, você precisa resolver suas emoções. Suas disfuncionalidades – rejeição, medo de ser abandonado, de não ser aceito e aprovado, perfeccionismo –

tudo isso, você leva para seu relacionamento com Deus e, quanto mais tratado nessas áreas você for, mais maduro e mais capaz de ter intimidade com Deus será, porque vai controlar melhor suas emoções e, ainda que elas estejam lá e insistam em se manifestar, não te controlarão mais.

Falando dessa construção emocional e aplicando-a na relação íntima entre marido e mulher, o que Deus está dizendo, através de Moisés, é que se o homem não deixar pai e mãe, não vai conseguir ter intimidade com essa mulher; e se a mulher não deixar pai e mãe, não vai conseguir ter intimidade com seu marido. A prisão do passado emocional e das emoções mal resolvidas vai bloquear a possibilidade de intimidade entre eles. E, então, quando conseguirmos um nível razoável de tratamento dessas questões emocionais, estaremos prontos para a terceira construção.

3. Trabalhar a área da volição nos dará a terceira ferramenta – construção comportamental: e se unirá à sua mulher...

A terceira ferramenta é a construção comportamental: “e se unirá à sua mulher”. Estamos falando do exercício consciente e proposital de tomar uma determinada atitude, no sentido de se unir ao outro. Falando da nossa relação com Deus, para que haja intimidade, é importante planejar o seu comportamento, racionalizando e separando, de forma estratégica, um tempo para adorar a Deus e trabalhar, progressivamente, nessa direção. Agora, é a hora dos mais emocionais terem problemas, porque, para eles, é difícil ter uma rotina – mas, é preciso planejar, porque a intimidade não acontece espontaneamente.

Nesse planeta, somente os espinheiros e as coisas ruins surgem do nada – as coisas boas precisam ser cultivadas. Então, a intimidade precisa ser planejada de forma estratégica ou ela não vai acontecer. Porque toda intimidade é construída, não surge por acaso, seja entre amigos, parentes, com o cônjuge ou com Deus.

Somos muito sentimentais e muitos ainda acreditam em alma gêmea:

encontrei minha alma gêmea e agora, pronto, somos íntimos. Isso é fantasia. Não existe encaixe perfeito. Mesmo apaixonados, somos diferentes e, por isso, fomos atraídos um para o outro – porque a diferença atrai. As pessoas são diferentes e a intimidade não acontece automaticamente.

No início de um relacionamento, você pensa que encontrou sua alma gêmea, mas, com o tempo, percebe que vai precisar trabalhar a intimidade, porque ela não aconteceu automaticamente. A partir daí, é o seu conjunto de crenças que vai te fazer superar as diferenças, no sentido de continuar construindo a intimidade, apesar da dificuldade envolvida nisso.

Será preciso lutar pela intimidade, que vai aumentando e melhorando na medida em que amadurecemos e conhecemos melhor o outro, num processo contínuo, em que ambos vão tomando posturas para construir e manter a intimidade alcançada. Ou seja, para que haja intimidade, ambos terão que investir numa construção comportamental direcionada e proposital.

Essas posturas não podem ser negligenciadas, pois, sem elas, a intimidade estará comprometida. O ponto complicador desse processo é que, às vezes, um é muito diferente do outro. Tipo, um é mais proativo do que o outro e tenta “forçar a barra”, pressionando para fazer a intimidade acontecer. Então, o outro pode se sentir abusado, porque a sensação de falsa intimidade que ele experimentará, na verdade, é abuso.

É abuso quando não há intimidade verdadeira, mas, um tipo de intimidade forjada que é empurrada “garganta abaixo” no outro. Nessa relação, um dos dois se sentirá abusado e, quando falo de abuso, não estou, necessariamente, pensando em abuso sexual, mas, na sensação de violência e invasão de alguém que sente que foi forçado a algo, quando alguém rompeu “na marra” os seus limites e invadiu o seu espaço, a sua intimidade, sem sua permissão.

O indivíduo não queria que fosse assim e, às vezes, não precisava, realmente, acontecer daquele jeito – bastaria respeitar o tempo dele, porque era só uma questão de tempo, mesmo. Digo isso porque, às vezes, aquilo que não era possível fazer naquele momento – o território que não era possível ganhar, em termos de intimidade – se tornaria acessível depois de um curto espaço de tempo porque, até lá, já se teria construído um pouco mais de intimidade. Não se consegue intimidade pressionando para isso acontecer, é preciso

exercer a arte da paciência e respeitar o tempo que isso leva.

É preciso haver um engajamento, um treinamento e um tomar de posturas, de ambos os lados, que fará com que o casal chegue a ter verdadeira intimidade. Quem tem um bom casamento e já está casado há algum tempo, com a mesma pessoa, sabe que a intimidade melhora na medida em que o casamento amadurece, na medida em que as pessoas praticam posturas pragmáticas, na direção de construir essa intimidade. E essas mesmas atitudes são válidas para nosso relacionamento com Deus porque, nenhum relacionamento com Deus fluirá com graça, força, vida e naturalidade sem que você invista muito tempo de prática na construção dessas ferramentas, pois, alcançar níveis profundos de intimidade com Deus só acontece de modo processual, gradual e paulatino.

Você alcança um pouco hoje, um pouco mais amanhã e as coisas vão melhorando cada vez mais, porém, é preciso que o comportamento seja pré-estabelecido. Por meio de uma construção de crenças e uma construção emocional, complementada por uma construção comportamental, eles se tornarão uma só carne. Essas três posturas precisam caminhar juntas, se pretendemos ter intimidade crescente com Deus.

Quando Deus diz que “*por essa razão o homem deixará pai e mãe e se unirá a sua mulher e eles se tornarão uma só carne*”, está dizendo que, para que eles se tornem uma só carne, será preciso:

1. consolidar uma razão,
2. deixar pai e mãe (a infantilidade),
3. tomar a iniciativa de se unir ao outro.

Para isso funcionar, será preciso exercer disciplina, adotando posturas específicas e insistindo nelas. Com “razão”, estou falando de ter os princípios e as crenças certas; com “deixar pai e mãe”, falo da construção emocional – de tirar a criança egoísta, pirracenta e obsessiva que está ligada ao meu pai e à minha mãe e, então, ocupar esse espaço com uma pessoa adulta e equilibrada; e com “se unir à sua mulher”, refirome a uma construção comportamental, o ato de tomar uma postura, enquanto participante dessa aliança, para fazer as coisas acontecerem.

Capítulo 13

Posturas Práticas para a Construção da Intimidade

Neste capítulo quero aplicar, de forma prática, as três posturas que fazem funcionar, tanto a intimidade conjugal, quanto a intimidade com Deus. Porém, já que estou partindo para uma abordagem mais pragmática, focarei apenas na intimidade com Deus, reduzindo as analogias entre o casamento e o relacionamento com o divino, pois, já entendemos como isso funciona e o objetivo desse capítulo é, especificamente, te fazer entender como construir a intimidade com Deus. Então, você, que é casado, partirá desses mesmos princípios e aplicará essas posturas no relacionamento com seu cônjuge.

Para início de conversa, a **primeira postura prática**, na busca pela intimidade com Deus, é: **saiba com clareza quais são suas crenças**. Sua relação com Deus precisa de um fundamento sólido onde se apoiar e a pergunta é: no que você acredita em relação a ele e a esse relacionamento? Quem pretende ter uma relação íntima com Deus precisa, primeiramente, resolver suas dúvidas a respeito dele (o que te salva, o que te põe na relação com ele, etc.) porque, se você acredita nele, não deve precisar de provas, mas, decidir ter fé.

E, para que sua fé funcione, você tem que estar bem resolvido quanto ao que crê a respeito dele. Pensando nessa questão, das crenças que fundamentam a fé, eu escrevi o livro *Verdades Fundamentais*^[8], que contém o básico da verdade, no intuito de te ajudar a construir suas crenças e dissipar da sua mente quaisquer dúvidas que possam existir na sua relação com Deus – porque não é possível se relacionar profundamente com ele se ainda tiver dúvidas a seu respeito.

Tem gente que diz: “eu sei que Deus me ama, mas...” ou “eu confio em Deus, mas...” Esse ‘mas’ indica que você não tem certeza, porque a certeza não tem ‘mas’. Caso haja incerteza, então, vá resolver suas crenças, porque tem algo errado com a sua fé. Eu sei que o meu Redentor vive, sei em quem tenho crido e que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, que são chamados pelo seu decreto ou pelo seu propósito. Qualquer coisa

além disso indica dúvida e a dúvida bloqueia o relacionamento com Deus.

Na relação homem e mulher, podemos aplicar essa primeira postura prática da seguinte forma: ambos precisam saber o que querem, de fato. As pessoas podem se casar e, mesmo assim, não saberem o que ou onde querem chegar – se realmente amam um ao outro ou o esperam desse relacionamento. Mal comparando, é como um casal, que sai para jantar e não sabe para onde vão, porque nenhum dos dois decidiu o que quer comer. Em casos dessa natureza, não vai haver intimidade, porque esta nasce de princípios bem estabelecidos, de uma aliança. Trata-se de uma postura totalmente objetiva – ambos precisam saber exatamente o que esperam da vida a dois e do relacionamento, precisam colocar as suas questões um para o outro e se comprometerem em fazer a coisa funcionar.

Ou seja, será preciso fazer uma aliança que, por sua vez, só existirá e funcionará quando ambas as partes estiverem cientes da sua função, no intuito de fazer essa aliança dar certo, sabendo o que outro representa na sua vida e sendo fiel a isso, ou seja, é preciso comprometimento com a aliança. Para ter intimidade com Deus, a primeira postura prática é saber, com certeza, quais são suas crenças em relação a ele.

A **segunda postura prática** é aprender a **separar o que você sente daquilo que acredita**, resolvendo suas emoções. Muitas vezes, o que você crê vai se chocar de frente com o que estará sentindo num dado momento. Por exemplo, você tem certeza do que crê a respeito de Deus, mas, pecou e está sentindo culpa e vergonha, frustração e decepção – esse conjunto de emoções venenosas vai te levar a questionar as suas crenças e, nessa hora, você terá que ser capaz de separar suas emoções daquilo em que acredita, perguntando-se: essas emoções cabem no meu conjunto de crenças? Elas estão de acordo com o que eu creio? Caso elas não se encaixem no seu conjunto de crenças, você terá que resolver suas emoções num outro ambiente, pois, suas crenças pertencem ao ambiente da fé e suas emoções pertencem ao ambiente emocional – uma coisa não se mistura com a outra, de modo que você precisa resolver suas emoções dentro do ambiente emocional e preservar suas crenças, inabaladas e preservadas, dentro do ambiente da fé. É preciso resolver cada coisa no seu ambiente próprio e não levar a fé para o ambiente das emoções e, nem, as emoções para o ambiente da fé – emoção deve ser

resolvida como emoção e crença tem que ser resolvida como crença. Quando as duas se confundem, as bases da intimidade correm risco de ruir.

A **terceira postura prática**, na busca de intimidade com Deus, é: **praticar fisioterapia comportamental com propósito definido**. E por que isso é tão importante? Porque, por exemplo, sua alma pode ser pirracenta, do tipo que faz pirraça e dá chique toda vez que Deus não te dá o que você quer. Nesse caso, você, que conhece a dita-cuja, já sabe que ela tende a dar *show*, ficar de mal com Deus e se magoar, querendo encostar Deus na parede e brigar com ele. E isso é mais comum do que você pensa. Atendo pessoas que me falam coisas do tipo: “encostei Deus na parede e dei um ultimato nele, então, estamos de mal”. Nesses casos, fico pensando em quem, afinal, é o Deus dessa história...

Nesse momento, você pode estar identificando esse tipo de infantilidade na sua alma e, antes que fique mal com isso, preciso te explicar uma coisa: esses comportamentos infantilizados são fruto de uma musculatura emocional atrofiada. Então, se você descobriu que tem uma musculatura emocional atrofiada, não leve para o lado pessoal – vamos trabalhar nela, fazendo fisioterapia comportamental para corrigir esse problema.

E como se faz isso? Caso tenha descoberto um padrão negativo, que precisa ser corrigido, você terá que andar no sentido contrário desse padrão, “na marra”, obrigando essa musculatura emocional a fazer, exatamente, o contrário do que sua alma gostaria que você fizesse. Quando você anda na contramão do seu padrão negativo, está fazendo fisioterapia, desenvolvendo a musculatura atrofiada.

Por exemplo, há pessoas que tem dificuldade de reconhecer erros e pedir perdão – porque sentem muita culpa e vergonha. Elas preferem esconder a culpa, ao invés de contar para alguém, então, precisa fazer fisioterapia comportamental e praticar o princípio de Tiago 5.16: *“Portanto, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados...”* O sistema dessa pessoa está tentando convencê-la de que é melhor ficar quietinha e calada, que ninguém pode saber o que ela fez, que seu erro deve ser guardado a sete chaves e ir para o túmulo com ela. Mas, eu te digo, meu filho, minha filha: se você decidir levar determinados segredos para o túmulo, provavelmente os três irão parar no inferno – você, o segredo

e o tumulto! Essa é uma péssima ideia – é melhor andar na contramão dessa tendência e abrir o coração para alguém de confiança.

E esse princípio não vale somente para a questão do pecado, mas, para todo padrão emocional e comportamental que te afasta de Deus – precisa ser tratado através de condicionamento, fisioterapia, fazer o contrário do que a alma quer fazer. Por exemplo, você pode dizer que não consegue gastar tempo na presença de Deus, lendo a bíblia e orando. O que fazer? Praticar, andar na contramão da vontade da sua alma. “Mas, pastor, eu não consigo adorar a Deus se não estiver emocionado; primeiro, eu preciso me emocionar para, então, adorar a Deus”. O que fazer? Pratique, forçando seu sistema a fazer o que você acredita e não se obrigue a aceitar o que a sua alma sente. Adorar a Deus é adorar a Deus, não tem a ver com emoção – vai lá e pratica, adora mesmo sem querer. Obriga sua alma a fazer o que é certo.

A quarta postura prática, na busca dessa intimidade, é: **invista tempo no relacionamento com Deus, propositalmente**. Planejar a intimidade é a única forma de fazê-la funcionar, porque você terá um tempo especialmente separado para estar com ele, com dia e hora marcados. Quem não pratica isso, tem um problema, porque se torna refém das suas emoções e, quando estiver emocionado ou bem disposto, essa emoção ou disposição vai impulsioná-lo e obrigá-lo a encontrar tempo para se relacionar com Deus, porém, quando não houver emoção envolvida, você vai esquecer e negligenciar esse relacionamento. A grande questão aqui não é *investir tempo*, mas, fazer isso *de propósito* – é fazer porque *quer* fazer, independente do que está sentindo. Então, se não estou sentindo vontade de fazer, vou fazer mesmo sem vontade, porque eu acredito que é o certo a fazer.

A quinta postura é fazer um esforço planejado para entender o outro, não desistir do outro – e isso vele muito para o relacionamento conjugal, mas, vale ainda mais para o relacionamento com Deus, porque Deus não tem interesse nenhum em se explicar para nós e, sim, em se revelar a nós. Sabe por que ele não tem interesse em se explicar? Porque o nosso relacionamento com ele tem que ser, necessariamente, uma relação de fé.

Para nos relacionarmos com Deus, precisamos decidir confiar nele e decisão não tem a ver com sentimentos. Por isso, Deus não fará qualquer esforço para nos convencer a confiar nele, mas, sempre se revelará a nós, nos dando

uma escolha: confiar nele ou não. Isso significa que é muito importante que você avalie a sua relação com Deus e decida se esforçar para encaixar nela o que ele te der, de modo que o que Deus esteja te mostrando seja suficiente para você.

Quando Tomé disse que não acreditaria em Jesus, a menos que tocasse em suas chagas e na ferida feita pela lança dos soldados romanos, Jesus apareceu para ele e disse: “está aqui, pode tocar e seja crente, não seja incrédulo – e saiba de uma coisa: bem-aventurados aqueles que não viram e creram”. Aqueles que viram e creram não são bem-aventurados. Porque isso não é fé, é constatação de um fato. Deus está nos chamando para uma relação onde a fé é o centro da comunicação, um relacionamento onde confiamos nele porque decidimos confiar e, não, porque temos alguma prova. Essa quinta postura nos desafia a fazer um esforço proposital para entender Deus, dentro daquilo que ele nos revelou, ou seja, essa postura te desafia a não desistir de Deus e tomar uma postura, em seu coração, de se esforçar para entender e confiar nele, porque ele é o seu Deus e ponto final.

Muitos anos atrás, assisti a um filme e uma das cenas me fez chorar porque deixou clara para mim a ideia por trás da fé. O filme relatava a vida de uma jovem que nasceu já tendo um relacionamento especial com Deus. Ela tinha uma missão para realizar na vida e Satanás a tentaria para que se desviasse e não conseguisse cumpri-la. Então, ele criava situações para fazê-la deixar de confiar em Deus e, numa dessas cenas, aquela jovem estava cuidando de um mendigo na rua e Satanás apareceu, derramou gasolina sobre o mendigo, até que estivesse totalmente molhado, e ficou segurando um fósforo aceso. Seu argumento era que, se Deus existisse mesmo, salvaria aquele pobre homem; ele disse que colocaria fogo no mendigo e Deus não faria nada: “onde está o seu Deus agora?” Então, ela, simplesmente, ignorou Satanás, correu, abraçou o mendigo e cochichou em seu ouvido: “ele não desistiu de você...”

Depois, ela se afastou e observou o mendigo ser incendiado. E, enquanto eu assistia aquela cena, que me fez chorar, minha mente me dizia: isso é fé – o que está diante dos meus olhos não vai me convencer a duvidar de Deus, porque eu decidi acreditar e o que eu sei sobre Deus é o que me convence. Meus olhos e minhas sensações podem me enganar, mas, meu conjunto de crenças está firmemente alicerçado na rocha.

Essa quinta postura nos convida a fazer muito esforço, de propósito, para entender Deus, mas, acima de tudo para não desistir dele: eu não desisto dele, mesmo não entendendo nada; eu não consigo entender o que ele está fazendo, para que lado ele está indo, mas, eu não desisto dele, porque temos uma aliança e, seja lá o que ele estiver fazendo, para mim, tá resolvido: eu vou servi-lo e, se tiver que morrer, eu vou morrer acreditando; vou morrer crendo que ele sabe o que está fazendo.

Eu não tenho que entender o que ele está fazendo, eu tenho que entender quem ele é e, a partir daí, não importará o que eu estiver vendo, pois, já sabendo quem ele é, o que eu estiver vendo não fará nenhuma diferença. A nossa natureza humana foi treinada para esperar a decepção e, quando vemos alguém em quem confiamos cometer um erro, em geral, nos apressamos em aceitar o erro, tendemos a nos magoar e nos frustrar, dizendo: “eu não conheço essa pessoa, ela me enganou a vida inteira, porque eu achava que ela era uma pessoa boa e ela me decepcionou”.

E, quantas vezes nós nos magoamos e a outros porque descobrimos que todo o nosso julgamento e malícia estavam errados... Na relação com Deus, isso é muito mais profundo e prejudicial, porque o ser humano pode, mesmo, nos decepcionar. Então, quando eu penso que alguém me decepcionou, existe uma chance muito grande de estar certo na minha leitura dos fatos e, quando eu estiver errado nessa leitura, isso será apenas uma exceção à regra. Mas, Deus nunca erra, então, na minha relação com ele, toda vez que parecer que ele está errando, o problema estará na minha interpretação.

Estou te desafiando a tomar uma postura de decidir olhar para Deus através do que você sabe dele e, não, pelo o que suas emoções ou as circunstâncias estão te dizendo que está acontecendo agora. Porque você conhece Deus, sabe o que ele faria e sabe que tem coisas que ele, simplesmente, não faria. De modo que, se ele não faria tal coisa, por que está fazendo? Não, ele não está fazendo, ele é bom, então, faça um esforço para entender ele, esforce-se para ficar firme nele, para não abrir mão dele. Você, simplesmente, não está entendendo o que ele está fazendo, mas, decida confiar que ele sabe o que faz.

A nossa **sexta postura** é: **escute o coração de Deus, de propósito**, mesmo que você não entenda o que ele está falando naquele momento. Sabe, há um

relato bíblico, sobre Maria, a mãe de Jesus, dizendo que, quando Deus lhe entregava revelações a respeito de Jesus, ela as guardava em seu coração – e, quando o texto diz que “ela guardava em seu coração”, está implícito que ela não estava entendendo nada do que tudo aquilo significava, mas, sabia que era importante. Ela não estava entendendo, não, porque ele não tivesse explicado corretamente ou revelado por completo, mas, porque ela não estava pronta para entender aquilo, então, ela guardava em seu coração, para entender quando fosse o tempo certo.

No relacionamento humano, também é muito importante escutar o outro, mesmo sem entender o que ele está dizendo, e levar a sério a sua tentativa de se mostrar, de ser íntimo. Contudo, na relação com Deus, isso é infinitamente mais importante – escutar o que Deus diz para e sobre você, sem julgamento. Muitas pessoas não escutam Deus, de fato. Elas não escutam com o coração humilde, mas, já preparadas para desdizer o que Deus disse, pois, enquanto estão ouvindo Deus falar, começam a planejar uma resposta em sua mente.

É preciso ouvir Deus com o coração em paz, aquietado e sereno, deixando que ele, simplesmente, fale – porque ele quer falar, mas, precisamos estar com o coração preparado para ouvir e aceitar o que ele diz, mesmo que não entendamos ou não concordemos. Porque eu posso não estar entendendo agora, mas, vou entender depois, quando for a hora de entender. Então, vou guardar as palavras dele no meu coração e esperar o momento oportuno de discernir tudo o que ele me disse.

Após entender isso, a **sétima e última postura é: separe momentos com Deus para ter intimidade usando a imaginação.** Estamos falando de intimidade, quando você pratica posturas específicas, para fazer a intimidade acontecer – e já entendemos que intimidade é quando eu permito que o outro entre nos meus limites, nos meus lugares íntimos e que veja minha nudez. Para que isso aconteça, eu preciso ter experiências com Deus, onde ele e eu vamos conviver e nos relacionar num ambiente de imaginação. Porque Deus não tem corpo físico e se relaciona conosco através da nossa fé, assim, preciso tomar as posturas que nos permitirão estar juntos.

Eu preciso ir com Deus para além do ambiente religioso, ritualístico e comunitário – que eu sei que é muito importante, porque é o lugar que me

fala da grandeza e da soberania de Deus, colocando-o no pedestal que lhe é devido. Contudo, para ter intimidade, eu preciso sair desse ambiente e poder ir com Deus para um lugar só nosso – sentar na grama, contemplar o lago, a floresta, onde eu possa contemplar a natureza, olhar para o infinito e conversar com ele, como um pai e seu filho devem conversar, de amigo para amigo.

Lembro-me de uma época da minha vida em que eu tinha dificuldade de me relacionar com o Pai. Então, eu me relacionava com meu grande amigo, Jesus, de modo que, os meus momentos de devoção, de dobrar os joelhos, colocar a boca no pó, levantar as mãos e adorar – esses momentos eram com o Pai. Porém, os meus momentos de sentar e conversar, sentar na grama, à beira do lago ou de me deitar na cama e imaginar que a minha cabeça no travesseiro estava, na verdade, no colo de Deus – esses momentos mais informais e íntimos, eu só tinha com Jesus.

O Pai era alguém distante para mim porque, no meu lar de origem, minha alma criou uma distância muito grande entre mim e meu pai e nós não tínhamos intimidade. Por causa disso, eu não conseguia levar a intimidade para meu relacionamento com o Pai.

Porém, assim como fui crescendo e evoluindo no meu relacionamento com meu pai, também evolui na minha relação com Deus e, hoje, consigo ter o mesmo nível de intimidade com Jesus e com o Pai. Jesus é meu irmão mais velho, meu melhor amigo, meu exemplo maior, quero ser igual a ele a todo custo e consigo ser íntimo dele porque foi ele que me conquistou, me amou primeiro e me trouxe para perto; ele me fez, me fascinou e me deixou apaixonado.

Mas, agora, consigo me sentir da mesma forma em relação ao Pai, porque Jesus me fez conhecer o Pai, me mostrou o Pai, que não era aquilo que eu imaginava dele. E também consigo me relacionar do mesmo modo com o Espírito Santo, que é amigo e guia, meu *parakletos* – aquele que me dá direção clara e objetiva.

E eu consigo ter esse nível de intimidade com os três, mas, mesmo que você só consiga ter com um deles, não importa, o importante é que você vá além, que separe um tempo para ir além da relação religiosa e, quando falo da

relação religiosa, não é com uma conotação negativa – estou falando da relação coletiva oficial que temos com Deus.

É importante que você vá além disso e leve Deus para dentro da sua vida diária e da sua intimidade, através da imaginação. Sabe, aquele momento em que está dirigindo para o trabalho e imagina Jesus sentado no banco do carona, enquanto você dirige, sozinho? Então, vocês dois conversam como grandes amigos que são – você abre o coração para ele, fala de como se sente, como tem sido a vida e para onde está indo.

Essa intimidade precisa ser construída e cativada, de forma objetiva e proposital. Isso é muitíssimo importante e só pode ser feito através da imaginação. Sua mente racional e suas emoções vão dizer que é loucura, que não está acontecendo e, aí, para que a sua fé funcione, você vai precisar do reforço da imaginação e, na medida em que praticar, essa habilidade vai se desenvolver.

O plano divino de chegar a ser uma só carne conosco só vai dar certo se eu resolver minhas crenças, minhas emoções e tomar uma postura comportamental de propósito, que me levem, intencionalmente, para a intimidade com Deus.

Capítulo 14

O Exemplo de Enoque

Todo o conceito de intimidade com Deus, que temos trabalhado até aqui, é muito subjetivo para a mente humana, o que faz com que a maioria de nós prefira manter o relacionamento com Deus na superficialidade, ou seja, sem compromisso. Na verdade, a maioria dos seres humanos se relaciona baseando-se em emoções passageiras – e esse é o motivo de haver tanta promiscuidade nas relações humanas.

E não estou falando de promiscuidade no sentido sexual, apenas, mas, me refiro ao fato que, nos tempos atuais, a aliança entre humanos dura enquanto o jogo de interesses continuar atendendo às expectativas, ou seja, não há comprometimento real com uma aliança e, sim, uma tendência a relacionamentos sem compromisso e interesseiros – é isso o que configura a promiscuidade nos relacionamentos.

Porém, temos aprendido que fomos criados para a intimidade e, nesse capítulo, quero falar de um personagem bíblico que, nesse quesito, supera todos os demais, retratando a essência da intimidade: Enoque. E quero te convidar a ler o texto de Gênesis 5.1-24 comigo:

“Este é o registro da descendência de Adão: Quando Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez; homem e mulher os criou. Quando foram criados, ele os abençoou e os chamou Homem. Aos 130 anos, Adão gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem; e deu-lhe o nome de Sete. Depois que gerou Sete, Adão viveu 800 anos e gerou outros filhos e filhas. Viveu ao todo 930 anos e morreu. Aos 105 anos, Sete gerou Enos. Depois que gerou Enos, Sete viveu 807 anos e gerou outros filhos e filhas. Viveu ao todo 912 anos e morreu. Aos 90 anos, Enos gerou Cainã. Depois que gerou Cainã, Enos viveu 815 anos e gerou outros filhos e filhas. Viveu ao todo 905 anos e morreu. Aos 70 anos, Cainã gerou Maalaleel. Depois que gerou Maalaleel, Cainã viveu 840 anos e gerou outros filhos e filhas. Viveu ao todo 910 anos e morreu. Aos 65 anos, Maalaleel gerou Jared. Depois que gerou Jared, Maalaleel viveu 830 anos e gerou outros filhos e

filhas. Viveu ao todo 895 anos e morreu. Aos 162 anos, Jared gerou Enoque. Depois que gerou Enoque, Jared viveu 800 anos e gerou outros filhos e filhas. Viveu ao todo 962 anos e morreu. Aos 65 anos, Enoque gerou Matusalém. Depois que gerou Matusalém, Enoque andou com Deus 300 anos e gerou outros filhos e filhas. Viveu ao todo 365 anos. Enoque andou com Deus; e já não foi encontrado, pois Deus o havia arrebatado.”

O texto está na versão NVI, mas, também gostaria de ler esse mesmo texto na versão NVT porque, enquanto a versão NVI é mais clara e objetiva, a versão NVT é mais poética e eu quero te mostrar um pouco da poesia desse texto, especialmente nos versículos 21-24: ***“Aos 65 anos, Enoque gerou Matusalém. Depois do nascimento de Matusalém, Enoque viveu em comunhão com Deus por mais 300 anos e teve outros filhos e filhas. Enoque viveu 365 anos, andando em comunhão com Deus até que, um dia, desapareceu, porque Deus o levou para junto de si”***. Toda a ideia de intimidade implica em alguém que quer estar junto de outro alguém e já falamos disso, nos capítulos anteriores, então, não vou me repetir. O que pretendo, agora, é te ajudar a entender essa ideia de como chegar cada vez mais perto de Deus. E, dentro desse tema, o texto é inusitado porque se trata de uma genealogia. Vemos o contexto de andar com Deus evidente na primeira lista genealógica do livro de Gênesis – e isso é muito inesperado, porque genealogias parecem não combinar muito com intimidade. E algo ainda mais curioso é que essa lista suplanta a genealogia de Adão, ou seja, a genealogia de Enoque aparece primeiro na Bíblia e, no fim das contas, nem nos dá grandes referências a respeito desse personagem.

E devo te avisar que não vou entrar na polêmica sobre o livro de Enoque ser canônico ou não, mas, aviso que, de Gênesis a Apocalipse, quase nada é dito a respeito desse homem de Deus. Inclusive o próprio livro de Enoque não nos oferece muitas informações sobre ele e, de fato, o livro inteiro é quase todo composto pelas visões e revelações que ele recebeu. Quanto a isso, aviso aos que se aventurarem a ler o livro de Enoque que, antes de ler, é preciso orar ao Senhor, o Deus de Abraão, para ter discernimento, pois, ele descreve visões fantásticas, com figuras difíceis de interpretar, o que, na verdade, justifica a grande polêmica em torno desse livro.

Então, se você estiver pensando que vou responder à questão sobre esse livro

ser ou não canônico, esqueça, pois nem acho que precisamos responder a essa pergunta aqui, considerando que não vamos meditar ou estudar o livro de Enoque, mas, sim, pensar nesse personagem, em como ele é apresentado na Bíblia, oficialmente reconhecida como canônica por todos os evangélicos. Além disso, vamos olhar para esses relatos bíblicos com muito cuidado e atenção, porque temos pouquíssimo conteúdo para extrair deles.

Para começar, pense em Enoque como uma metáfora do tema intimidade com Deus, que estamos abordando em todo esse conteúdo. Podemos pensar que abraçar, falar a verdade e dividir a vida com alguém é ter intimidade, no entanto, um certo grupo de pessoas podem fazer tudo isso e conviver por décadas sem ter muita intimidade real umas com as outras. Isso é fácil de entender, quando pensamos que não há uma receita infalível para se construir a intimidade e que a intimidade pode ser forjada e encenada, conforme veremos mais claramente no próximo tópico.

A oração do hipócrita x a verdadeira intimidade

Ao longo desse livro, temos visto o que fazer ou não fazer, quando queremos construir intimidade com alguém. Porém, mesmo que façamos todo o possível e da melhor forma possível, a verdadeira intimidade ainda pode não acontecer. Era disso o que Jesus estava falando, quando disse para não orarmos como os hipócritas, em Mateus 6 – porque os hipócritas gostam de orar nas praças, para serem vistos pelos homens.

“E quando vocês orarem, não sejam como os hipócritas. Eles gostam de ficar orando em pé nas sinagogas e nas esquinas, a fim de serem vistos pelos outros. Eu lhes asseguro que eles já receberam sua plena recompensa. Mas quando você for orar, vá para seu quarto, feche a porta e ore a seu Pai, que está no secreto. Então seu Pai, que vê no secreto, o recompensará”. Mateus 6.5, 6 – NVI, grifo meu

Esse tema, sobre a oração dos hipócritas ser o tipo de oração que os hipócritas praticam, eu trabalho mais profundamente no meu livro, *Aprendendo a Orar de Verdade*^[9], então, caso você queira se aprofundar nesse assunto, eu recomendo muito esse livro. Porque, aqui, não vamos entrar nesse mérito, mas, vamos relacionar a qualidade da oração com o nível de

intimidade que podemos alcançar.

Mas, o que é a oração do hipócrita? Não é, exatamente, a oração que é feita nas praças ou em locais públicos, em que somos vistos, porque, na verdade, podemos orar fervorosamente em público e, nem por isso, sermos hipócritas. O que de fato define se a oração é do hipócrita ou não é a atitude e a motivação interior de quem ora – a oração do hipócrita é estabelecida em orar para ser visto.

E, como não me é possível saber o que há no coração das pessoas, também não tenho como julgar a oração que vejo essas pessoas fazerem – eu só posso julgar a oração que eu mesmo faço. Eu vou me perguntar: por que estou fazendo isso e por que estou fazendo dessa forma? Quando oro com a motivação certa, isso conta pontos na minha relação de intimidade com o divino. Ao contrário, quando oro pelos motivos errados, isso inviabiliza a minha intimidade com Deus.

Muita gente entendeu errado esse texto porque ignorou o contexto. Algumas dessas pessoas, que ignoraram o contexto do que Jesus fala aqui, entenderam que Deus não aceita a oração que não seja feita em secreto, o que não é verdade, porque Jesus e seus discípulos oravam publicamente. Aliás, todos os personagens bíblicos oravam publicamente, até mesmo, por meio de orações que são verdadeiras poesias.

Então, a ideia de secreto tem que, necessariamente, ter uma ligação com o contexto e este nos revela que, se quisermos testar se a nossa oração é ou não hipocrisia, devemos pegar essa oração pública e levá-la para o secreto – se você fizer essa oração em secreto com a mesma força, fé e entusiasmo com que a faz em público, então, essa oração é aprovada e aceita por Deus. E por que precisa ser no secreto? Porque, no secreto, não há pessoas para nos ouvir, elogiar ou admirar, então, esse teste é um meio eficaz para sabermos se a nossa oração está sendo feita com a atitude correta ou se estamos orando para conquistar a aprovação dos outros.

Lembro de uma vez em que fiz uma oração pública, declarando: “O Senhor é o meu Deus e se o Senhor me mandar para o inferno, eu vou te adorar lá também”. Depois disso, quando cheguei em casa, fui para o quarto, fechei a porta e falei: “Deus, eu tenho que te falar isso aqui no secreto também, sem ninguém saber, porque preciso deixar claro e consolidar o que eu disse lá, em

público”. E pensei: “agora, sim, está valendo”. Porque intimidade não tem comprovação pública, então, tudo o que é dito a respeito de intimidade, seja na relação com Deus ou com outro ser humano, pode ser falsificado. Então, se eu quiser mesmo construir intimidade, preciso romper com a hipocrisia e com o conjunto de enganos que possam operar na minha alma e decidir ter intimidade.

Sabendo disso, a primeira coisa que podemos notar, na intimidade de Enoque com Deus, é que não há muito o que notar sobre isso – porque é algo que Enoque viveu de modo íntimo e particular, no secreto. E, sim, intimidade é algo estudado e aprendido (porque não nascemos sabendo ter intimidade), mas, principalmente, é algo vivido e praticado, de modo que, no fim das contas, só você sabe se realmente tem e quem está de fora não pode julgar isso. Então, como saber se a nossa intimidade é real ou é hipocrisia? Passando o relacionamento pelo teste de Jesus: você tranca o quarto, não deixa ninguém saber o que está fazendo lá e ora – se o seu comportamento com Deus, no secreto, for o mesmo do que manifesta em público, então, a intimidade é real.

E vou te contar uma história sobre isso. Conheci uma irmã que, antes de entrar no quarto para orar, reunia as crianças e lhes dizia: “a mãe vai orar e não quer ser interrompida, então, quando as irmãs do grupo de oração passarem e perguntarem por mim, vocês vão dizer que não posso atender, porque estou no quarto, orando”.

Bem, nesse caso, a oração era feita em secreto, mas, não era segredo para ninguém, pois, ela usava o secreto para se promover. E estou te contando isso para que perceba o quanto a nossa alma pode nos enganar sobre isso – intimidade com Deus é algo que você resolve por dentro, é entre você e ele, entre você e o outro; algo que ninguém pode comprovar, porque só você e ele sabem.

Voltando a Enoque, é por causa disso que não temos muita coisa escrita sobre ele – porque Enoque vivia sua intimidade com Deus em secreto, sem anunciar aos quatro ventos. Enoque apenas viveu com Deus. Ponto final. Trata-se de um personagem importante para o nosso tema e deveria ter livros inteiros escritos sobre ele, mas, não tem – porque a principal marca de Enoque era a intimidade e intimidade é algo que não é alardeado em cima dos

muros e dos telhados – não é algo revelado claramente, pois, o que é mostrado pode ser distorcido, ou melhor, pode ser pura hipocrisia. Então, **a primeira coisa que aprendemos com Enoque sobre a intimidade na prática é que ela é algo construído em secreto.**

Dedicando-se a Deus

Outra coisa importante a respeito de Enoque é o significado do seu nome: *dedicado*. Para que haja intimidade, é preciso que você se dedique – intimidade, com Deus ou outra pessoa, é algo construído através de um processo, mediante dedicação. Intimidade não nasce no pomar ou na horta, ela é construída com muita dedicação. A bíblia conta que Enoque investiu nesse processo por trezentos anos! Quando o texto nos conta isso, evidenciando a importância do tempo na construção da intimidade, eu confesso que sinto muita inveja de Enoque porque, se tudo der certo para mim e se Jesus não voltar antes de eu morrer, terei apenas mais uns trinta anos para andar com Deus e Enoque teve trezentos anos para fazer isso!

Em se tratando de intimidade, o tempo, realmente, faz toda a diferença. Quando conhecemos alguém antes da conversão e a reencontramos uns cinco anos depois, percebemos que ela mudou bastante e nem parece mais a mesma pessoa, então, pense em alguém que andou com Deus por trezentos anos! Trezentos anos se resolvendo emocionalmente, fazendo alto investimento no crescimento pessoal e em dedicação a construir comunhão com Deus...

Eu não terei trezentos anos para andar com Deus, mas, lá no fundo do meu coração, eu penso que, se eu tivesse mais trezentos anos à frente, também conseguiria “chegar lá”, onde Enoque chegou.

E estou te contando isso para que perceba que intimidade não surge da noite para o dia – ela é construída ao longo do tempo, é processual. É importante entender isso porque tem gente que ama Jesus, ama a Deus, se converteu de verdade, que é sincero em sua devoção, mas, está sofrendo de uma crise existencial profunda porque percebeu que tem gente que tem mais intimidade com Deus do que ele. Mas, intimidade não pode ser medida ou comprovada, então, você não sabe ao certo se o que está vendo acontecer na vida do outro

é, realmente, intimidade. E, se for, é provável que essa pessoa já esteja caminhando com Deus há bem mais tempo que você, pois, o tempo é muito determinante no desenvolvimento da intimidade.

Assim sendo, se você quer ter mais intimidade com Deus, faça planos nesse sentido. Programe-se para os próximos anos, invista nisso porque a intimidade verdadeira é construída na medida em que andamos com Deus – Enoque andou trezentos anos com Deus, mas, eu tenho algo a dizer sobre isso... Da minha parte, creio que ele teve um encontro com Deus aos dez anos de idade e que, quando completou trezentos se sessenta e cinco anos de idade, estava andando com Deus há uns trezentos e cinquenta e cinco anos.

O texto fala em trezentos anos, mas, esse tempo foi contado a partir do nascimento do primeiro filho dele, já que o padrão dessa genealogia é de contar a vida do indivíduo antes e depois do primogênito. Então, não é dito nada sobre Enoque ter andado com Deus antes do nascimento de seu primogênito, mas apenas que ele andou com Deus depois do seu primogênito nascer. Já que o texto bíblico não diz o que aconteceu nos primeiros 65 anos da vida de Enoque eu prefiro crer que ela estava andando com Deus nessa primeira fase de sua vida também.

Isso me ensina que o processo de construção da minha intimidade com Deus não precisa interromper as atividades normais da minha vida. Enoque estava construindo uma intimidade cada vez mais profunda com Deus e, enquanto isso, levava uma vida normal – plantando e colhendo, negociando, tendo filhos e vivendo seus dias. E eu sei que existe uma mentalidade ermitã no meio cristão, tentando nos fazer acreditar que, se quisermos viver bem com Deus, teremos que abandonar tudo, ir para o deserto ou para a clausura. Mas, isso não é verdade. O que fica muito claro, quando lemos a história de Enoque, é que ele foi construindo sua intimidade com Deus enquanto vivia sua vida. A verdade é que ele priorizava seu relacionamento com Deus enquanto cuidava das urgências e demandas da vida, naturalmente. Ele não parou de viver, de trabalhar, de se relacionar com sua esposa, nem de gerar filhos e cuidar da família, mas, deu a Deus um lugar de destaque dentro dessa rotina de vida.

Aliás, quando Jesus disse “*ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura*”,^[10] no original grego, o verbo está no gerúndio. Não percebemos

isso porque a tradução para o português nos tira essa possibilidade, mas, a ideia não é “vá até lá e pregue o evangelho” e, sim, “pregue o evangelho enquanto está indo até lá”. Não é ‘ide’, é ‘indo’ – enquanto vive sua vida, cuida da sua família, do seu trabalho e faz a vida funcionar, pregue o evangelho. Não é nada do tipo “saia daqui, do ponto A, vá para o ponto B e, quando chegar lá, então, pregue o evangelho”; a ideia é “pregue o evangelho enquanto faz a vida funcionar”. Sua relação com o divino faz parte da vida e vice-versa.

É isso o que acontece na vida de Enoque: ele andou trezentos anos com Deus, enquanto gerava filhos e filhas. O significado de seu nome, o *dedicado*, implica em que ele levava a vida normalmente e que, enquanto isso, dedicava atenção especial à sua intimidade com Deus. Assim sendo, se você for dedicado, como Enoque foi, daqui a cinco anos, terá mais intimidade com Deus do que tem hoje e, se continuar se dedicando, essa intimidade será ainda maior e mais profunda daqui a dez anos e, assim, sucessivamente.

Tenho um desafio para você, nesse sentido: que tal parar de se preocupar com a intimidade que os outros tem com Deus, que você não pode julgar ou provar que é de verdade, e começar a se preocupar com a intimidade que você mesmo tem com Deus? Prepare-se para investir consciente, insistente, progressiva e continuamente por, pelo menos, trezentos anos, no intuito desenvolver uma intimidade verdadeira com Deus. Você poderá dizer: “mas, pastor, eu estou investindo e me dedicando muito, mas, não consigo ver resultados”. Bem, você já andou trezentos anos com Deus? Ainda não? Então, continue, não desista. Porque Enoque andou trezentos anos com Deus e o resultado de todo aquele tempo de dedicação foi que, aos poucos, ele criou com Deus um elo inquebrável, uma ligação tão profunda e próxima que, um dia, bem diante de seus discípulos, Enoque desapareceu – e seus pupilos receberam uma revelação de que ele havia sido arrebatado. Ainda que não tenhamos trezentos anos de vida pela frente, não podemos desistir – alcançaremos o que nos couber, pelo tempo que ainda tivermos para viver. Então, **a segunda coisa que aprendemos com esse texto, sobre a prática da intimidade, é que ela requer tempo de dedicação.**

Agradáveis a Deus

Eu disse que não há muito na Bíblia sobre Enoque, mas, há um texto que confirma a ideia de se dedicar para a intimidade com Deus, em Hebreus 11.5, 6 - NVI: ***“Pela fé Enoque foi arrebatado, de modo que não experimentou a morte; ‘ele já não foi encontrado porque Deus o havia arrebatado’, pois antes de ser arrebatado recebeu testemunho de que tinha agradado a Deus. Sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam.”***

O que esse texto acrescenta, à revelação inicial de Enoque, no livro de Gênesis, é que ele agradou a Deus pela fé e, aqui, surge mais um ingrediente, nessa receita para a intimidade: **agradar a Deus gera intimidade** – na verdade, a receita para agradar é a receita da intimidade. E ela vale para a relação com o divino, mas, também, com o humano, construindo a ideia de que devemos renunciar a ser agradado e escolher agradar.

As relações humanas estão extremamente superficiais porque está na moda ser egoísta; as pessoas dizem “eu te amo”, porém, quando procuramos a essência desse amor, a encontramos em: “eu amo fulano porque ele faz tudo o que eu gosto; ele me faz tão bem!”.

Portanto, a maioria absoluta das declarações de amor que eu ouço é egoísta, no sentido de: “eu te amo porque você me traz uma vantagem”. Há um problema com esse tipo de ‘amor’ que é, “quando eu não estiver bem com você, tchau!”. Nas relações amorosas de hoje em dia, tão superficiais e egocêntricas, fica implícito que, no dia em que eu não estiver bem com você, vou te trocar por outra pessoa, que me faça bem e me deixe feliz, ou seja, se você me fizer mal um dia, eu paro de te amar.

Nas relações de amor, as declarações estão recheadas de egoísmo: “eu te amo porque não consigo viver sem você” – ou seja, se eu conseguisse viver sem você, não te amaria; “eu te amo porque você me faz muito bem” – ou seja, esteja ameaçado: se um dia você me fizer mal, eu paro de te amar. Contudo, o texto bíblico diz que a intimidade de Enoque com Deus era testemunhada publicamente – todo mundo olhava para Enoque e via que Deus se agradava dele. E me deixe te mostrar isso, dentro das relações humanas, porque fica mais fácil de entender.

Nas relações humanas, funciona assim: quando você ama alguém o bastante para agradar e cuidar dessa pessoa, sem esperar nada em troca – porque você só quer o bem dela – em geral, você desperta nela o desejo de fazer o mesmo a você. O nome disso é *reciprocidade* e, registre isso: quando você faz o bem a essa pessoa só pensando nessa reciprocidade, já não é sem esperar nada em troca. Nesse caso, cedo ou tarde, você vai manifestar alguma cobrança, tipo: “nessa casa, tudo sou eu que tenho que resolver”, “sou sempre eu que tenho que pedir perdão” ou “eu é que tenho que consertar tudo”. Frases desse tipo revelam uma cobrança indireta. No caso de alguém que sempre tem que consertar tudo em casa, a situação é que você já se escolheu para essa tarefa e só é mesmo necessário um para consertar, então, está resolvido. Chega de lamentações, vamos trabalhar nesse casamento e melhorar isso.

Quando você foca em agradar o outro, sem interesse, só pelo prazer de agradá-lo, sem esperar algum retorno ou que sua atitude o incentive a fazer o mesmo por você, está gerando intimidade real entre vocês. Por isso, as chances do outro se sentir realmente motivado a agir da mesma forma em relação a você são muito grandes. Mas, eu preciso te dizer que o mundo emocional e espiritual sente as suas intenções. Então, fingir que não está esperando nada em troca não vai funcionar – você precisa nutrir a motivação certa, para que a reciprocidade aconteça.

Você dá conta de não receber nada em troca e, por isso, vai cuidar, amar e estar disposto até a morrer pelo outro, tão somente, porque quer fazer a vida dele ser uma versão melhor do que é hoje. No final das contas, você vai receber muito em troca e a intimidade vai ser gerada – quando você cuida do outro sem esperar nada em troca, a intimidade acontece e flui com naturalidade.

Vou levar essa ideia para o mundo da liderança. Um bom líder, do tipo que arrasta as pessoas consigo – gente comprometida e disposta a morrer pelo líder – é alguém que planta no coração do liderado o sentimento de que “se você precisar, eu morro por você”. John Maxwell, conhecido por seus livros sobre liderança, escreveu um livro do qual gosto muito, intitulado *As 21 leis irrefutáveis da liderança*.^[11] Embora ele tenha publicado vários títulos em português, esse é meu preferido, pois, os outros me parecem ampliações dos temas que ele tratou nesse livro. E um dos princípios que ele trabalha ali é

que, antes de pedirmos a ajuda de um liderado, devemos plantar no coração dele a ideia de que eu existo para servi-lo, para ser seu escravo e cuidar dele.

Quando o empresário vive seus relacionamentos de tal forma que seu funcionário entende que parte da razão da existência dessa empresa é o seu bem-estar, então aquele funcionário se sente parte. De modo que quando as coisas ficarem difíceis ele vai dizer: “chefe, eu sei que as coisas estão complicadas, então, nós vamos dar o sangue pela empresa, mesmo que você precise atrasar o nosso salário – vamos esperar, negociar e fazer o que for preciso para ajudar, porque você tem a nossa lealdade”. Ou seja, quem cuida do outro sem esperar nada em troca, ganha o outro e recebe muito mais do que esperava obter desse relacionamento.

Enoque agradou a Deus e essa era a maior prova de que ele queria ter intimidade. Deixe-me te contar o problema que os crentes estão tendo no seu relacionamento com Deus: eles estão se relacionando com Deus da mesma forma que estão se relacionando com os amigos, no namoro, no trabalho, dentro do casamento e nas relações em geral – de modo egoísta, cheio de jogos de interesses. Quando perguntados por que escolheram Yahweh como Deus, eles dizem: “porque ele é rico”, “porque ele é grande e poderoso”, “porque ele me enche de mimos”. Sim, ele é tudo isso e gosta de mimar seus filhos, mas, essa não deveria ser sua razão para o escolher e servir – você deveria escolhê-lo por quem ele é. O que conta é que você vai fazer qualquer negócio para agradá-lo e nunca vai condicionar o seu agradar a ele ao tipo de resposta que espera receber dele – qualquer coisa fora disso será apenas como a oração do hipócrita.

Aliás, considerando tudo o que temos visto até aqui, sobre intimidade, você precisa entender que toda vez que a sua relação com o divino estiver focada em jogos de interesses, Deus vai te soltar, para que seja testado pelas trevas. Essa é a história por trás do livro de Jó. Alguns pensam que quem atacou Jó foi Deus e que todo o sofrimento de Jó foi imposto por ele, mas, quem leu mesmo o livro, sabe que o nome de Satanás é repetido algumas vezes nos dois primeiros capítulos, deixando claro que foi Satanás quem atacou Jó. O próprio Satanás explica porque fez isso: para testar se a intimidade de Jó com Deus era real, se a fidelidade dele era verdadeira.

O argumento de Satanás foi que Jó só servia a Deus por causa de todas as

bênçãos que recebia dele e, então, disse algo do tipo: “eu tenho direito de questionar essa intimidade, para saber se ela é real ou não”. Satanás testou Jó várias vezes, até que ele tomou postura e abriu mão do jogo de interesses. Mas, ele só passou no teste após o ataque das trevas, então, essa relação com o divino precisa estar baseada em agradá-lo – estou me relacionando com ele para o propósito dele e, não, pelo o que ele vai me dar.

E, sim, se você já testou isso nos relacionamentos humanos, deve ter percebido que teve muito retorno, porque os relacionamentos mais sólidos e bem construídos são aqueles onde as pessoas estão focadas em cuidar do outro. O amor verdadeiro, que constrói profundidade e intimidade nos relacionamentos, é o tipo de amor que abre mão de si mesmo para cuidar do outro.

O egoísmo implantado na mentalidade da nossa geração não nos deixa pensar dessa forma e essa ideia altruísta de amor costuma dar até um nó na nossa cabeça, porque começamos a ter a sensação de “tudo eu, nessa casa”. “Pastor, você está falando sério? Está mesmo querendo dizer que vai ser tudo eu nessa casa, que está de bom tamanho e é o que tem para hoje?”. Bem, não vamos pensar nisso, vamos pensar na sua relação com Deus – porque esse tipo de renúncia é mais bem aceita quando falamos da nossa relação com Deus do que quando falamos da nossa relação com o outro humano. Na sua relação com Deus, Enoque foi tido por alguém que tinha intimidade real com Deus, porque o texto diz que, antes de ser arrebatado, ele recebeu o testemunho de que tinha agradado a Deus – o escritor aos hebreus está usando Enoque para falar de fé e dizer que, sem fé, é impossível agradar a Deus.

E fé é essa postura, que você toma com o divino ou com o humano; é essa decisão que você toma de acreditar no outro, mesmo que não tenha prova nenhuma de que vale a pena fazer isso. Por que você acredita nele? Porque eu quero. Mas, e se ele não for quem diz ser? Não importa, porque eu já resolvi: vou acreditar nele, eu quero arriscar. Agradar o outro implica em tomar postura de acreditar que ele é importante – eu quero acreditar nisso. Enoque agradou a Deus e sua intimidade estava sustentada em cima de “eu vou agradá-lo, porque eu decido ter essa intimidade”. **Portanto a terceira coisa que precisamos aprender, para a prática da intimidade, é que, para ser agradável ao outro, eu preciso decidir renunciar a ser agradado e**

escolher agradá-lo em primeiro lugar.

Comprometimento: o fruto da intimidade

E, por fim, dentro desse nosso tema, eu gostaria de trabalhar com você um último texto bíblico sobre Enoque, em Judas 1.14, 15 - NVI: ***“Enoque, o sétimo a partir de Adão, profetizou acerca deles: ‘Vejam, o Senhor vem com milhares de milhares de seus santos, para julgar a todos e convencer a todos os ímpios a respeito de todos os atos de impiedade que eles cometeram impiamente e acerca de todas as palavras insolentes que os pecadores ímpios falaram contra ele.’”***

A última coisa que conta ponto, a respeito da intimidade de Enoque com Deus, é que ele profetiza – minha intimidade com Deus vai gerar, automaticamente, um comprometimento com ele e uma rejeição a tudo o que é contra ele, produzindo uma palavra que mostra ao mundo que o caminho de Deus é diferente desse que ele está trilhando.

Não posso ter intimidade com alguém e não “comprar suas brigas” porque, falando de pessoas, uma das coisas que mais complicam a intimidade entre as pessoas é a sensação de que o outro (que anda e vive comigo) está sempre vigiando o meu pior. Na relação com Deus, isso equivale a estar sempre esperando o pior de Deus, colocando na conta dele tudo o de ruim que nos acontece.

Uma das reclamações mais comuns entre casais, que ouço durante os meus atendimentos em gabinete, é algo como: “pastor, minha esposa não me vê como crente; eu não consigo ser sacerdote da minha casa porque, quando eu tento, leio no semblante dela que ela não me reconhece como o homem da casa”. Mas, não são apenas os maridos que reclamam, as esposas também possuem suas queixas: “pastor, lá em casa é difícil ser crente; eu tento, mas, as pessoas fazem questão de lembrar que mês passado, eu menti – menti, mas, hoje, eu estou tentando, gente!”. Na falta de intimidade, as pessoas procuram o pior do outro e o aponta, como se estivessem torcendo para que esse pior prevalecesse.

Certa vez, atendi uma pastora de outra cidade, por telefone. Ela me ligou no domingo, depois do culto, perto da meia-noite. Eu estava voltando da igreja e atendi sua ligação, onde ela dizia que não suportava mais seu marido, o pastor da igreja, porque ele não parecia ser crente. Ela disse: “só falta ele se converter, o resto já está resolvido; meu marido, pastor, tem duas caras – eu até estou achando que ele tem dupla personalidade. No altar, ele é maravilhoso; na igreja, ele é uma pessoa ótima – tem uma paciência, que é um fenômeno, entendendo e aguentando tudo de todos. Mas, pastor, é só chegar em casa e o homem se transforma. Quando ele chega em casa...”.

E eles tinham acabado de chegar em casa, vindos da igreja, ou seja, ela precisava desabafar. Então, foi para o quarto, trancou a porta e ficou lá, despojando comigo: “meu marido, pastor, é outro quando está em casa e isso me dá tanto ódio! Todo dia, eu falo para ele ‘você tem que trazer o homem do altar para casa’”.

E, na tentativa de ajudá-la a desabafar, comecei a fazer perguntas, como: “pastora, pensando nessas duas personalidades, a do púlpito e a de casa, você acha que pode ter acontecido de alguma vez o homem do púlpito ter ido para casa e ter ficado lá por, pelo menos, um dia?”. Ela me respondeu: “agora, que você está falando nisso, sim, já aconteceu, de ele estar tão bonzinho na segunda-feira quanto estava no dia anterior, na igreja”. Eu insisti no assunto: “acha que pode ter acontecido desse homem bonzinho ter passado para a terça-feira?”. Ela disse: “olha, não é muito comum, mas, já aconteceu”.

Continuei: “acha que, alguma vez, aquele homem bom que você vê apenas no púlpito chegou a permanecer nesse estado de bondade até na quarta-feira?”. Ela disse: “não, aí, com certeza, não aconteceu – o máximo que esse comportamento durou foi até terça-feira”. Então, eu falei sobre aquele assunto com ela: “irmã, tem uma coisa complicada acontecendo – o bondoso homem do púlpito é que é a pessoa verdadeira de seu marido e o homem hipócrita que se manifesta mais em casa é o falso. O homem de casa é o resultado do conjunto de estresse, tensão emocional, descontrole e feridas latentes; esse homem escapa, acidentalmente, quando chega num ambiente seguro. Porque, normalmente, você segura toda a pressão, quando está em ambientes estranhos e inseguros, e solta essa pressão, quando está num ambiente seguro – todo mundo faz isso. Infelizmente, as pessoas que mais

amamos, por estarem em um ambiente seguro conosco, deixam que essa personalidade falsa aflore, de modo que temos que lidar com o “homem falso” delas. Na mão contrária, são elas que “pagam o pato”, de sofrer com a pressão emocional que levamos para o nosso ambiente seguro”.

Continuei falando: “então, o grande problema, irmã, é que a pessoa do púlpito é que é a verdadeira e a de casa está distorcida por um conjunto de sensações não resolvidas. Mas, o pior é que você e a sua família inteira viraram a chave e estão chamando o homem de casa de verdadeiro e o homem do púlpito, de hipócrita.

Vocês estão dando um reforço negativo para que o homem que durava até quarta-feira só consiga durar até terça-feira. Com esse tipo de reforço, a tendência é que esse homem passe a durar cada vez menos, até que, um dia, ele vai invadir o culto e fazer besteira.

Aquele homem, que você chama de verdadeiro, daqui a pouco, estará pregando no culto de domingo à noite e vai falar ou fazer alguma coisa de que você não vai gostar. Meu conselho é que você decida acreditar que o homem verdadeiro é o do púlpito e comece a trabalhar nele, para que ele consiga durar de segunda para terça, de terça para quarta, de quarta para quinta e, assim, sucessivamente, até passar de um domingo para o outro, para o outro e para o outro.”

Quando temos intimidade, nos unimos ao outro em quem ele é e o ajudamos a se tornar cada vez mais aparente. Faz uma diferença enorme quando quem você ama, te abraça quando você erra – não, com cumplicidade, mas, com socorro, ajuda e apoio. Fez uma grande diferença para a mulher adúltera, quando Jesus não jogou pedra nela e agiu no sentido de impedir que a apedrejassem. Por isso, Jesus teve força para entrar na mente dela e dizer, no final da história, “não peques mais”.

Ela o escutou porque Jesus não estava entre os apedrejadores. Se tivesse sido um deles, ela não teria considerado sua direção, quando ele disse para ela não pecar novamente. Intimidade implica em eu comprar o conjunto de crenças do outro e ajudá-lo a desenvolver isso. No seu relacionamento com Deus, intimidade é você abraçar quem Deus é e agir na contramão de quem Deus não é.

O apóstolo João falou disso, em 1 João 1.5 - NVI: ***“Esta é a mensagem que dele ouvimos e transmitimos a vocês: Deus é luz; nele não há treva alguma.”*** Então, se dissermos que somos de Deus, mas, vivermos nas trevas, seremos mentirosos. Sendo que Deus é luz, eu não posso dizer que estou com Deus e continuar andando nas trevas – porque isso não bate com quem ele é. Se eu sou de Deus, preciso tomar postura ao lado de quem ele é e isso vale para o relacionamento humano, também. Se você tem intimidade com alguém, invista em quem ele é e, não, em quem ele não é. Quer ter intimidade com Deus? Compre a briga dele. Enoque é nosso modelo para tudo o que aprendemos nesse livro, sobre a construção da intimidade, com Deus e com o outro – porque ele é a personificação da intimidade. **Portanto a quarta coisa que precisamos considerar, na prática da intimidade, é que ela exige comprometimento da nossa parte com quem o outro é.**

Em resumo...

Quero fechar esse capítulo com uma última ideia: o resultado da intimidade. Para Enoque, o resultado foi que ele se aproximou de Deus, progressivamente, até que chegou tão perto que Deus o puxou para junto de si. Esse sempre foi o plano – para Adão, Eva, Caim e para cada um de nós. Antes que ele criasse todas as coisas e seres, quando tudo ainda era um projeto, a intenção dele já era nos levar para morar com ele. O resultado final da intimidade deve ser chegarmos tão perto dele que possamos viver com Ele. Intimidade tem a ver com o experimentar da presença dele cada vez mais, de um modo cada vez mais poderoso, profundo e forte. Enoque experimentou isso e o meu desafio para você é que entenda o que define a tua intimidade e não a compare com a intimidade de ninguém, porque você não consegue ver a intimidade do outro. Então, **meu primeiro desafio para você é: construa sua intimidade baseando-se somente em você e em Deus.**

O meu segundo desafio é: você precisa dedicar e acreditar no processo. Um pouco de cada vez, todo dia um pouco mais. Você precisa tomar postura de agradar a Deus e ele vai acabar se agradando de você e te agradando. Abro um parêntese para lembrar o salmista, dizendo: ***“Deleita-te no Senhor, e ele atenderá aos desejos do seu coração”*** (Salmos 37.4). Porque, se estiver

esperando ele satisfazer o desejo do seu coração, então, você não vai agradá-lo. Você precisa se tornar agradável ao Senhor, sem esperar nada em troca e, aí, ele vai satisfazer os desejos do seu coração.

Por último, você precisa se comprometer com quem Deus é. Eu sei que a expressão “não tem nada a ver” está na moda, mas, registre: Deus é luz e nele não há treva alguma. Quem disser que está andando com Deus, mas, estiver nas trevas, na verdade, não está andando com Deus, não importa o que pense ou diga. O padrão é: quer ter intimidade, invista em quem Deus é. Saia das trevas e vá para a luz, progressivamente. Trabalhe para que, a cada dia, haja menos trevas e mais luz em você. Enoque levou trezentos anos para chegar ao ponto em que Deus o chamou para junto de si. Deus tem planejado isso para nós e quero te convidar a aceitar o desafio de andar com ele.

Capítulo 15

O Exemplo de Gômer

No capítulo anterior, em Enoque, encontramos um inquestionável exemplo de intimidade com Deus, levada ao extremo de ter ido tão longe nessa intimidade que Deus o tomou para si. Nesse mundo, influenciado pelo mal, infelizmente, para um aprendizado completo, não é suficiente ver o lado positivo de um tema. Por isso, neste capítulo, quero ir além de Enoque e pensar com você num personagem que, ao contrário dele, traduz a falta da intimidade com Deus ou a forma negativa dessa intimidade.

Veja a seguir uma paráfrase de Oséias 1.2-9, numa versão parafraseada, versículo a versículo:

- 2. “Vai e toma uma mulher que se entrega à prostituição; os filhos que vos nascerem serão os filhos da infidelidade, porquanto toda a nação é culpada do mais vergonhoso adultério: afastar-se de Yahweh e apegarse à idolatria!”. Foi assim que Yahweh começou a falar por intermédio de Oséias. Essa palavra veio como uma ordem do Senhor.**
- 3. Então Oséias obedeceu, foi e se casou com Gômer filha de Diblaim; ela engravidou e deu à luz a um filho de Oséias.**
- 4. Em seguida Yahweh ordenou a Oséias, cujo nome significa Salvação: “Põe em teu filho o nome de Jezreel, porquanto em pouco tempo castigarei a dinastia de Jeú por causa do massacre ocorrido em Jezreel, e darei fim ao reino do Norte, que é chamado de Israel.**
- 5. E quebrarei o arco de Israel naquele Dia, no vale de Jezreel.**
- 6. Gômer, cujo nome significa Completa, engravidou novamente e teve uma filha. E o SENHOR ordenou a Oséias: “Dá a menina o nome de Lo-Ruama (que significa Não-Amada), pois não mais demonstrarei compaixão e favor para com Israel a ponto de lhe conceder perdão.**
- 7. Contudo, tratarei com amor a casa de Judá, o reino do Sul, mas eles serão salvos por Yahweh seu Deus. Eis que sua vitória lhe será dada como um presente, mas não pelo seu arco, por sua espada ou por intermédio de suas táticas de guerra, tampouco pelo poder de cavalos e cavaleiros.**

8. Depois de haver desmamado sua filha Lo-Ruama, Gômer teve um outro filho.

9. Então Yahweh ordenou: “Dê ao menino o nome de LoAmi (que significa Não-Meu-Povo), porquanto não sois meu povo, tampouco sou vosso Deus.”

Quero chamar sua atenção para esse enigmático personagem, chamado Gômer, cujo nome significa *completa* – alguém que não tem falta de nada e possui todo o necessário para se tornar quem deveria ser. Para resumir essa história, Gômer era a esposa infiel do profeta Oséias, que engravidou na prática da prostituição e teve três filhos. Primeiro, um menino chamado Jezreel; Lo-Ruama, o segundo filho era uma menina e, por último, Lo-ami um outro menino.

Essa história tem uma força simbólica tão grande, que muitos teólogos acreditam que Gômer não existiu, de fato, e foi um romance criado, especificamente, para transmitir essa mensagem. Mas, a verdade é que o texto afirma, claramente, que Gômer existiu, que ela foi um personagem real e que o profeta aproveitou sua existência e sua história para transmitir a mensagem que estava desenhada em sua vida.

Na verdade, a afirmação do livro do profeta Oséias é mais ousada e profunda do que isso. Ali, está claro que Deus ordenou ao profeta que escolhesse Gômer, como uma metáfora de seu ensino. Portanto, Oséias foi direcionado a usar sua própria vida, no seu relacionamento problemático com aquela mulher (que tinha sérios distúrbios emocionais), como um símbolo didático do ensino da verdade a Israel. Quero fazer um pouco diferente do profeta Oséias, pois, em sua didática, ele não separa a metáfora do seu cumprimento, mas, vai entremeando uma coisa com a outra, falando de Gômer e, ao mesmo tempo, inserindo a mensagem pretendida.

Preciso te ajudar a entender a história dessa mulher intrigante, sem cortes, para apenas, então, explicar a mensagem contida nas entrelinhas de sua vida. Meu objetivo com isso é ajudar você a entender o que Deus está nos falando, sobre o poder e a força da intimidade e as terríveis consequências de sua ausência. No caso de Gômer, a força e o poder da falta de intimidade.

Começando com o seu nome, Gômer, que significa *completa*, porém, a falta de intimidade não permite que ela perceba isso. Não é possível termos uma

boa leitura de nós mesmos, somente através dos nossos próprios olhos. É na intimidade que nos vemos e nos lemos de forma ampla. É com o olhar do outro que nos percebemos, de fato e de forma completa.

A psicanálise diz que a primeira visão que o ser humano tem de si mesmo é a visão que recebe através do olhar da mãe. Então, quando a mãe olha o seu bebê, ele se vê e se interpreta pelo olhar dela – assim como ela o vê, ele vê a si mesmo. É através do olhar da mãe que esse bebê começa a se construir como indivíduo. Quando a mãe o vê como fofo, com olhar de carinho e afeto, esse olhar da mãe empresta para a criança a primeira percepção dela mesma.

É na intimidade que recebemos esse olhar. Quem não tem intimidade, não se vê e, como não se vê, se acha incompleto. Mas, Gômer era completa, porque seu nome significava isso. Gômer era uma moça de família nobre, filha de alguém importante, pois, aparece no cenário bíblico como a filha de Diblaim e, naquela época, principalmente, quando uma mulher era chamada pelo nome do seu pai, significava que era filha de alguém de posição social reconhecida ou amplamente conhecido na região.

Vemos algo contrário a isso, na vida de Maria Madalena. Ela era conhecida como Maria de Magdala porque, na região onde ela foi conhecida, ninguém conhecia o seu pai. Maria era irmã de Lázaro, bem conhecido em Betânia e Jerusalém, mas, completamente desconhecido em Magdala e na Galiléia. Portanto, quando alguém queria se referir a ela, quando eles estavam na Galiléia, a chamavam de Maria de Magdala, porque ali a encontraram e isso marcou sua imagem, de forma memorável.

Gômer era bem diferente de Maria Madalena. Gômer tinha um pai importante naquela sociedade e essa era a razão pela qual foi conhecida pelo nome dele. Ou seja, ao contrário do que muitos pensam, Gômer não era uma pessoa pobrezinha, miserável ou desfavorecida. Ao contrário, em nossa cultura, ela seria considerada alguém de classe média alta. Sua família tinha alguma importância social, mas, por algum motivo, Gômer não conseguiu desenvolver suas habilidades de intimidade social. Essas habilidades estavam disponíveis para ela, que as possuía em seu sistema, porém, suas feridas emocionais a impediam de acessá-las e colocá-las em prática.

O problema é que, a falta de intimidade tem um efeito nefasto na alma

humana, tendendo a empurrá-la para vícios, como o sexo pervertido e a pornografia, por exemplo. Isso, porque existe uma carência natural na alma humana, de se sentir parte de outro. E essa carência, da intimidade psicológica e emocional não preenchida, tem um efeito nefasto na alma de alguém que não usufrui de intimidade: desperta, em seu sistema emocional, uma sede enorme, que vaza para o corpo físico, levando aquela pessoa a desenvolver outras formas, pouco saudáveis, de preencher esse vazio da intimidade. É esse gatilho que faz com que Gômer se torne uma mulher de prostituições, como afirma o texto apresentado acima.

Naquele tempo, embora a prostituição fosse pecado, era uma coisa relativamente bem tolerada. Na cultura judaica daqueles dias, os pecados sexuais eram classificados por ordem, do menos grave para o mais grave, e a prostituição estava entre a fornicação e o adultério. Naquela cultura, a fornicação é o contato sexual entre duas pessoas que não tem e nem pretendem ter aliança uma com a outra. Os *fornicadores*, portanto, estão praticando a vida sexual sem se preocupar com o mal que podem fazer na vida do outro, quase uma definição de falta de intimidade. A solução que a cultura de Israel dava para isso, especialmente, quando as coisas complicavam, era que os dois se comprometessem e se casassem, assumindo uma aliança mútua.

O próximo nível de pecado sexual era a *prostituição* que, para eles, era o sexo praticado como negócio, no qual tanto homens como mulheres poderiam se envolver. Em geral, esta prática estava ligada aos cultos do templo, fazendo dessas pessoas, prostitutas e prostitutas cultuais. Inicialmente, a prática desse tipo de promiscuidade vendida era praticada no templo pagão, no qual as pessoas pagavam para acessar a divindade, o que era feito através das relações sexuais com essas pessoas, os profissionais do sexo no contexto religioso.

Dessa forma, os prostitutas eram o canal entre os pagãos e seus deuses. Relacionando-se intimamente com a prostituta do templo, o homem estaria se ligando à divindade daquele templo. Da mesma forma, ao se ligar com um prostituto do templo, a mulher estaria se ligando ao deus daquele templo. Um pouco mais à frente, essa se tornou uma prática um pouco mais usual e socialmente aceita – mais que isso, tornou-se um negócio. A coisa toda pode

nos parecer muito grave, porém, a prostituição estava entre o pecado de fornicação e o de adultério, ou seja, na escala dos pecados mais graves, ele ocupava um lugar intermediário. Então, depois do adultério, tinha outros pecados mais graves. Mas, embora, nessa escala, ele estivesse acima do pecado da fornicação, a certa altura, esse tipo de pecado tornara-se razoavelmente tolerável. Até porque, em geral, a prostituição era praticada por escravos – o dono de uma escrava a oferecia para ganhar dinheiro com o trabalho dela e, por se tratar de uma escrava, isso era socialmente bem tolerado, pois, era uma pessoa de pouca importância social.

Normalmente, não era um pecado praticado por alguém “de família”, por isso, Gômer não foi para a prostituição por ser escrava, mas, sim, por vontade própria, como uma forma de expressar e administrar seu vazio de intimidade. Ela, filha de alguém importante, iria envergonhar sua família, por estar assumindo uma atividade tão degradante e imprópria para um filho de Israel, realizada por escravos, que não eram donos da sua vontade – mas, ela era dona de si e, mesmo assim, entregara-se à prostituição. Gômer, *a completa*, sentia-se incompleta, porque não tinha intimidade e, por isso, decidiu vender seu corpo nos templos pagãos, como uma estratégia inconsciente e desesperada de preencher seu vazio emocional.

Gômer foi para essa vida de prostituição e, claro, não fazia isso com muita frequência, e nem num lugar fixo, como seria o caso de uma escrava. Pois, no caso dessas, o seu dono as enviava aos templos pagãos em dias e locais pré-determinados e regulares, cumprindo uma escala de trabalho. Não era assim com Gômer – ela fazia isso voluntariamente, para expressar seu vazio e envergonhar sua família.

A questão é que a falta de intimidade, pouco a pouco, leva a vida de Gômer para o fundo do poço e ela vai piorando como pessoa, gradativamente, afundando em suas disfuncionalidades. Então, ela passa a alimentar relacionamentos superficiais e, enquanto abandona as pessoas, tem a sensação de que são elas que a estão abandonando. Assim, Gômer se torna cada vez mais sozinha, até que chegou o momento em que os únicos relacionamentos que mantinha eram seus parceiros de prostituição.

E é neste ponto que o profeta Oséias, um homem de Deus, sério, que carregava em seu nome o significado de *salvador* e *salvação*, ele ouve a voz

de Deus, direcionando-o a se aproximar de Gômer. Um homem que, talvez, fosse solteiro, e que, provavelmente, ao decidir obedecer essa direção de Deus, teria sua vida complicada. Mas, independente dos danos que Oséias teria em sua vida, ele escutou a voz de Deus, direcionando-o a procurar Gômer e conquistá-la, convencendo-a a casar-se com ele.

Oséias não entendeu aquela direção e, provavelmente, questionou Deus sobre isso. Eu o imagino perguntando: “Deus, tem certeza que o Senhor quer isso de mim, quer isso para mim?”. E, conjecturando, imagino Deus respondendo: “sim, vá até lá e se case com Gômer. Vá e veja a completude que ela não consegue ver. Então, Oséias se casa com a *completa* e o resultado disso são três filhos. O primeiro filho se chamava Jezreel, fazendo referência ao vale de Jezreel e dando a ideia de um vale onde tudo o que se planta, nasce. Jezreel fala que, nesse vale, os reis anteriores tinham plantado uma guerra contra a família de Jezabel, mas, eles cometeram um erro. Nesta batalha, muitos filhos do povo escolhido morreram, dentre eles, prováveis futuros candidatos ao trono de Judá. E derramaram sangue inocente, apenas, porque se deixaram dominar pela raiva e violência. Assim, mataram gente que não deveriam ter matado e, agora, quatro gerações depois, chegou a hora de colher aquele plantio terrível. Por isso, o filho de Gômer recebe impresso em sua identidade a ideia de que quem planta, colhe.

O primeiro filho de Gômer é uma metáfora do primeiro filho da falta de intimidade dela e, por extensão, uma metáfora do primeiro resultado de toda falta de intimidade com Deus. Esse primeiro filho é a sentença de que chegou a hora da colheita de uma semente mal plantada, naquele fértil vale de Jezreel. Registre aqui que a falta de intimidade faz com que a gente não pare para pensar que o que fazemos hoje, nos encontrará amanhã, em forma de abundante colheita.

“Em todo o tempo ama o amigo e para a hora da angústia nasce o irmão.”
Provérbios 17. 17 - ACF

Quando o texto acima nos dá o comando divino para amar o amigo em todo tempo, está nos ajudando a entender a mesma lição sobre intimidade, aprendida com o significado do nome de Jezreel, primeiro filho de Gômer. Quando valorizo suficientemente a intimidade, mesmo sendo pequena agora, me importando com ela a ponto de valorizar o amigo, no tempo devido, essa

pequena semente vai nascer e dar uma colheita abundante.

Contudo, Jezreel também nos faz lembrar que, para a falta de intimidade, haverá colheita ainda mais abundante. A falta de intimidade nos faz agir, em nosso relacionamento com os outros, praticando atitudes de egoísmo, egocentrismo, rejeição, isolamento, julgamento e, acima de tudo, negando a existência de aliança e fidelidade. Gômer, ao contrário de Enoque, que estudamos no capítulo anterior, é símbolo e metáfora da afirmação: “eu não tenho intimidade com ninguém”.

Sem medo de errar, posso afirmar que escassez de intimidade fará as coisas se complicarem muito para toda e qualquer pessoa que escolher esse estilo de vida. Jezreel nasce, trazendo consigo, em forma de metáfora, a garantia de que você vai colher o que plantou em seu relacionamento com Deus (relacionamento vertical), mas, também, em seu relacionamento com o próximo, (relacionamento horizontal) – isso funciona com a precisão de um relógio suíço. Se não for agora, será nas próximas gerações, mas, o que foi plantado, vai acabar em colheita.

A falta de intimidade nos faz viver de modo tão superficial, que não conseguimos olhar o mal que estamos gerando na vida do outro. Superficialidade produz um tipo de violência e abuso do outro que, muitas vezes, o abusador não identifica e não percebe que está cometendo. Talvez, venha daí o dito popular, repetido em tom amargurado e em momentos de passionalidade relacional: “quem bate esquece, mas quem apanha não esquece nunca!”

Sem perceber que está abusando do outro – e que terá que pagar um alto preço por isso – o indivíduo, sem intimidade, segue vida afora, acumulando uma colheita maldita que, certamente, chegará. Mas, Gômer não produz Jezreel apenas no relacionamento horizontal. Infelizmente, ela também gerou esse mesmo resultado no seu indispensável relacionamento vertical, com Deus.

Quando não produzimos intimidade com Deus, o primeiro resultado que obtemos, a partir dessa vida vazia, é Jezreel. A falta de intimidade com Deus faz nascer um conjunto de consequências que flui do meu distanciamento de Deus: quanto mais longe de Deus, mais trevas haverá na minha vida. Desta

forma, as trevas são apenas a consequência natural do meu afastamento da luz. Quanto mais distante da luz, mais trevas haverá na minha vida. E isso, não, porque Deus ficou magoado ou chateado comigo, mas, porque Jezreel é a lei da semeadura em ação. O mal que me visita hoje é resultado do mal que eu semeei ontem. Deus não irá produzir o mal, ele será consequência das minhas escolhas de hoje.

E, se decidirmos acreditar que foi Deus quem trouxe o mal para as nossas vidas, continuaremos plantando sementes ruins, cada vez mais. O salmista diz que aquele que vai chorando e plantando sementes voltará feliz, colhendo seus molhos. O texto está dizendo que, enquanto você chora a colheita errada que você fez no passado, você não permite que o choro te obrigue a plantar mais sementes ruins. O que a maioria das pessoas faz é aproveitar a dor da colheita mal feita para plantar mais sementes ruins, de modo que, conseqüentemente, será uma colheita ruim emendada em outra e assim por diante. O resultado disso não pode ser bom, porque o indivíduo nunca vai parar de colher o que não presta.

Jezreel é filho de Gômer, pessoa completa que, por causa da falta de intimidade, produz uma colheita maligna. Então, o relacionamento com Oséias continua e, ao que tudo indica, Jezreel foi o único filho legítimo entre Oséias e Gômer. Depois do primeiro filho, Gômer voltou a sentir o vazio de intimidade crescer em sua alma e, mesmo estando casada com Oséias, ela foge, aproveita as viagens de negócios de Oséias, e vai para os velhos lugares de prostituição, onde praticava esse ofício maldito no passado. Ali, ela gerou mais dois filhos, que o texto não deixa claro se eram de Oséias, nos permitindo pensar que eram filhos ilegítimos.

Quando a segunda filha deles nasceu, o Senhor se manifestou para Oséias e disse: “essa criança, filha de prostituição e da infidelidade da sua mulher – vai se chamar Lo-Ruama, que significa *aquela que não é amada*”. Lo-Ruama é filha daquela mulher que se chama *completa*, mas, que se sente incompleta e está dominada por uma persistente sede por intimidade. Portanto, depois que a falta de intimidade gerar conseqüências e colheitas, também gerará a sensação de que ninguém me ama, ninguém me quer por perto. Agora, o coração de Gômer é tomado pela sensação de que todos os que se aproximam dela querem apenas levar vantagem e tirar algo dela, algo que lhes interessa.

A falta de intimidade faz com que não consigamos acreditar no melhor dos outros e nem no amor do outro. A falta de intimidade produz em todos e, não somente em Gômer, a sensação de não ser amado. Essa mulher completa, que vive sem intimidade com Deus, com o marido e com os filhos, carrega consigo a sensação de ser alguém que não é amada e isso faz com que se torne alguém cada vez mais amargurada, com sensações de rejeição cada vez mais profundas e intensas. As emoções dessa mulher completa vão se tornando cada vez mais tenebrosas, fazendo com que ela aumente a frequência de suas “escapadas”, para tentar buscar suprimento na prostituição.

A falta de intimidade se torna a mãe da prostituição, da venda de si mesmo, da compra do outro e do jogo de interesses, em geral. E, finalmente, essa postura desgraçada, de se adaptar para viver sem intimidade, gera mais um filho, chamado de Lo-ame – Lo-ame significa *não povo*. Com Lo-ame, vinha um recado de Deus, de que toda a parte norte de Israel não era mais o povo de Deus. Lo-ame, então, é *não povo*, profecia que se cumpriu algum tempo depois.

Deus faz uma promessa a Oséias também. Ele diz que, daqui a muito tempo, o norte e o sul iriam se unir novamente, voltando a ser um só povo, debaixo do governo de apenas um rei. Lo-ame indica que, além de produzir colheita e a sensação de não ser amado, também indica que falta de intimidade gera a sensação de não pertencimento. Através de Gômer e sua descendência, percebemos que a falta de intimidade gera:

1. A sensação de ser incompleto, mesmo sendo completo.
2. A colheita de consequências sérias, de sementeiras feitas na inconsequência e no egoísmo de não valorizar o outro, por falta de intimidade.
3. A sensação de não ser amado, independente de quanta demonstração de amor se receba.
4. A sensação de não pertencimento, mesmo fazendo parte de uma família que ama, de uma comunidade que abraça e um povo que dá cobertura.

Pertencimento é uma necessidade que, quando não satisfeita, transforma-se, na alma humana, numa sede e carência insuportáveis. Mas, de dentro desse universo de carência, será preciso aceitar que não é o outro que me faz sentir pertencente, pois, isso apenas pioraria as coisas. Sou eu que desenvolvo pertencimento, construindo intimidade saudável. A intimidade funciona como ativador da sensação de pertencimento. Então, quando não me sinto pertencendo, preciso procurar em mim as feridas causadoras dessa sensação, para curar e resolver isso, de modo que o pertencimento seja resolvido.

Relacionando essas três histórias de intimidades perdidas com a história do filho pródigo, o evangelho de Lucas, no capítulo 15, nos conta que o pai dele libera seu amado menino para ir embora, respeitando seu direito de não querer intimidade. Neste cenário, pintado por Lucas com cores muito vivas e emoções que escapam à narrativa, nenhum dos dois filhos sentia que pertencia àquela casa. A falta de pertencimento é uma marca da orfandade e da falta de intimidade.

Recapitulando, para não “perder o fio da meada”: Gômer, em sua missão, de ser uma metáfora sobre o poder da intimidade, nos oferece três filhos e quatro lições. Portanto, após o nascimento do terceiro filho, a sensação de não pertencer àquela família, cresceu assustadoramente. Em uma de suas “saídas”, Gômer recebeu a proposta de um homem que, em sua capacidade de abusar, sabia, como ninguém, jogar o jogo de interesses.

Ele era um daqueles aliciadores de mulheres para a prostituição “profissional” e propôs a ela largar seu marido e filhos e ir viver com ele. Seu grande interesse em Gômer era por ver que, diferentemente de suas escravas, ela demonstrava gostar de “praticar o ofício”, embora, não conseguisse esconder a angústia que carregava no peito.

A sede de pertencimento de Gômer fez com que ela sentisse atração por aquele homem e por seu mundo, que ofereceu pertencimento a ela - quem se sente sujo sempre achará pertencimento quando estiver em meio à sujeira e junto aos porcos, mas, isso não deu certo com Gômer, com o filho pródigo e não dará certo com ninguém.

Então, Gômer foge na calada da noite e vai para a casa daquele homem com quem, naquele momento, ela parecia ter tanta afinidade. Porém, chegando lá,

ela descobriu que já existiam outras “Gômers” que, como aconteceu com ela, tornaram-se reféns de sua própria dor. Para piorar um pouco mais, durante vários dias, Gômer passou fome. Contudo, voltar para casa não era uma opção, pois, em sua percepção, a forma como saiu de lá fechou todas as portas atrás de si.

Logo, Oséias ficou sabendo que ela passava necessidade do básico para viver e da forma violenta com que era tratada pelo dono daquela casa e fez chegar alimento para Gômer que, sentindo-se ofendida e humilhada, rejeitou aquele ato de bondade e se afastou ainda mais de seu marido, recusando receber alimento dele e demonstrando amargura contra ele. Oséias conseguiu um jeito de fazer chegar alimentos suficientes para sustentar Gômer, de forma anônima, para não correr o risco de que, rejeitando novamente o alimento, ela viesse a adoecer por passar fome.

Mesmo sabendo que não fazia sentido, por não ser da natureza de seu escravizador tratar suas escravas com cuidado, Gômer decide acreditar que é dele que vem a comida diferenciada que encontra sobre sua cama diariamente e que está sendo mais bem alimentada que as outras e que encontrar pequenos presentes escondidos entre seus pertences era a manifestação secreta do carinho de seu escravizador. Ela prefere acreditar nisso a admitir o que, no íntimo de seu ser, já sabia – que seu marido a amava e continuava a sustentá-la, mesmo ali naquele lugar de desonra. Sua dor, no entanto, a faz odiá-lo ainda mais, quando pensa que ele, certamente, estava fazendo tudo que era possível ser feito por ela, apesar de todas as suas escolhas erradas – ela o odiava porque se reconhecia merecedora de um desprezo que ele não era capaz de sentir.

“Todavia ela não quis reconhecer que fui Eu quem lhe propiciou o trigo, o vinho e o azeite, e lhe multipliquei a prata e o ouro, que eles usaram no culto a Baal.” Oséias 2. 8 - KJA

Deus estava usando aquela história para dizer a Israel que era ele quem o sustentava o tempo todo, mesmo que insistissem em dizer que era Baal que lhes dava todo aquele suprimento. Gômer é a representação viva dessa ingratidão e deslealdade.

Na medida em que o tempo foi passando, sem que sua sede de intimidade

fosse suprida, foi-se instalando na alma de Gômer uma necessidade de encontrar mais subterfúgios, que servissem como paliativos para sua dor. Esses paliativos, com frequência, são experiências e comportamentos que viciam e escravizam. A satisfação passageira conseguida com esses vícios, além de a fazerem querer cada vez mais daquele vício, escravizando-a mais e mais, também a inspira e convence a rejeitar a intimidade verdadeira, fazendo com que sinta essa intimidade como algo falso, inalcançável e inacreditável. Assim, um abismo chama outro abismo e ela se torna, cada vez mais, uma versão piorada de si mesma.

Por outro lado, quando alguém oferecia intimidade falsa, dentro de um jogo de interesses, que pode explorar e abusar, era muito mais fácil de Gômer aceitar, por coincidir com seu atual estado emocional. Para Gômer, era muito difícil confiar numa relação com gente comprometida, que paga o preço para viver em aliança, aceitando que gente é difícil de lidar e que amar alguém implica em aceitar o outro como ele é, enquanto o ajuda a se tornar alguém melhor. Gômer, vivendo na casa do último amante, estava cada vez pior – física, emocional e espiritualmente. E, embora ainda recebesse suprimentos de Oséias, continuava a sofrer maus tratos, que lhe debilitava a saúde em muitos sentidos.

Percebendo que seus lucros, com a prostituição de Gômer, estavam cada vez mais escassos, aquele seu novo “marido” fraudou uma documentação, para ter o direito de vendê-la como escrava. Gômer, então, foi vendida para um atravessador, que a revendeu para um mercado de escravos famoso, dali daquelas redondezas.

Oséias ficou sabendo disso a tempo de intervir e descobriu que Gômer estaria à venda naquele leilão, entre as mercadorias mais desvalorizadas. E eu imagino que, quando Oséias chegou ao leilão, deixando clara a sua intenção de comprar aquela mulher, os que sabiam de sua história, certamente, imaginaram que Oséias estava ali para se sentir vingado de Gômer, sendo testemunha de sua desgraça, como consequência de suas escolhas. Os que não pensaram isso, devem ter pensado que ele tinha enlouquecido ou era um idiota, por pagar caro por uma mercadoria já tão debilitada e, portanto, sem valor.

Assim, quando Oséias levanta a mão e oferece um lance mais alto que o

preço inicial, deixando claro que estava ali para comprar Gômer, certamente, os outros comerciantes imaginaram que ele planejava algum tipo de vingança macabra. Mas, tudo foi esclarecido, pois, quando tomou posse de sua mais nova aquisição, Oséias tirou o tecido negro que lhe cobria o rosto e a cabeça, soltou suas correntes e, apesar de seu estado de higiene corporal estar precário, ele a abraçou, carinhosamente, e chorou, enquanto lhe declarava o seu amor, sussurrando ao seu ouvido.

Ao saber que tinha sido comprada por Oséias, e ainda tentando entender tudo aquilo, Gômer ouve do seu novo dono que ele a estava comprando para que ela fosse sua esposa novamente e pudesse voltar para casa, para, assim, viverem casados para sempre. Ao que tudo indica, Oséias conseguiu ensinar a Gômer que qualquer relacionamento de intimidade é construído de modo processual e com muita perseverança. A história de Gômer começou no coração de Deus. Foi Ele que mandou Oséias se casar com aquela mulher, cuja construção andava na contramão da intimidade. Deus nos revelou essa história para nos ensinar duas coisas:

1. A Intimidade, que precisamos tanto e que vai nos fazer sentir completos, é construída progressivamente, com uma busca que inclui dedicação, insistência e perseverança. Definitivamente, intimidade não é algo que acontece como num passe de mágica. Deus deseja nos ensinar que, quando queremos intimidade instantânea, não teremos nenhuma intimidade. Deus nos ensina, através de Gômer, que tudo o que precisamos, em termos de intimidade, não brota naturalmente e é preciso aceitar isso. Isso vale para os relacionamentos horizontais e para o relacionamento vertical com Deus.
2. Deus está sendo representado por Oséias, nesta história, e não é à toa que o nome *Oséias* significa *salvador*. Em Oséias, Deus está dizendo: “eu não desisto de você, eu planejei, desde a eternidade, antes que houvesse mundo, que eu iria morar com você, no final das contas, e não desisto disso. Se você se perder, eu te compro de novo”. E ele cumpriu essa promessa na cruz, mesmo sendo a parte desinteressada da história, a parte rica e nobre da relação, aquele que todos querem e que poderia nos esnobar, se quisesse.

Justamente, ele – desceu do pedestal e virou gente para morrer por nós, mesmo sem precisar da gente. Em Oséias, Deus se releva como aquele que vai pagar qualquer preço para nos atrair de volta. E a ideia por trás disso é vista, claramente, na relação de Oséias com Gômer, a *completa*.

A qualquer momento, Oséias poderia ter desistido daquela mulher. Ele poderia ter dito: “você não vale a pena”. Mas, ao invés disso, ele disse: “eu sei que você é completa. Quem não vê isso é você! Eu sei que o vazio que você tem aí dentro pode ser preenchido, quem não acredita nisso é você. Esses filhos, que você gerou na prostituição, são meus filhos, porque foram gerados por minha mulher. Eu me recuso a deixar meus filhos serem sustentados por qualquer homem. São meus filhos e minha mulher – e eu vou pagar o preço para resgatá-los.”

Oséias representa Deus, nesta busca incessante por intimidade conosco. Já Gômer representa a mim e você, que fomos fabricados com esse vazio de intimidade. E por que fomos fabricados com este vazio? Por duas razões. Primeiro, porque Deus nos criou para ter intimidade, ou seja, nenhum ser humano foi feito para viver sozinho. Então, o ser humano tem um vazio de intimidade que precisa ser preenchido, horizontal e verticalmente. Ao nos fabricar com esse vazio, Deus nos impulsiona, gentilmente, a buscar o que nos falta.

E Deus, bondosamente, se colocou como o Oséias da história. Ele já se tarjou como aquele que não vai desistir de você e da intimidade. O desafio para nós, visto na história simbólica de Gômer, é admitir que somos completos, mas, que há um vazio a ser preenchido. Quando este vazio é preenchido, eu percebo que sou completo, mas, quando o vazio não é preenchido, eu me sinto incompleto. Eu preciso admitir esse vazio e que não estou vendo minha completude.

E mais, preciso admitir que, na busca por preencher este vazio de forma errada, vou ter consequências em Jezreel e, porque terei consequências, as próprias consequências irão gerar, no meu coração, a sensação de que não sou amado. Eu preciso reconhecer que a última instância disso é a sensação de não pertencimento. E é nessa última instância que irei perder as pessoas mais importantes da minha vida. Porque elas pertencem, mas, eu não sinto

que elas pertencem. Intimidade com o divino é fruto da minha decisão de construir intimidade e do meu esforço nessa direção. Ninguém vai ter isso automaticamente, mas, é algo que depende de nosso esforço e persistência.

Capítulo 16

Bebendo da Fidelidade de Deus

“As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade.” Lamentações 3. 22, 23 - ARA

Quando Jeremias falou isso, inspirado por Deus, ninguém notou, mas, o povo de Israel estava sendo salvo da extinção, através deste decreto. E, quando olhamos para história desse povo, percebemos que a profecia de Jeremias era verdade, pois, se cumpriu – hoje, Israel é uma das maiores potências do mundo. A nação de Israel é resultado dessa fidelidade e misericórdia, revelada nesse texto.

A misericórdia e a fidelidade de Deus são duas forças descomuns e tremendas que impedem Israel de ser completamente consumido pelo inimigo. Note, nesse texto, que é a fidelidade que sustenta a misericórdia de Deus para com Israel – o que também acontece conosco, em nossos dias.

Jeremias não está dizendo que Israel não vai pagar o preço das suas decisões erradas, mas, que, mesmo “quando a conta chegasse”, o Eterno ainda os sustentaria e cuidaria deles. A ideia, por trás disso, é que Deus é fiel e, por causa dessa fidelidade, ele tem misericórdia, impedindo Israel de ser completamente destruído.

Antes de aprofundar a ideia de fidelidade, perceba que isso acontece na campanha da babilônia para dominar o mundo. Nesta época, Nabucodonosor estava no governo, era a fase inicial do seu tempo de conquista e Jerusalém estavam entre as terras que seriam conquistadas, segundo os seus planos.

É nesse ponto que Deus fala, através do profeta Jeremias, que, se não fossem os pecados de Manassés, os israelitas não teriam sido atacados daquela maneira. Lembrando que Manassés tinha sido um rei ímpio, que fez o que o Senhor desaprova e detesta. Ele ocupou o trono não muito antes daquele momento e reinou em Israel por mais de cinquenta anos, deixando um grande

saldo de pecados não resolvidos. Infelizmente, por causa do acúmulo dos seus pecados, Israel teria que ir para o cativeiro. Mas, chegando lá, Deus o libertaria e o traria de volta, setenta anos depois. Muitos, em Jerusalém, não confiaram na fidelidade de Deus e, por causa disso, se rebelaram e pagaram um preço muito mais caro.

Mesmo assim, Jeremias continua cantando sua canção e dizendo que as misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos. Por causa da sua fidelidade, porque Deus é fiel. Ao olharmos para a história, daqui, de onde estamos, a profecia de Jeremias se cumpriu. Em muitos momentos da história, Israel se vê nessa mesma situação e Deus sempre faz intervenção e o salva. Inclusive, Deus o salva dele mesmo, porque ele é fiel e suas misericórdias não tem fim.

Há quase dois mil anos, o famoso general Tito, representando o Império Romano, invadiu Jerusalém e o templo foi jogado ao chão, completamente destruído. Então, a terra sagrada foi renomeada e passou a ser chamada de Palestina, em homenagem aos filisteus, os arquirrivals dos israelitas. A partir de então, Israel passou um longo tempo longe de sua terra de direito.

Por muitas vezes, Israel experimentou dessa fidelidade divina, que gera misericórdia, até que, em 1967, a cidade de Jerusalém foi tomada em parte e feita capital de Israel – desde então Israel só cresce e aparece. Assim, deixando claro que, todas as vezes que o inimigo tentou destruir Israel, as misericórdias do Senhor não permitiu que ele tivesse êxito.

Isso continua acontecendo em nossos dias e, quando o mundo se volta contra Israel e se une para destruí-lo, Deus intervém e preserva o seu remanescente. Uma estreita faixa de terra, contra a maioria das nações da terra e, mesmo assim, o mundo não consegue destruí-lo – porque Deus é Deus e decidiu que protegerá o seu povo.

Ao entender o que Deus fez e tem feito por Israel, por conta de sua misericórdia e fidelidade, podemos, então, aplicar isso a nós. Sabendo que a misericórdia e a fidelidade de Deus estão atuando em nosso favor, vemos que ele age por nós – para nos livrar de nós mesmos, dos nossos inimigos, de nossas decisões erradas e de todas as besteiras que fazemos, colocando a nossa vida em risco.

Para aplicarmos o conceito de misericórdia e fidelidade, é importante entender o que, de fato, cada uma delas significa. Primeiro, precisamos entender que a misericórdia depende da fidelidade, estando, assim, submetida a ela. Dessa forma, só existirá misericórdia se existir fidelidade. Então, o que nos interessa, realmente, é a fidelidade. E, embora todos digam que Deus é fiel, muitos não fazem a menor ideia do que isso significa. Misericórdia, neste texto, traz consigo a ideia de ser capaz de sentir a miséria do outro no meu próprio coração. Implica em aceitar que a dor e a miséria do outro são da minha conta, seja o tipo de miséria que for – na saúde física, financeira, nos relacionamentos, etc.

O que importa aqui não é qual seja miséria, mas, que a miséria do outro me importa, é da minha conta – e a capacidade de aplicar meu coração nisso, sentindo a dor do outro e tomando postura a respeito da miséria do outro. Isso indica que, muitas vezes, na minha vida com Deus, na vida e nos meus relacionamentos, vai acontecer da miséria me visitar, por vários motivos. Não importa porque a miséria veio, o que importa é que alguém mais poderoso diz que a miséria é da conta dele – é a fidelidade que faz com que a misericórdia tenha efeito. Entenda: a sua miséria é da conta de Deus e ele não permanecerá alheio a isso.

A palavra *fidelidade* ou *fiel* fala daquele que honra o seu compromisso com uma aliança. Ser *fiel* implica na existência de uma aliança e meu compromisso de honrá-la, me recusando a praticar a deslealdade e traição com essa aliança. Quando pratico deslealdade, dentro da aliança, estou sendo infiel a ela. Deslealdade implica em haver uma aliança que foi quebrada. O que faz com que alguém tenha misericórdia é uma aliança, e porque ele tem aliança, ele é fiel. Então, a misericórdia surge. Ser fiel é entender e respeitar a aliança.

Podemos entender isso de duas formas: objetiva e subjetivamente. De forma objetiva e prática, implica em que tenho uma aliança com alguém e estou decidido a não trair essa aliança. Então, quando eu decido isso, de forma objetiva, estou dizendo: “eu sou fiel”. Aqui, cabe um parêntese para explicar a diferença entre deslealdade e traição.

Deslealdade: acontece quando tenho uma aliança com alguém, publicamente comprovada, mas, ajo como se não houvesse aliança alguma. Tais ações

negam a aliança, pois vão na contramão dela. Um exemplo seria um homem casado que, embora reconheça a esposa como sua, recusase a pagar o preço dessa aliança. Na deslealdade, um não defende o outro do seu inimigo e age como Pedro, que negou conhecer Jesus.

Traição: é a deslealdade um pouco piorada. Acontece quando tenho uma aliança com alguém, mas, vou além no desrespeito e ajo como um inimigo agiria. O inimigo é aquela pessoa que tem uma atitude contrária à aliança. Se, na aliança, tenho obrigação de defender o outro, na traição, me posiciono para atacar. A traição é quando trato meu aliado como inimigo – a aliança me pede para cuidar e proteger o outro, porém, ao invés disso, eu o maltrato. Na traição, superamos a deslealdade e, além de não defender o outro, o entregamos ao inimigo – como Judas fez com Jesus.

Subjetivamente, a fidelidade acontece quando meu conjunto de crenças e valores estão acima de qualquer pessoa e qualquer coisa, a ponto de nada poder ficar entre mim e meus valores. Eu tenho um conjunto de crenças, princípios e valores e me comprometo a ser leal a todas elas – essa pessoa também é chamada de uma pessoa fiel. Nesse caso, ela é fiel a si mesma, incluindo, às suas próprias crenças, princípios e valores.

Quando Jeremias se expressou de forma poética, a respeito da grande fidelidade de Deus, estava fazendo referência a uma fidelidade objetiva e muito pragmática, mas, também falava da fidelidade subjetiva e pessoal. A fidelidade objetiva dele, sendo fiel a nós, acontece, apenas, por causa da fidelidade subjetiva dele, sendo fiel a si mesmo.

E impossível estudar a história humana sem admitir que é comum ver muitos seres humanos sendo infiéis às suas alianças, mas, também sendo infiéis às suas crenças, princípios e valores. A fidelidade precisa ser construída na natureza humana. Ela precisa ser montada, pedaço a pedaço, e, por isso, é natural que a relação do homem com Deus seja complicada. Porque, muitas vezes, a fidelidade de Deus, que não falha, precisa gerar misericórdia, na aliança dele conosco, pois, a aliança foi quebrada de nossa parte.

“Esta palavra é digna de confiança: Se morremos com ele, com ele também viveremos; se perseveramos, com ele também reinaremos. Se o negamos, ele também nos negará; se somos infiéis, ele permanece fiel, pois não pode

negar-se a si mesmo.” 2 Timóteo 2. 11-13 - NVI

O apóstolo Paulo está dizendo que fiel é essa palavra, o que significa que ela será sempre leal, ou seja, não trairá e nem será desleal ao sentido da mensagem que está anunciando. Portanto, ninguém nunca conseguirá provar que essa palavra é mentira.

Essa fala de Paulo está diretamente ligada à nossa relação com a fidelidade de Deus. É verdade que, por causa de sua fidelidade objetiva e subjetiva, ele não vai trair nunca. Portanto, é verdade que isso faz Deus ter misericórdia de nós, fazendo com que nossa miséria seja da conta dele.

No versículo 12, do texto acima, Paulo deixa claro que a fidelidade de Deus não vai impedir que ele nos negue. Mas, Deus não ficará de “cara virada” para nós – a negação dele implica em que, quando o inimigo se levantar contra nós, a aliança que ele tem conosco vai despertar sua fidelidade e isso fará com que ele queira e esteja pronto a nos ajudar.

Contudo, também é nesse ponto que a fidelidade subjetiva de Deus, ou seja, a fidelidade com seus próprios princípios, o fará permitir que o inimigo cobre a dívida construída por nós. E, imediatamente depois disso, esse Deus, misericordiosamente, vai nos resgatar, nos socorrer e nos tirar daquele buraco no nos mesmos nos metemos. Muitas vezes, voltaremos para aquele mesmo buraco e Deus irá nos tirar de lá, de novo – porque ele é desses, que não desiste dos seus. Porém, muitas vezes, ele precisa ficar parado, sem agir em nosso favor, justamente, porque negamos a aliança.

Hoje, o que Deus tem para nós é um convite, para aceitarmos que o seu chamado para nós é melhor, porém, para que ele se cumpra, da forma como ele planejou, precisamos sustentar nossa aliança. Está na hora de tomarmos postura, diante dessa necessidade de perseverar e ser fiel a ele, da mesma forma que ele é fiel a nós.

Sendo leais a ele como ele é leal a nós, não iremos traí-lo, pois, disso depende a nossa vida. O inimigo está sempre à espreita e sempre que abrimos mão da nossa aliança com Deus, Satanás aparece para cobrar a conta e nos fazer mal.

Será, então, que pagaremos o caro preço de estar longe da intimidade com Deus e que, mesmo assim, clamaremos a ele, que, mais uma vez, nos resgatará? Sim, mas, até quando ficaremos nessa brincadeira de apagar e acender a luz do socorro de Deus sobre nós? Deus te desafia, hoje, a tomar a postura de ser, definitivamente, fiel a ele e responder à aliança que fez com ele, deixando-o cumprir o plano que fez para sua vida, desde a fundação do mundo.

Quando Jesus morreu na cruz, expondo-se vergonhosamente, ele estava unindo as duas fidelidades. É, então que, aquele Eterno, Altíssimo e Deus Todo Poderoso declara que será absolutamente fiel à aliança que tem conosco, mas, também, que será absolutamente fiel à aliança, porque tem seus próprios valores, princípios e crenças.

Deus nunca nos socorrerá, trazendo providência de forma ilegal! Ele nunca negaria que a luz sempre será luz e que as trevas sempre serão trevas. A vergonha da cruz é a solução de Deus para quem quer ter aliança com ele, ao mesmo tempo que resolve sua necessidade de ser fiel a si mesmo.

O fato é que, na cruz, você resolve o problema da escolha, pois, sem escolha, a intimidade com Deus seria apenas abuso de poder e Deus nunca invade territórios e nunca será o abusador, em nenhum relacionamento. Além disso, quando você aceita o cancelamento do pecado, indo até a cruz, através daquela vergonhosa morte, ele, automaticamente, paga sua conta e liquida sua dívida com as trevas.

Em Jesus, você tem todo o socorro necessário porque, independente do tamanho da sua dívida, o seu sacrifício é suficiente para pagá-la. E, então, Deus está livre para agir em aliança contigo e tudo o que está ligado a você, sem ser infiel a si mesmo.

Portanto, o chamado de Deus, hoje, é para que paremos de deixar tudo apenas na conta da fidelidade dele, pois, a fidelidade de Deus precisa encontrar fidelidade em nós, para ter a força necessária de nos resgatar e conduzir a um relacionamento íntimo e eterno com o Pai. Está na hora de você resolver sua vida com Deus, para que tudo ao seu redor se resolva em Deus. Tome postura com ele, pois, o sonho dele, desde a eternidade, é poder morar com você.

“Na casa de meu Pai há muitos aposentos; se não fosse assim, Eu o teria dito a vós. Portanto, vou para prepararvos lugar. 3. E, quando Eu me for e vos tiver preparado um lugar, virei de novo e vos levarei para mim, a fim de que, onde Eu estiver, estejais vós também.”

João 14. 2, 3 - KJA

Conclusão

Nos capítulos onze e doze, pensamos juntos sobre práticas importantes, no sentido de fazer com que a intimidade com Deus seja desenvolvida. Então, quero concluir esse livro, voltando àquele tema. Transcrevo, abaixo, as sete posturas pragmáticas que trabalhei no capítulo 12, para construirmos a intimidade com Deus, na prática.

Recomendo que você encerre este livro fazendo uma autoavaliação em cada uma delas e tomando a firme decisão de trabalhar, de forma objetiva e efetiva, cada uma dessas posturas, em sua própria vida. Comece dando nota si mesmo, uma por uma; depois, volte a cada uma e se pergunte como pode melhorar naquela área, para alcançar uma intimidade com Deus cada vez mais profunda.

Posturas Práticas, Na Busca Pela Intimidade Com Deus

1. Saiba, com clareza, quais são suas crenças a respeito de Deus e seu relacionamento com ele.
2. Aprenda a separar o que sente daquilo que acredita, resolvendo suas emoções em relação a Deus, objetivamente.
3. Pratique fisioterapia comportamental com propósito específico, no intuito de melhorar sua capacidade de se relacionar.
4. Invista tempo no relacionamento com Deus, propositalmente.
5. Faça um esforço planejado para entender e aceitar o agir de Deus, especialmente, quando suas ações não fizerem sentido. Lembre-se que o relacionamento com Deus é, necessariamente, uma relação de fé.
6. Escute o coração de Deus, de propósito, mesmo que você não entenda o que ele está falando naquele momento.
7. Use a imaginação para ter momentos de intimidade com Deus.

Intimidade

Uma história de amor
Precisa ter um final feliz.

E eu sinto tanto sua ausência...
Mas, não valorizo a minha dor, a minha carência
E, dia após dia, sol e lua se alternando no céu
Não me permitem esquecer o aroma daquele véu
Se rasgando em dois, me mostrando o caminho da paz Podem me achar
estranho, mas, para mim, tanto faz.

Eu só quero você, com tudo o que você tem, de bom e de ruim
Porque é meu o legado daquele jardim
O mundo que me cerca, me seguindo em meus passos
A roubar meus cânticos, por vezes, tão escassos
Me fazem reagir: ‘não!’ – agora é a minha vez
De compartilhar da sua vergonha, sofrimento e nudez.

E um suspiro profundo sai do meu peito
Preso no seu olhar, meu espírito, feito e refeito
Corajosamente, nesse olhar me abrigo
Quando eu imagino meu encontro contigo O tempo e a distância, que
pareciam sem fim Hoje é você, meu desejo maior, se cumprindo em mim.

O escárnio e a zombaria, o silêncio e a exposição
São meu e teu, bem como o vexame e a aflição
Mas, nada significam diante desse olhar
Que me traz esse gosto de vida, esse cheiro de brisa e esse
som de mar

Logo ao esmaecer da imagem da cruz
Olhar vívido, presente, fogo e luz.
Uma vida inteira de espera e saudade
Coração sofrido, em busca de santidade
Em alegre louvor, com cheiro de jasmim
Findou-se a espera, eu novamente em seu jardim.

Uma união intensa, sem nenhuma maldade
Expressão da perfeita intimidade.

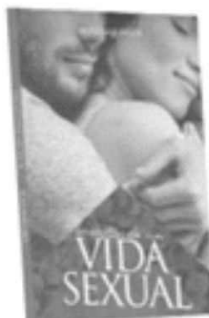
Porque uma história de amor
Precisa ter um final feliz.

Alexandra Macedo Leite
(março/2021)



DICAS DO GRANDE MESTRE

Algumas pessoas parecem saber algo que outros não sabem ou ter algo que outros não têm. A boa notícia é que o maior Mestre de todos os tempos, o Senhor Jesus o conhece e o melhor, já o compartilhou conosco em sua palavra.



INVESTINDO NA VIDA SEXUAL

Compreender como funciona o sexo na relação conjugal vai te possibilitar fazer investimentos nessa área de forma planejada, construtiva e progressiva para que a vida sexual funcione de forma adequada e permanente.



SOBREVIVENTE

"Declarou Jesus: Eu também não a condeno. Agora vá e abandone a sua vida de pecado." (João 8: 11)

Apenas Ele, compreende plenamente o sobrevivente, aquele que veio de uma infância complicada e agora precisa entender a si mesmo para relacionar-se melhor com Deus e com os outros, para que estes relacionamentos não lhe façam mais mal do que bem.



REVENDO AS BASES

Nossa construção já tem um acabamento bonito, bem polido, bem pintado e, quando Deus nos mostra que nossa base está podre, não temos coragem de mexer. E por que? Ora, quem iria querer mexer num prédio que já está acabado?

Seja bem vindo a bordo! Este livro será uma aventura pra você. Deus vai mexer com suas bases e você nunca mais será a mesma pessoa.



APRENDENDO A ORAR DE VERDADE

Neste livro, vamos nos voltar para aquele que é o maior representante de Deus de todos os tempos, aquele que veio ao mundo representar Deus. Vamos perguntar para o Senhor Jesus como é que o Deus de Abraão quer que oremos a Ele?



PROSPERIDADE DA ALMA PROSPERIDADE TOTAL

O estado da nossa alma atrai aquilo que lhe é similar e, saber disso, pode mudar nossa vida, a partir do momento que entendemos e aplicamos esse segredo, tratando as feridas da nossa alma para que ela atraia somente o que é bom para nossa vida.



ORANDO PARA FECHAR AS BRECHAS

Nosso conceito de brecha espiritual parte de um pressuposto bíblico de que a luz da presença do Deus de Abraão entra em nossa vida, em nosso mundo e em nossa dimensão pela porta, mas as trevas, para o mesmo objetivo precisam de brechas. Este livro é uma revelação vinda da parte de Deus sobre o poder da oração para fechar tais brechas espirituais que as trevas muitas vezes conseguem acessar contra nós.



GRATIDÃO IMPRESCINDÍVEL

Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco” 1 Tessalonissenses 5.18.

É preciso não apenas entender esse princípio, mas também praticá-lo corretamente, nos empurrando para desfrutar das alegrias e dos resultados que vem com o hábito da gratidão.



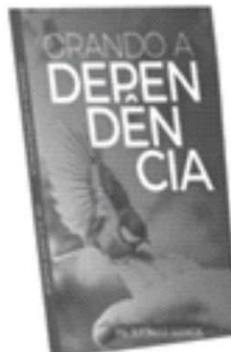
LEI DA SEMEADURA

"Aquele que supre a semente ao que semeia e o pão ao que come também lhes suprirá e multiplicará a semente e fará crescer os frutos da sua justiça."
Vamos descobrir a verdade contida nas Escrituras a respeito do ato de semear, para sermos capazes de, dentro desse tema, achar nossa própria base de fé.



FILOSOFIA DA PROSPERIDADE

Neste livro o autor avalia as crenças financeiras comuns no seio da Igreja do nosso tempo à luz das Escrituras, buscando com fé uma intervenção de Deus. Você será inspirado a confiar que o Deus de Abraão é o Deus da prosperidade.



ORANDO A DEPENDÊNCIA

Na medida em que caminha no trilho da dependência, você desfrutará dos grandes tesouros de Deus, aqueles que Ele preparou para aqueles que o amam.

Leia mais!

Sobre o autor

Pr Jucimar Ramos

Jucimar Ramos é pastor, palestrante e escritor com mais de 40 títulos lançados em livros, CDs e DVDs.

Sendo ministro de Cura Interior desde 1991, foi treinado pelo Ministério REVER MAPI/SEPAL com certificação em Mestre em Cura Interior.

É pastor Sênior da Igreja Monte Sião de Linhares desde o ano 2000. É presidente do Ministério Bálsamo de Gileade, que presta assessoria a pastores, igrejas e comunidades, levantando e treinando ministérios de apoio emocional e espiritual, em vários estados do Brasil.

Pr. Jucimar vem cumprindo o desafio de ajudar líderes e ministérios através do aconselhamento pastoral e mentoreamento e, conseqüentemente, ajudando igrejas a resolverem alguns desafios que sugam a vida espiritual, emocional, e fazem com que deixem de fluir na vida que Deus planejou. Com isso, vários ministérios e igrejas ao longo desses anos, têm sido revitalizados e restaurados pela unção do Espírito Santo de Deus.

É casado com a Pra. Berenice e tem dois filhos, Marcos e Mhayza.